



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL RURAL  
DE PERNAMBUCO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE  
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – FUNDAJ  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES  
MESTRADO**

**MARLON ANDERSON DE OLIVEIRA**

**O SENTIDO DE SER JOVEM E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM UMA ESCOLA  
DE ENSINO MÉDIO EM UM MUNICÍPIO DA REGIÃO CANAVIEIRA DE  
PERNAMBUCO**

RECIFE/2018.1

MARLON ANDERSON DE OLIVEIRA

**O SENTIDO DE SER JOVEM E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM UMA ESCOLA  
DE ENSINO MÉDIO EM UM MUNICÍPIO DA REGIÃO CANAVIEIRA DE  
PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE/Fundação Joaquim Nabuco-FUNDAJ, sob a orientação do Prof. Dr. Mauricio Antunes Tavares.

MARLON ANDERSON DE OLIVEIRA

**O SENTIDO DE SER JOVEM E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM UMA ESCOLA  
DE ENSINO MÉDIO EM UM MUNICÍPIO DA REGIÃO CANAVIEIRA DE  
PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada como exigência parcial à obtenção de título de Mestre em Educação, Culturas e Identidades, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Mauricio Antunes Tavares (Orientador, PPGECCI-FUNDAJ/UFRPE)

---

Prof. Dr. Joanildo de Albuquerque Burity (titular externo, PROFSOCIO-FUNDAJ)

---

Profa. Dra. Denise Botelho (titular interno, PPGECCI-FUNDAJ/UFRPE)

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico, este trabalho a minha Família:  
Patricia Ranielle Silva de Oliveira, Matheus Fernando Silva de Oliveira, Beatriz Luiza  
Silva de Oliveira, Allyson José Calazans de Oliveira, Fernando José da Silva, Maria  
Luiza de Oliveira, Maria Francinete de Oliveira, Gilson da Silva Brasil, Marcos André  
de Oliveira, Manoel Santana de Oliveira Filho (in memorian), Maria Ivone de Oliveira  
Brito, Josenildo Tavares de Brito, Manoel Tavares de Brito Neto, Kleyton Manoel  
Sobral de Oliveira, Jennifer Daniele Sobral de Oliveira.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus.

A meus pais, esposa e filhos, pela dedicação e amor que me deram, pela formação humana e cristã, pelos valores e princípios transmitidos e o apoio incondicional nesta jornada.

Ao Programa do Mestrado em Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/FUNDAJ), pela concretização de um projeto de vida, um sonho realizado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Mauricio Antunes Tavares, pela amizade, companheirismo, dedicação, sinceridade e, acima de qualquer coisa, pelo profissionalismo.

A todos os professores do Mestrado.

## RESUMO

Este trabalho é uma dissertação acerca da relação entre os jovens e a diversidade religiosa presente no espaço escolar. Nosso objeto de estudo centra-se no seguinte problema: compreender as relações entre as formas de vivenciar a juventude e as experiências religiosas manifestadas no espaço escolar, a partir da realidade observada entre os estudantes do 3º ano de uma escola de Ensino Médio em um município da região canavieira de Pernambuco. O objetivo deste estudo é entender como as experiências religiosas manifestadas no espaço escolar dão sentido a condição juvenil destes estudantes. A pesquisa contribui para o debate acerca das questões sobre religiosidade em escolas públicas considerando que esta, mesmo sendo um espaço laico, abriga práticas sociais em que se manifestam a diversidade cultural e religiosa dos sujeitos que nela transitam. Nosso aporte teórico para a compreensão dessa realidade articula os conceitos de juventudes, experiência e diversidade religiosa a partir de perspectivas analíticas que privilegiam o enfoque das relações e processos relacionais, iluminando os caminhos da diversidade e complexidade no estudo das sociedades. A metodologia que aplicamos, com o uso de grupos de discussões e entrevistas individuais, possibilitou-nos compreender aspectos significativos dessa relação. Os resultados apontam que a religiosidade é marcada por sentimentos de pertença e identificação entre os pares, e esses sentimentos e modos de identificação são influenciados pela religiosidade, que, como se verá, tanto serve à demarcação das diferenças entre os jovens, quanto à identificação do “comum” na condição juvenil. Desta forma, o sentido de ser jovem destes estudantes atrela-se as suas pertenças em determinadas circunstâncias, e em outras não ou não, predominando um sentimento de respeito à diversidade, contudo, tendo a escola como um espaço legitimado para a manifestação pública destas experiências religiosas.

**Palavras – Chaves:** Experiência. Juventudes. Escola. Diversidade religiosa.

## ABSTRACT

This work is a thesis about the teenagers and religious experience on the school space. We know that in this context of significant changes and appearing of new themes, is the moment that we insert our studies object. The relation that are around the youth are object of analyze in a lot of areas of knowledge, between then, the education. The teenagers are a significant part of population that give to the search universe , representations , styles , behavior, processes , choices , breaks and permanencies that sharpen the look and curiosity of the researchers . Our study object is focused on : Understand the religious relationship found on the school space . Thinking about what the literature says about the youthful relation in the sense that, representations and the imaginary that constitute the learning of the teens, extrapolates what is proposed in the curriculum, having relation with others areas of religious experience and information, this study has the focus on how to examine how the religious experience of teens is present on constitution of their relation and dynamic of interaction with the school space that they transit .

**Key-Words:** Experience. Youths. Public Space . Religious Diversity .

## SUMÁRIO

RESUMO.....	06
ABSTRACT.....	07
INTRODUÇÃO.....	09
<b>1. JUVENTUDES, EXPERIÊNCIA E DIVERSIDADE RELIGIOSA .....</b>	<b>19</b>
1.1 Juventudes:.....	20
1.2 O Conceito de Experiência:.....	29
1.3 Diversidade religiosa no espaço escolar:.....	36
<b>2. ESCOLA, RELIGIÃO E A COMUNIDADE ESCOLAR: diálogos e tensões .....</b>	<b>44</b>
2.1 A Comunidade Escolar (Quem são esses alunos?).....	45
2.2 O que é uma escola pública voltada para jovens provenientes de famílias trabalhadoras que ainda vivem do ciclo da cana-de-açúcar .....	50
2.3 As expressões religiosas que estão presentes no espaço da escola.....	54
<b>3. O SENTIDO DE SER JOVEM E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>60</b>
3.1 A busca pela compreensão do sentido de ser jovem .....	61
3.2 O sentido de ser jovem .....	65
3.3 Os jovens, a religião e a escola .....	76
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>

## INTRODUÇÃO:

“Cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem.”  
(SOFIATI, 2013, p. 23)

Nosso trabalho centra-se em estudar as relações entre juventude e diversidade religiosa particularmente em suas manifestações no espaço escolar. Nosso objetivo de pesquisa é compreender como as experiências religiosas no espaço escolar influenciam o sentido da experiência juvenil dos jovens que estão concluindo do Ensino Médio em uma escola da rede pública estadual, localizada em um município da região canavieira de Pernambuco.

Isso faz parte de nossas preocupações e reflexões sobre como deve ocorrer a formação das gerações mais jovens que estão nas escolas públicas. Entendemos que existem dois aspectos importantes que devem ser investigados: primeiro, como a experiência religiosa marca os jovens e o sentido que estes entendem por *juventude*? E, segundo, se e como a experiência religiosa vivida na escola impacta a comunidade escolar da qual os jovens fazem parte?

A partir destes questionamentos traçamos os caminhos para o desenvolvimento do percurso da pesquisa buscando contribuir de forma evidente para os debates sobre as juventudes e a diversidade religiosa, em relação ao que vem ocorrendo no âmbito dos espaços escolares do sistema público de ensino.

Esta pesquisa se desenvolveu em um espaço escolar de uma escola de ensino médio de um município da região canavieira de Pernambuco, e o seu desenvolvimento foi marcado por uma condição básica: o fato de atuarmos como professores no mesmo espaço em que desenvolvemos a pesquisa. Na condição de professor das disciplinas de História e Sociologia nesta escola tivemos a oportunidade de fazer um exercício de observação sistemático sobre as práticas, comportamentos e organização de um grupo de jovens do terceiro ano, concluintes do ensino médio, juntamente a outros jovens que realizavam um encontro diário em um dos acessos centrais da escola, desenvolvendo assim uma espécie de ritual diário que pouco a pouco foi tomando proporção, ao ponto de agregar mais 40 jovens participantes. Estando muito próximos dos sujeitos de nossa pesquisa, conseguimos identificar entre eles quem eram os jovens líderes que se tornaram protagonistas desta pesquisa.

Um segundo efeito desta condição de professor e pesquisador, centra-se na possibilidade de entendermos como esta prática religiosa que ocorre em um espaço

público (escola), influencia a coletividade, a partir do momento em que este espaço é considerado público e laico, sendo que, no cotidiano, é também o espaço onde religiosidades e pertencas religiosas se inter cruzam, provocando assim, algumas reações, por vezes de apoio, de adesão, de oposição, ou mesmo de indiferença, especialmente entre o corpo de profissionais da escola.

Como pesquisador e professor, foi necessário demarcar limites, estar atento aos movimentos, contornos e mudanças que ocorriam nas interações entre estes jovens, e destes com a instituição. Desta forma, a pesquisa nos proporcionou um entendimento mais aproximado tanto dos jovens do nosso espaço escolar, local onde atuamos e vivemos, quanto da complexidade das relações entre juventudes e diversidade religiosa e entre juventudes e instituições públicas de ensino, tendo como retorno mais evidente um conhecimento concreto que fortaleceu nosso processo de formação acadêmica.

Minha formação acadêmica teve início quando ingressei no seminário menor da Diocese de Palmares (Igreja particular ao qual sou engajado), por um período de quatro anos cursei as disciplinas básicas de filosofia e teologia, parte integrante da formação acadêmica para a admissão no seminário Maior e conseqüentemente o ingresso na vida sacerdotal secular. Foi nesta experiência que pude me aproximar de temas que considero relevantes ao despertarem meu interesse em aprofunda-los em experiências posteriores.

A caminhada na vida religiosa foi interrompida, devido a decisão de não mais continuar com a experiência do seminário, porém o engajamento e filiação com os trabalhos pastorais permanecem até o presente momento. Após a experiência do seminário me licenci em História pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL (1999-2003), e em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2010-2014).

A decisão de vivenciar mais uma experiência do mestrado e mais respectivamente em Educação, Culturas e Identidades, deu-se a partir da necessidade de aprimorar minha prática pedagógica enquanto professor da educação básica e de licenciaturas. Concordo com Neves quando enfatiza que: “O exercício de escrita pessoal e o olhar posterior para estas narrativas fundamentadas na memória, representam um recurso metodológico de pesquisa, pois caracteriza-se em um esforço individual que busca elaborar uma ideia aparentemente distanciada de nós.” (NEVEZ 2010, p. 124). Este trabalho é uma oportunidade ímpar de teorizarmos um

universo plural que ocorre de forma singular na realidade que vivemos, uma oportunidade de refletir sobre as relações entre os jovens, a religião e a formação escolar, trazendo a memória de minha própria trajetória, portanto, uma oportunidade de reflexão sobre o outro e, simultaneamente, sobre meu próprio percurso formativo. Carrego comigo a reciprocidade da narrativa e das experiências que possibilitam investigar o objeto proposto.

A pesquisa acadêmica é um veículo de produção de conhecimento, por meio de seu rigor e instrumentalização podemos entender diversos aspectos que estão inseridos na história, cultura e sociedade. Realizar um estudo científico requer comprometimento, esforço, dedicação e habilidades específicas no trato do objeto e de suas respectivas fontes como aportes para o desenvolvimento da pesquisa. No Brasil percebemos um crescimento significativo do número de pesquisa acadêmicas no campo da educação, este aumento contribui diretamente para o entendimento da dinâmica de determinados aspectos que apresentam-se como objetos a serem elucidados e transformados em conhecimentos concretos, como enfatiza Marli André:

Nos últimos vinte anos, ao mesmo tempo que se observa um crescimento muito grande no número de pesquisa na área de educação no Brasil, oriundo principalmente da expansão da pós-graduação, observam-se também, muitas mudanças, seja nas temáticas e problemas, seja nos referenciais teóricos, seja nas abordagens metodológicas, e nos contextos de produção dos trabalhos científicos. (ANDRÉ, 2001, p. 51)

É neste contexto de significativas mudanças, e aparecimento de novas temáticas que inserimos nosso objeto de estudo. As relações que circundam a juventude são objetos de análises de diversos campos do conhecimento, entre eles a educação. Os jovens formam uma significativa parcela da população que oferta ao universo da pesquisa, representações, estilos, comportamentos, processos, escolhas, rupturas e permanências que aguçam o olhar e a curiosidade de pesquisadores. A multiplicidade de objetos e metodologias de análises formam uma seara atrativa para a realização de investigações que contribuam para o entendimento de fatores preponderantes. André, explica: “os temas ampliam-se e diversificam. Os estudos que nas décadas de 60-70 se centravam na análise de variáveis de contexto e no seu impacto sobre o produto, nos anos 80 vão sendo substituídos pelos que investigam sobre tudo o processo” (ANDRÉ, 2001, p. 53).

É a partir desta perspectiva que localizamos nossa proposta de trabalho. Como compreender as relações entre as formas de vivenciar a juventude e as experiências religiosas manifestadas no espaço escolar? Contextualizando os aspectos que consideramos de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, nossa pesquisa toca em duas dimensões da vida social de muitos jovens: a sua relação com a religiosidade, geralmente mediada por uma instituição religiosa, e a sua relação com a instituição escolar. Essas duas dimensões, no âmbito de nossa pesquisa, são reunidas em um mesmo espaço-tempo, o da escola, particularmente, de uma escola pública de ensino médio. É neste ponto de observação particular, de poder observar jovens manifestando publicamente sua religiosidade em um espaço que é público e laico, em que estão longe da tutela da igreja e dos sacerdotes que são os legítimos oficiantes das práticas religiosas, é que queremos compreender como a religiosidade pode influenciar a experiência juvenil e os sentidos que os jovens atribuem à ela. Investigar as manifestações religiosas dos jovens no espaço escolar, nesta pesquisa, tem essa dupla dimensão: entender como a religião afeta os jovens em dimensões da vida social que se dão no espaço público e laico da sociedade civil, e entender as relações entre esses jovens e a instituição, pública, laica e, portanto, um espaço em que a diversidade religiosa deve ser garantida.

A experiência religiosa no espaço escolar apresenta-se de formas distintas, visto que, alguns jovens, por conta de suas respectivas filiações ou engajamentos, externalizam de forma mais evidente a sua pertença. Já outros jovens, utilizando do silêncio ou da discrição não expressam com tanta evidência suas pertenças, porém com seus comportamentos e estilos transparecem na vivência do espaço escolar a pertença ao qual estabelecem um devido engajamento.

No entanto, no cotidiano das escolas públicas, é possível identificar presenças e ausências quando se trata da diversidade religiosa. Isso porque, oficialmente, ao longo da origem da escola, o conhecimento religioso passa de objeto central da ação educativa a elemento combatido e desprestigiado.

Nossa argumentação acerca destas mudanças refere-se pois, ao fato de que a construção da educação pública e laica, se dá a partir das reformas educacionais implementadas a partir de 1930, por educadores que tornaram-se reformadores ligados ao movimento da Escola Nova, tais como: Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo.

Demerval Saviani enfatiza que:

Partindo do pressuposto de que a educação é uma função essencialmente pública, e baseado nos princípios de laicidade, gratuidade, obrigatoriedade, co-educação e unicidade da escola, o manifesto esboça as diretrizes de um sistema nacional de educação, abrangendo de forma articulada, os diferentes níveis de ensino, desde a educação infantil até a universidade. (SAVIANI, 2006, p. 33)

As mudanças no campo educacional ocorridas após o lançamento do Manifesto dos Pioneiros não se efetivaram em seguida. Contudo, ao ler o texto redigido pelos signatários, reconhecemos que os discursos em favor da escola pública e gratuita refletem aquele contexto de transformações sociais, econômicas e políticas como uma tendência em nível mundial. As reivindicações de expansão da escola pública para atender as exigências do mundo do trabalho e incluir amplos setores da sociedade brasileira traz em seu bojo uma questão fulcral e importante nos dias atuais, que, à época, não emergia com força dado vínculo entre projeto educacional e construção da nacionalidade. Hoje na sociedade brasileira, a educação, para ser democrática e atingir a todos, tem que ser permeável à nossa diversidade cultural, mesmo dando continuidade ao projeto nacional, o que é de se esperar de uma instituição que é das mais importantes na construção da cidadania.

A diversidade cultural é resultado de um longo processo de interação histórica entre diferentes grupos sociais, e é constituída por sincretismos, permeabilidades e hibridismos, no qual cada cultura incorpora e recria traços de outras culturas. Segundo Rogério Haesbaert, “a pluralidade de identidades culturais decorre das singularidades de cada grupo social e de suas relações de domínio e apropriação do espaço, de forma concreta ou simbólica, bem como das mediações espaciais que proporcionam a reprodução material e imaterial”. (HAESBAERT, 2006, p. 68)

A diversidade cultural se manifesta na originalidade que caracteriza diferentes grupos e sociedades. Historicamente, cada organização social adquiriu formas diversas no tempo e espaço, desenvolvendo formas peculiares de ser, viver, pensar, agir, crer e se relacionar. É patrimônio comum de todos os povos, apresentando-se como um dos seus mais valiosos bens, que necessitam ser reconhecidos, cuidados e transmitidos.

A existência de contextos socioculturais diferenciados, cada ser humano se constitui como ser singular e, ao mesmo tempo, diverso. Pela ação e interação dos sujeitos, cada cultura produz símbolos, conhecimentos, práticas, sentidos e significados que constroem, organizam e significam a vida cotidiana. Assim, a

diversidade cultural constitui uma riqueza para cada comunidade, portadora de elementos simbólicos que servem de referência para a configuração das identidades pessoais e grupais.

Dentre as manifestações culturais da humanidade, identificam-se inúmeras expressões, crenças, movimentos e tradições religiosas, ora influenciando, ora sendo influenciadas pelas culturas. Os humanos, em diferentes épocas, ao se depararem com distintas problemáticas e desafios, dentre elas, a morte, buscam estratégias de superação, tanto em nível material, quanto de maneira simbólica. Decorrentes disso, incontáveis grupos sociais elaboraram conjuntos de mitos, ritos, símbolos, festas, celebrações, textos, crenças e doutrinas religiosas. De uma forma ou de outra, o aspecto religioso é um dos elementos a compor a forma como cada um entende a sociedade e o mundo que vive. Segundo Peter Berger, “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo.” (BERGER, 2004, p. 15). Do mesmo modo que se passa com as religiões:

O conhecimento religioso, resultado da produção cultural, integra conjuntos de saberes que caracterizam e estruturam as sociedades. Esse conhecimento, disponível de modo diverso nas mais diferentes religiosidades, credos e tradições religiosas, se constitui, portanto, como um dos referenciais utilizados pelos sujeitos para (re)construir sua existência e responder às diferentes situações e desafios cotidianos. (CECCHETTI, 2014, p. 04)

A partir do cotidiano que estamos inseridos, percebemos que nas escolas públicas é possível identificar presenças e ausências quando se trata da diversidade religiosa. Isso porque, ao longo das transformações ocorridas no seio da escola, ao conhecimento religioso foi dado um papel secundário, marginalizado, sendo em muitos casos proferido de forma confessional em espaços públicos de constituição laica. Porém, o aspecto religioso é um elemento presente e contínuo nas escolas, nas quais, determinadas culturas e tradições religiosas são reconhecidas e valorizadas, provocando assim um silenciamento ou invisibilidade de outras tipologias religiosas que também transitam no espaço escolar. Antonio Flavio Pierucci enfatiza que:

Estudar a diversidade existente no universo religioso é um desafio complexo, que exige esforço, dedicação e muito zelo, pois o universo da religião é abrangente. É na diversidade das crenças, das identidades, dos ritos e mitos, que podemos perceber a beleza das múltiplas manifestações do sagrado. (PIERUCCI, 2006, p. 28)

A variedade de expressões religiosas dos jovens no espaço escolar, representa a riqueza da diversidade cultural da sociedade brasileira, que oferece diferentes modos de ver o mundo, modos distintos de enfrentamento das realidades, forma diferenciadas de construir formas de ser na sociedade que estão inseridos. E na perspectiva metodológica que adotamos são os significados que os próprios jovens dão à experiência religiosa, às manifestações ou ausências destas no espaço escolar e às influências dessas experiências sobre o *ser jovem*, que constituem o *corpus* de pesquisa.

Nossa pesquisa se insere nesse movimento de compreender as experiências religiosas e os modos de ser jovem desta geração de jovens, a partir dos sentidos que os próprios jovens conferem às suas experiências, a partir também do contexto sociocultural e econômico de uma escola localizada em um município, município da região canavieira de Pernambuco, região marcada por 500 anos de exploração aviltante dos trabalhadores, por injustiças, suas e lutas por liberdade, e pela riqueza da diversidade cultural e religiosa que resistiram pela força de suas raízes na população predominantemente negra e mestiça.

Ter um olhar sobre as relações humanas, dentre elas as que circundam como os jovens do ensino médio vivenciam e percebem as diferentes manifestações religiosas presentes no espaço escolar, é fazer um exercício sobre a importância da diversidade cultural religiosa para a dinâmica da sociedade. Neste sentido o saber constituído, antes de ser um conjunto de conceitos que baliza a intervenção do pesquisador, deve ser entendido como um exercício de buscar uma compreensão do novo.

Compreendemos que o jovem faz parte de uma sociedade em movimento, onde as informações são processadas em grande velocidade. O conhecimento, porém, é algo mais permanente, que deve ser construído de forma mais consistente, mas sem esquecer que ele está inserido neste mundo em constante transformação. É neste sentido que consideramos importante apresentar uma proposta de trabalho que possa discutir a experiência religiosa dos jovens no espaço escolar, que em outrora estão presentes na condição humana de nossos jovens do ensino médio.

Nossa pesquisa está situada no campo da abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2010, p. 47), tem como foco principal a necessidade compreender:

O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista

que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere. Toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos. (MINAYO, 2010, p. 623)

Para operacionalizar a construção de nossa dissertação, definimos como uma das técnicas para obtenção de dados, a realização de grupos de discussão, ou grupo focal. A aplicação desta técnica deu-se em momentos e local previamente definidos, no intuito de que a conversa transcorresse de forma tranquila e eficaz. Em termos de planejamento fizemos este exercício de observação no início do primeiro turno, quando cotidianamente liderados por jovens do terceiro ano do ensino médio, os alunos e alunas participam do encontro, popularmente definidos pelos mesmos como “a oração”. Neste ato os jovens mesclavam-se, mas, notoriamente, a grande maioria tinha uma pertença definida, eram católicos ou evangélicos pentecostais, porém jovens sem pertencimento institucional a uma religião ou igreja também participavam.

A técnica de grupos de discussão é um método que possibilitou os jovens discutirem entre eles, os temas relacionados com os objetivos da pesquisa. Estes encontros ocorreram de forma programada em momentos de contra turno para evitar choques com as aulas ministradas do horário letivo. Nosso papel foi mediar este momento para que o mesmo esteja conectado com o propósito da pesquisa.

As pesquisas de Wivian Weller (2006), que utilizam grupos de discussão com jovens do Brasil e da Alemanha, reforça a ideia de que:

A utilização de grupos de discussão como método em que os jovens conduzem a entrevista e o entrevistador busca intervir o mínimo possível, assim como o princípio de análise comparativa constante são possibilidades que permitem uma inserção do pesquisador no universo dos sujeitos e que, de certa forma, reduzem os riscos de interpretações equivocadas (WELLER, 2006, p. 252).

Também nos valem de entrevistas semi - estruturadas contendo questões complementares e de aprofundamento das distinções e diferenças que se constituíram como um caminho possível para a interação com os jovens, conforme explica Haguette: “a entrevista é um processo de interação social, no qual, o

entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central”. (HAGUETTE, 1995, p. 38).

Valendo-se dos critérios éticos que devem ser respeitados em uma pesquisa com seres humanos, explicamos os objetivos da pesquisa, garantindo o anonimato dos participantes e o uso estrito das informações apenas no âmbito da pesquisa, por isso que em nenhum momento a pesquisa traria qualquer tipo de prejuízo para os participantes e que a qualquer momento, quem assim desejar, poderia solicitar sua saída da pesquisa. Seguindo os tramites, apresentamos aos jovens que participaram da pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido. Feito este procedimento, seguiu-se a assinatura do termo e as devidas explicações sobre os procedimentos da pesquisa.

Com as entrevistas, buscamos fazer o que propõe José Machado Pais (PAIS, 2000, p. 35) “Queremos que os jovens nos falem, de viva voz, sobre suas vidas. E que, ao falarem delas, as redescobrissem, ajudando-nos a descobri-las”. O que isto significa? Por meio da técnica das entrevistas individuais procuramos dar voz a estes sujeitos que estão nas escolas e vivenciam suas experiências, em um momento diferente do grupo de discussão, dando oportunidade para emergir as diferenças e distinções individuais que, por vezes, a força do grupo torna mais difícil de ser revelada.

Por fim, como não poderia deixar de ser, ao lado dos dados sistematizados dos grupos de discussão e entrevistas, a construção das reflexões que compõe a dissertação resultante da pesquisa estão permeadas dos conhecimentos que temos dessa dupla condição de nossa experiência, de ser, simultaneamente professor e pesquisador, conhecedor, portanto, do cotidiano da instituição em que a pesquisa foi desenvolvida. A convivência cotidiana, as conversas com colegas professores, com a equipe de gestão pedagógica e mesmo com os demais funcionários da escola também estão presentes nas tintas que compõem o cenário que é descrito nesta narrativa.

O percurso traçado para a organização de nosso estudo reverberou na formulação das partes integrantes da dissertação. Os capítulos e seções definidas foram espaços para a discussão de elementos fundantes da nossa proposta de estudo. Assim, cada um dos capítulos foi arquitetado em consonância com o

desenvolvimento do trabalho, resultando na escrita objetiva e contextualizada acerca do objeto de estudo.

## 1. JUVENTUDES, EXPERIÊNCIA E DIVERSIDADE RELIGIOSA

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.  
(BONDÍA LARROSA, 2002, p. 21)

A experiência de escrever uma dissertação é algo que nos toca, pois, vivemos esse desafio ao longo dos últimos dois anos, tendo sido provocado a observar a realidade a partir de lentes que fogem o olhar do senso comum, e assim, desta forma, entendemos que a produção escrita acadêmica deve obedecer determinados rigores, para cumprir seu papel, de construir e democratizar os conhecimentos científicos.

Neste primeiro capítulo, trabalhamos com os conceitos operativos que consideramos fundamentais nas argumentações de nossa pesquisa. O trato destes conceitos nos permite entender a dinâmica constitutiva dos processos que se desencadeiam nas relações que circundam nosso objeto de pesquisa. Assim, definimos três conceitos operativos, são eles: juventudes, experiência e diversidades religiosas. Cada conceito nos permitirá elucidar um aspecto fundante da nossa contextualização, tendo como cerne o domínio do conceito, no intuito de aplicamos o seu teor no momento em que estivermos realizando as análises sobre os dados coletados. Portanto, o objetivo deste capítulo é contextualizar sobre a base teórica, que nos dá sustentação na colocação de nossas argumentações, entrelaçando assim os conhecimentos adquiridos em detrimento dos dados que serviram de base para a formulação de nossas considerações.

O primeiro passo foi trabalhar a definição de Juventudes, para tanto recorreremos a pensadores clássicos como Nbert Elias e Pierre Bourdieu trazendo-os para um diálogo com pesquisadores contemporâneos como Groppo, Tavares e outros, que aprofundaram suas respectivas impressões, bem como, expuseram novas considerações no tratamento e análise do conceito de juventudes. Dando prosseguimento, discorreremos sobre o conceito de experiência, tendo como referência para as discussões sobre este conceito o pensamento de Walter Benjamin, bem como, de outros importantes pensadores que com seus escritos contribuíram de forma objetiva para o debate. A construção do capítulo fecha-se com o aprofundamento sobre a diversidade religiosa, conceito chave para entendimento e compreensão das experiências religiosas ocorridas em nossa escola campo de pesquisa.

## 1.1 - JUVENTUDES:

“Existe uma questão da juventude?” (TAVARES, 2017, p. 22)

Existe uma vasta discussão sobre a tematização da juventude como categoria de análise, ao considerarmos o sujeito a partir de determinadas contingências históricas, econômicas, sociais e culturais. É o que defendem, de diferentes modos, autores como a antropóloga Regina Novaes, a socióloga Helena Abramo, o educador Juarez Dayrell e o historiador Philippe Ariès.

Como categoria construída socialmente e não homogênea, conforme diz o sociólogo Pierre Bourdieu no artigo “A juventude é apenas uma palavra” (1983), a juventude remete a construções simbólicas, significados e relações sociais estabelecidas pelos jovens. José Machado Pais destaca que, ao discutirmos a temática da juventude, transitamos entre uma abordagem mais simplista, em que os jovens compartilham um conjunto de crenças, símbolos e práticas inerentes à fase da vida, e outra que leva em consideração as diferenças individuais, socioeconômicas, comportamentais, de gênero, de estilos de vida e de modos de ser.

Concordamos com as perspectivas em que, a juventude é concebida como heterogênea e definida não só como uma fase de vida, mas também como um segmento social específico. A vida social do jovem expressa diferenças e desigualdades quanto à classe social, gênero, orientação sexual, escolaridade, inserção no mercado de trabalho e também com relação à religião.

E, fundamentalmente a juventude expressa mudanças nos modos de viver, nas concepções de mundo, no regime de necessidades e desejos que marcam rupturas e continuidades entre as gerações, tanto em relação às gerações passadas, no sentido genealógico, como em relação com as distintas gerações que coabitam no mesmo tempo histórico (TAVARES, 2017; GROppo, 2015; FEIXA & LECCARDI, 2010; ELIAS, 1997).

Mais afinal, o que é ser jovem? Para tal discussão, trataremos esta inquietação a partir das ideias de Mario Margulis e Marcelo Urresti, que propõem a superação de considerações sobre a juventude como mera categorização por idade, com características uniformes: “A condição histórico-cultural de juventude não se oferece de igual forma para todos os integrantes da categoria estatística jovem” (MARGULIS; URRESTI; 1996, p 114). Para os autores, a discussão feita por Bourdieu leva à percepção da juventude como “mero signo”, como “uma construção cultural

desgarrada de outras condições”. Assim, enquanto a noção, de juventude é criticada por Bourdieu, por escamotear as condições sócio-históricas que estão na origem das desigualdades entre as classes sociais, no que os autores concordam, a negação da juventude enquanto uma categoria de análise do social impede a visualização, dizem eles, das condições sócio-históricas em que as desigualdades sociais se manifestam de forma diferenciada também em relação às divisões geracionais.

Segundo Margulis e Urresti:

Pode-se reconhecer a existência de jovens não juvenis – como é, por exemplo, o caso de muitos jovens dos setores populares que não gozam da moratória social e não portam os signos que caracterizam hegemonicamente a juventude -, e não jovens juvenis – como é o caso de certos setores médios e altos que vêm diminuindo seu crédito vital excedente, mas são capazes de incorporar tais signos. (MARGULIS; URRESTI; 1996, p 114-115)

Para se pensar as peculiaridades da juventude em relação às outras gerações e mesmo às especificidades internas aos diversos modos de se vivenciá-la, os autores trabalharam com as noções de moratória social e moratória vital. Segundo eles, a partir do século XVIII e XIX a juventude, pensada então como uma etapa da vida, passou a ser vista também como uma camada que detém certos privilégios.

Constituiria-se, então, um período, antes da maturidade biológica e social, marcado por uma maior permissividade, em relação às obrigações e responsabilidade relacionadas ao auto - sustento, configurando, desta forma, a moratória social do qual desfrutam alguns jovens privilegiados por pertencerem a setores sociais mais favorecidos. Para estes que detêm tal privilégio, o ingresso na vida adulta, com as exigências requeridas para a entrada na maturidade social, é cada vez mais postergado pelo aumento do tempo de estudo.

Dessa forma, os jovens das camadas populares, devido, entre outras coisas, ao ingresso prematuro no mercado de trabalho e à assunção de obrigações familiares, em idade reduzida, teriam sua moratória social diminuída e, por consequência, teriam uma vivência juvenil diversa dos jovens mais abastados.

Ao longo do século XX e no início do XXI, as ciências humanas e psicológicas constituíram diversas teorias e concepções sobre a juventude que passaram a considerar mais os fatores sociais e culturais. Tomando de empréstimo os termos que Tomaz Tadeu da Silva (2010) utilizou para descrever a trajetória das teorias do

currículo, creio que podemos classificá-las em teorias tradicionais, críticas e pós-críticas da juventude.

#### Segundo Groppo:

As primeiras teorias críticas da juventude nasceram em meados do século passado, quando a variante estrutural-funcionalista era hegemônica na nascente sociologia da juventude. Estas primeiras teorias críticas combinaram, em diferentes ênfases, conforme o autor, a noção de geração e a noção de moratória social. O traço crítico destas teorias que abordam a geração e a moratória reside no fato de que tendem a reconhecer o papel das juventudes na transformação social e atribuem um sentido positivo a este papel. Como se verá, entretanto, libertam-se pouco da concepção “naturalista” de juventude. E o reconhecimento do potencial transformador das jovens gerações não as levam a uma posição radical, mas mais caracteristicamente reformista, desconfiando mesmo dos movimentos juvenis que abundariam nos anos 1960. Por sua vez, as teorias críticas que se desenvolvem ao longo dos anos 1960 tendem a uma posição politicamente mais revolucionária. Mas a característica principal delas é a relação mais contundente que fazem entre a estrutura socioeconômica e a experiência da juventude. (GROPPO, 2015, p. 05)

A percepção de juventude adotada por Margulis e Urresti (1996), indica que a uma centralidade na experiência da moratória social, a qual, certa época histórica, certos lugares e certas classes sociais puderam oferecer aos seus adolescentes, que viveram então a condição juvenil. Entendendo como moratória social “um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil”. (GROPPO, 2015, p. 18), Margulis e Urresti com suas argumentações acrescentaram o conceito de moratória vital, o qual consideramos importante fazer a contextualização. Estes teóricos afirmaram que as concepções culturalistas tenderam a um extremo relativismo na definição de juventude, por não considerarem este núcleo vital, chamado de moratória vital, acompanhada de um capital vital, de uma disponibilidade de energia, de vitalidade e mesmo de tempo de vida maiores, dos jovens, em relação aos adultos e velhos.

Portanto o que podemos entender sobre moratória vital? Mais uma vez ao nos debruçarmos nos exercícios de leituras encontramos em Groppo uma reflexão concisa capaz de nos fazer entender o referido conceito e trazê-lo para as argumentações da nossa discussão. Assim enfatiza Groppo:

A moratória vital, presente em jovens de todas as camadas sociais, no caso das camadas populares pode não vir acompanhada do reconhecimento da moratória social: seriam estes os “jovens não

juvenis”. A manutenção da condição da moratória social, acompanhada de signos que ostentam uma suposta juventude, pode acontecer com pessoas que já estão com baixa moratória vital: seriam os “não jovens juvenis”. Os “não jovens juvenis” tratam-se de um fenômeno cada vez mais comum em nossa contemporaneidade, em que os signos do mundo do consumo estão saturados do apelo à juvenilidade, em que se concebe uma velhice vivida de modo “juvenil”. (GROPPO, 2015, p. 18)

Ampliando o debate, Mônica Peregrino (2011) entende que, “a concepção inicial de moratória social ou psicossocial não se preocupava com as clivagens de classe e enfatizava a unidade das juventudes” (PEREGRINO, 2011, p. 281). Por sua vez, a corrente classista dos estudos sobre juventude colocou estas ideias sobre a questão da unidade geracional, como percebemos no pensamento de Pierre Bourdieu (1983), quando chega a negar a validade da categoria juventude para a análise sociológica.

A moratória vital do jovem que lhe é naturalmente dada, mais que precisa ser cultural e socialmente significada para se efetivar. Desta forma a dita moratória social, trata-se de um “tempo doado pela sociedade para os jovens experimentarem a condição adulta, dando-lhes certa autonomia para configurar trajetórias de inscrição social” (PEREGRINO, 2011, p. 281). Mas este tempo varia de acordo com condição social dos sujeitos, oscilando do alongamento indefinido à recusa.

Tavares propõe pensar se “Existe uma questão da juventude?” (TAVARES, 2017, p. 22), a partir de dois pensadores clássicos da sociologia Bordieu e Elias. A empreitada de aprofundar o pensamento destes dois sociólogos sobre juventude, começa por um ponto de convergência, algo semelhante que aproxime os dois pensadores, este ponto é o conceito de *habitus* que está inserido na obra dos dois sociólogos (TAVARES, 2017, p. 23).

Nos dois autores, a noção de *habitus*, é associada aos processo de socialização, que são mais fortes nos ciclos iniciais da vida, infância e juventude, justamente por ser a fase de formação da personalidade individual e, por isso mesmo, a fase onde as influências externas são mais facilmente internalizáveis. Mas quem é o indivíduo portador do *habitus*? (TAVARES, 2017, p. 22-23)

A visão que os dois autores tem sobre o sujeito os separa, e o ponto de separação vem dos sentidos atribuídos à experiência, que molda o *habitus*: o *habitus* bourdieusiano tende a cristalizar as experiências primárias, da família, do bairro da escola, que mesmo na vida adulta, acrescido de outras experiências, continua como *habitus* de classe; e o *habitus* eliasiano se mostra mais maleável, onde as

experiências recentes são sobre-escrituras que não apagam, mas alteram substancialmente, as escrituras passadas. Por isso, a sociologia do primeiro serve mais para explicar a reprodução social e a de Elias se até mais aos processos de mudança social. A partir desse quadro teórico, Tavares (2017) analisa algumas experiências sociais que explicam as diferenças entre os jovens, e outras que afirmam o comum entre eles e concorrem para tomar a categoria juventude como explicativa de certos acontecimentos sociais. Nos ateremos aqui somente aos argumentos que reforçam a juventude como categoria de análise social.

Concordando com Margulius e Urresti (1996), na resposta à Bourdieu, juventude é mais que uma palavra, Tavares (2017) também desloca o sentido da moratória social do plano da relação com o trabalho – o tempo de formação e preparação do jovem para a vida adulta, que não é uma experiência extensiva a todos os grupos juvenis em função das desigualdades sociais – para o plano da relação com a vida: a vitalidade do corpo juvenil que o distingue de todas as gerações anteriores e coloca os jovens, potencialmente, mais distantes da morte e do medo da morte, o que alimenta os comportamentos de ousadia e exposição a riscos, mais comuns entre os jovens do que nas gerações mais velhas. O risco passa a ser, na vida de muitos jovens, uma prova de coragem (ser) e de capacidade (fazer).

Ampliado o conteúdo da moratória para além de seu conteúdo laboral, que resulta na moratória vital, se amplia o campo de relações de partilha de sentidos e sentimentos comuns entre os jovens, incluindo outras experiências que são específicas dessa idade – as mudanças biológicas, a primeira paixão, o primeiro beijo, a primeira experiência sexual, as tensões com os familiares adultos, etc. – experiências que, mesmo atravessadas pelas diferenças de classe, gênero e raça/etnia, transcendem esses limites, e se tornam fatores capazes de aproximar jovens de diferentes origens. Desta forma, não se trata apenas de partilhar experiências comuns, mas de partilhar os significados e sentimentos vividos a partir dessas experiências. A partilha de sentidos e sentimentos comuns às experiências também identificadas como comuns entre os diferentes grupos juvenis é um campo de trocas de subjetividades e identificações afetivas a produzir outras clivagens entre os jovens, diferentes das clivagens clássicas de classe e sexo. Surgem grupos juvenis que se identificam a partir de atitudes, gostos, estilos, práticas sociais comuns, ou a partir de ideias e ideais comuns.

As identidades podem ser mais fluidas, é possível participar de coletivos feministas, ou LGBT e também em coletivos de *street art*, de produção cultural, de intervenções comunitárias, de ideologia anarquista, etc. Em determinadas conjunturas, esses coletivos podem se opor, se enfrentarem entre si, mas, em situações em que alguns grupos juvenis são contestados por comportamentos e atitudes que ferem a ordem legal ou moral vigente, especialmente quando essas contestações são identificadas como representação das gerações mais velhas, os grupos juvenis podem se aliar em torno mesmo da identificação geracional. Ocasionalmente, como observa Elias (1997), as novas gerações adotam ideias e comportamentos que rompem com limites morais e políticos já estabelecidos, o que o autor chamou de antiatidade, gerando conflitos sociais baseados na diferença geracional (TAVARES, 2017).

Esses dois aspectos, a moratória vital e a partilha de sentidos e significados constituídos a partir de experiências comuns entre os jovens, entre outros que o pesquisador explora, demarcam a importância de ainda se tomar os estudos de juventudes como um campo específico das ciências humanas, sem desprezar as diferenças entre as juventudes reais da sociedade, mas também levando em conta as características que distinguem as juventudes dos demais grupos geracionais.

Conceituar juventude não é uma tarefa simples. Como categoria social e historicamente construída, ela abarca muitos significados e dimensões que não podem ser resumidos em apenas uma simples definição. De acordo com a Regina Novaes, existem, pelo menos, três tipos de discursos mais comuns que fazem referência à juventude e buscam caracterizá-la.

O primeiro, que durante muito tempo pautou as políticas de atenção aos jovens no Brasil, percebe a juventude como problema e como perigo. Nesse sentido, o jovem é visto como rebelde, influenciável, vulnerável e incapaz de definir o que é melhor para ele ou de decidir sobre seu próprio destino. Essa visão negativa da identidade juvenil gerou, nos últimos anos, uma série de manifestações por parte dos próprios jovens e de seus movimentos, organizações e redes que têm lutado pelo reconhecimento do protagonismo juvenil e da juventude como sujeito de direitos (NOVAES, 2009, p. 54). Estas lutas podem ser compreendidas, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, como uma espécie de reação à ausência de liberdade e de poder decisório que leva os grupos oprimidos, como as mulheres, os negros, e os jovens, a reunirem forças para lutar contra a condição de exclusão em que se encontram. (BAUMAN, 2005, p. 34).

Outro discurso muito comum a respeito dos jovens é aquele que os define como “a geração do futuro”. A ênfase, nesse caso, encontra-se na ideia da juventude como etapa, ou seja, como fase de transição da vida e o jovem é entendido como um sujeito em construção. Uma terceira narrativa existente sobre o jovem, destacada pela professora Regina Novaes, é aquela bastante explorada pelos meios de comunicação, pela mídia e pelo mercado que apresentam a juventude como sinônimo de beleza, força, saúde, dinamismo e novidade. A juventude se transforma em paradigma do desejável. Esta representação, contudo, transmite uma imagem fantasiosa dos jovens e desconsidera a realidade econômica e social em que grande parte deles se encontra inserida. (NOVAES, 2009, p. 54)

Na dinâmica das relações sociais os jovens constroem suas experiências, a partir do contato entre o seu repertório cultural e as novas situações com as quais tem que lidar para inserir-se como sujeito responsável e autônomo, visto que assim é que a sociedade o interpela, (TAVARES, 2017). Nessas teias de relações sociais envolvendo juventudes e mundos adultos é que estes últimos tendem a testar os jovens suas capacidades, disposições e comportamentos, para os classificar entre produtivos e improdutivos, bem comportados ou baderneiros, trabalhadores ou vagabundos, bons alunos ou alunos indolentes.

Nessa situação de ser e estar em teste, sob observação ou supervisão, nas várias instituições onde tem um papel de submissão: família, escola, igreja, etc, é que se dá a identificação entre os pares da mesma idade quando os jovens sentem que têm algo em comum entre eles, apesar das diferenças. Assim, entre os jovens que se aproximam em função de conviver numa mesma instituição ou lugar, se constitui um campo de trocas afetivas e de formação de subjetividades coletivas, permeado por diferenças e desigualdades sociais, mas livre, de certa forma, das relações de subordinação que as instituições, e os adultos, os submetem.

Porém, quando nos dispomos a discutir o conceito de juventude observando – o por diversos ângulos, é necessário também levar em consideração que ao se constatar a existência de juventudes em realidades distintas é preciso entender que a grande maioria dos jovens faz parte de uma juventude pobre, que está inserida em uma realidade socioeconômica que provoca inúmeras desigualdades, fazendo com que estes jovens fiquem desprovidos de direitos fundamentais e garantidos pelas legislações vigentes. Por que levantamos esta questão como ponto de fechamento de nossa contextualização acerca das juventudes? Por que os jovens que participaram

desta pesquisa fazem parte desta realidade, são jovens pobres que por diversos momentos não conseguem enxergar em sua realidade local oportunidades para a melhoria das condições de vida e acesso a direitos que poderiam – lhe permitir a construção de um projeto de vida mais qualificado.

Nossos jovens, são habitantes de um região falida, lugar de descaso dos poderes públicos em todas as esferas, espaço de desconstrução de esperanças, fato que torna os jovens potencialmente marginais, no sentido de ocuparem as margens, os lugares de precariedade, desassistidos, como transeuntes de fronteiras, no caso, as fronteiras entre o urbano-moderno e o rural-atrasado, arquétipos muitas vezes utilizados inapropriadamente, mas que, no caso da região canavieira em questão, é bastante apropriado. Fronteiras estas que incitam de forma emergencial ações e proposições de saída, pois o eminente ricos da permanência potencializa o desmoronamento de sonhos, projetos e atitudes. Sobre este aspecto Tavares nos aponta que:

Dependendo do lugar de moradia, as oportunidades de trocas materiais e simbólicas aumentam ou diminuem, ampliam ou restringem acessos. Mas isto não se refere especificamente à posição geográfica do lugar, à sua maior ou menor distância em relação aos centros de desenvolvimento mais dinâmicos. Estamos falando de uma dimensão do morar que liga o indivíduo às representações que são feitas sobre o lugar (TAVARES, 2013, p. 02)

A partir da realidade socioeconômica forja-se um conceito de juventude, jovens desprovidos de direitos, e não como sujeitos de direitos, como consta no Estatuto da Juventude. Neste caso, entendemos que os jovens que atualmente vivem na região Mata Sul de Pernambuco, sofrem justamente com as consequências construídas sobre as representações deste lugar. Isto se reverbera em diversas situações que são vivenciadas ao longo de sua trajetória, seja na família, Igreja ou escola. Outro aspecto que enfatizamos é que estes jovens estão em uma região de fronteira, são jovens urbanos e ao mesmo tempo jovens rurais que potencialmente podem somar as novas estatísticas do êxodo rural, resultado assim no aumento da população das cidades da região que não ofertam condições para um pleno desenvolvimento da condição juvenil.

Corroborando com o que Garcia Canclini problematiza em sua obra “Diferentes, desiguais e desconectados”, entendemos a região canavieira de Pernambuco como esse lugar estruturalmente marcado pela globalização, que aprofunda velhos antagonismos e cria outros inéditos, a exemplo, na realidade pesquisada, da inserção

de uma refinaria de petróleo no seio desta região que há 500 anos produz açúcar e álcool, ou seja, produtos inseridos no mercado global, tal qual o petróleo e seus derivados.

Canclini, afirma que uma experiência singular da pós-modernidade é a experiência de fronteira. Essa experiência de fronteira, das margens, torna esses indivíduos e grupos sociais marginais, no sentido de habitantes das margens, mais aptos a sobreviver em condições de pouca estabilidade, e é justamente essa falta de estabilidade a principal característica da pós-modernidade, que aponta para o fim do contrato social. Desta forma, os mais marginalizados podem se tornar os mais aptos a sobreviver em um mundo sem contratos estáveis. (GARCIA CANCLINI, 1995, p.70-71). Em consonância Tavares explica que:

Na arena de possibilidades que a sociedade urbano-industrial oferece aos jovens, com a multiplicidade de subordinações, impedimentos e enquadramentos que a mesma sociedade tenta impor aos dominados, as chances de integração dos jovens das classes pobres, em condições de satisfazer as expectativas de realização pessoal diminuem cada vez mais. É por isto que estes estão presentes nas lutas sociais que apontam para saídas pós-capitalistas (TAVARES, 2013, p. 01).

Estes jovens vivem sob a égide de uma gama intensa de mudanças que apressam ou atropelam possíveis projetos de vida que poderiam ser vivenciados a partir de experiências concretas. Contudo, são as experiências, que possibilitam a construção de relações concretas capazes de proporcionar ao jovem, como sujeito em formação, um conjunto de vivências e momentos que o façam não esquecer sua realidade, mas canalizar suas energias para algo que dá sentido à sua vida. Desta forma é fundamental entendermos como as experiências construídas, tornam-se elemento vital para a consolidação das práticas e atuações nos espaços e no contexto histórico vivido.

## 1.2 - O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA

Compreender o conceito de experiência é debruçar-se sobre as experiências da certeza sensível e percepção. (GORGES, 2014, p. 11)

Na definição da base teórica para a construção das argumentações acerca do conceito de experiência optamos em estudar a percepção do filósofo Walter Benjamin e de outros pensadores que contribuíram com suas ideias na elucidação deste importante conceito. No decorrer de nossa escrita, analisamos aspectos pontuais acerca destas teorias no intuito de aprofundarmos o teor de suas proposições. Entendemos que é no diálogo com estes teóricos que podemos nos aportar para o exercício de análise dos dados coletados para nossa pesquisa.

Em Walter Benjamin, trabalhamos o conceito de experiência, buscando entender como as experiências são importantes na constituição das relações estabelecidas em um grupo e para cada indivíduo que vive, que nutre-se daquele espaço e momento, no intuito de que a experiência vivida possa contribuir para a sua condição como jovem, como estudante como cidadão.

Walter Benjamin é um dos filósofos mais significativos da modernidade, somente reconhecido enquanto tal após sua trágica morte, durante a fuga das forças nazistas. Em vida ele era respeitado enquanto intelectual juntamente com pensadores, como Ernst Bloch e Theodor Adorno, que tomou a iniciativa de editar toda sua obra postumamente.

Benjamin, em toda a sua obra, procurou fazer renascer uma noção mais abrangente do que seja experiência, desde um texto de sua juventude intitulado “Experiência” na obra: A Criança, o brincar, a educação. Mais tarde, em um ensaio sobre a experiência Kant, em diversos textos dos anos 30, como Experiência e Pobreza, nos trabalhos sobre Baudelaire, e nas teses de 1940, Walter Benjamin exigiu a ampliação do significado de experiência.

Segundo Kátia Muricy:

Walter Benjamin pertence à geração de filósofos pós-nietzschianos que procuram superar o problema dialético subjacente aos pares Heráclito e Parmênides, Platão e Aristóteles, medievais e modernos, onde a primazia é dada quase que unilateralmente ao uso de conceitos e da linguagem conceitual (logos), considerada superior ao uso de mitos e da linguagem mítica (mythos) em grande parte da história do pensamento ocidental (MURICY, 2008, p. 117)

A diferença entre Benjamin e outros pensadores de seu tempo, como Heidegger, é a de que, apesar de propor uma ontologia que procura romper tanto com a metafísica antiga e medieval, quanto com a metafísica moderna. Walter Benjamin propõe uma filosofia que, através da construção de ideias, procura elaborar, ou resgatar experiências que, mesmo quando antigas, comunicam aquilo que permanece e que, por isso mesmo, são capazes do novo naquele que se apropria delas.

Em seu primeiro artigo sobre o tema experiência publicado no ano de 1913, Benjamin explica fazendo uma comparação entre o antigo e o moderno, no sentido da oposição entre razão e sensibilidade, levanto assim um contraponto entre a vida do adulto e a vida do jovem.

Para o autor, a perda da experiência antiga na modernidade é o prejuízo do indivíduo na sociedade, é a sua desagregação na memória histórica. Apontar essa perda em suas implicações, não é propor um retorno à antiguidade, à experiência antiga, pois no processo histórico não há volta: “para Benjamin o presente é tanto o momento quanto o local da realidade do passado”. (BENJAMIN; OSBORNE, 1997, p.13). Trata-se de propor uma forma de retrabalhar essa antiga experiência dentro da sociedade moderna capitalista para uma formação cultural mais estruturada e autêntica.

Durante a modernidade o cotidiano se estrutura com base nas exigências do modo de produção, o capitalismo. Com o desenvolvimento do capitalismo, o crescimento do setor industrial foi indispensável e a automação do trabalho concretiza um dos principais prejuízos da experiência no novo modelo de sociedade. A divisão social do trabalho e, conseqüentemente, do conhecimento do operário decretam a dissolução da experiência, conforme aumenta a densidade do domínio industrial. A quantidade gera lucro, por isso se limita a vida na fábrica pela repetição.

Conforme Fabiana Muranaka, em seu artigo: Referências sobre o conceito de experiência em Walter Benjamin:

Quanto mais repetitiva a função do operário, mais rápida é sua produção, tanto mais eficiência extrai-se de seus movimentos e do tempo que leva para executá-los. Ora, a relação de troca na divisão do trabalho e na apropriação dos meios de produção regulamenta a vida do indivíduo moderno e sua existência reduz-se ao seu cotidiano na fábrica. As possibilidades de experiências, para além da repetição e do controle, tornam-se delimitadas pelo sistema financeiro (MURANAKA, 2006, p. 05).

Walter Benjamin faz uma forte crítica ao capitalismo e o quanto o sistema demanda consequências na educação. A elaboração da sociedade e Estado burgueses produz uma geração de desacreditados.

Segundo Benjamin:

A experiência constitui um traço cultural enraizado na tradição, enquanto a vivência ou experiência vivida reenvia para a vida particular do indivíduo, na sua infável preciosidade e na sua solidão. A experiência é matéria da tradição, na vida coletiva como na vida privada. Constitui-se menos a partir de dados isolados rigorosamente fixados na memória, e mais a partir de dados acumulados, muitas vezes não conscientes, que afluem à memória. (BENJAMIN, 1987, p. 114).

Em Benjamin é possível percebermos como as experiências estão atreladas a traços culturais estruturantes das sociedades. Como a experiência advém da tradição, e torna-se elemento determinante para a constituição das memórias. Em resumo, ao contrário de Kant, Benjamin afirma que a condição de possibilidade do conhecimento não reside na capacidade do sujeito transcendental em regular a experiência, ao contrário, uma experiência pode produzir conhecimento mesmo quando não representada através de conceitos.

A experiência estaria, desta forma, na base da construção de conhecimentos. Esta também é uma das premissas do pensamento pedagógico de John Dewey, teórico que contribuiu de forma objetiva com suas argumentações, e que possibilita tornarmos esta discussão mais densa.

Dewey é conhecido como um grande defensor da abordagem de educação baseada na atividade e centrada na resolução de problemas, porém alguns estudiosos argumentam que ele também seguiu uma orientação centrada nas disciplinas e voltada para o que atualmente se conhece como construtivismo social. Além disso, no meio de sua carreira ele também mudou significativamente o seu pensamento: ele abandonou o subjetivismo de William James e aproximou-se do pragmatismo de Peirce.

Este filósofo centrou-se em ampla gama de questões no domínio da filosofia, educação, psicologia, sociologia e política, e esteve comprometido com a defesa de uma sociedade intencionalmente voltada para o progresso. Dewey acreditava que a ciência e a tecnologia poderiam contribuir para a modernização e progresso da sociedade, e que o seu pragmatismo e sua pedagogia seriam um incentivo para que as escolas efetuassem a reconstrução social, contribuindo para o desenvolvimento de

uma sociedade científica, aberta, democrática e sem classes. Segundo Nicholas Ferreira comentador da obra de Dewey:

a experiência toma um papel importante nas ações de um agente orientando, modificando e interferindo nas ações humanas. Assim, a experiência não é uma fonte de sensações enganosas que operam como barreiras a serem superadas através de uma razão ou atividade puramente intelectual. Na proposta deweyana a experiência não tem começo nem fim apresentando-se como um todo, um fluxo apreendido através de nossos sentidos em um movimento de estabelecer e expandir certos padrões nas ações. (FERREIRA, 2011, p. 148)

O conceito de experiência está intimamente relacionado com o conjunto dos sentidos e que estes, por sua vez, interagem com a cognição de um agente. Para Dewey, este conceito vai um pouco mais além, colaborando com a instauração ou manutenção de hábitos. Experiência, nesta perspectiva, passa a ter relevância nas atividades de um agente no plano da ação cotidiana.

Conforme Anísio Teixeira (1978, p.113), interprete e, de certa forma, discípulo de Dewey, a educação não seria um processo de preparo para a vida, mas uma contínua reconstrução e reorganização da experiência. Como Dewey escreve em seu livro *Experiência e Educação*, uma experiência poderia ser considerada educativa se ela aumentasse a qualidade das interações no ambiente e servisse como base para interações ainda mais amplas no futuro: “A crença de que toda autêntica educação se efetua mediante a experiência não significa que todas as experiências são verdadeiras ou igualmente educativas. A experiência e a educação não podem ser diretamente equiparadas uma a outra” (DEWEY, 1958, p.22), na obra *Arte como Experiência* (1980) ele descreveu como a experiência surge:

Com frequência, entretanto, a experiência que se tem é incompleta. ... Em contraste com tal experiência, temos uma experiência quando o material experienciado segue seu curso até sua realização. Então, e só então, ela é integrada e delimitada, dentro da corrente geral da experiência, de outras experiências (DEWEY, 1980, p. 89).

Dewey tenta romper com o dualismo entre empirismo e racionalismo, e rebate este conceito de experiência, que se refere ao conhecimento acumulado ao longo do tempo. A experiência não se limita ao ato no presente, mas também remonta ao que foi aprendido no passado e se reporta ao futuro para se aprimorar a inteligência quando existe algum problema.

O ser humano sofre a experiência e reage ao mesmo tempo. É um ser vivo que está em seu ambiente, sente a repercussão, reage com a lógica e busca conseguir os

meios para se adaptar. O ponto central para Dewey não é o sujeito nem o objeto, nem a natureza ou o espírito, mas as relações entre eles: a experiência significa integração. As ideias e os fatos não existem fora da experiência (DEWEY, 1980, p. 89-90).

O historiador inglês Edward Palmer Thompson, autor do clássico “A Miséria da Teoria”, obra muito importante que nos ajudará a dar consistência na arquitetura de nossas argumentações.

Em a “Miséria da Teoria”, editado no Brasil em 1981, o autor discute com seus leitores o conceito de experiência histórica e cultural, como modelos catalisadores de ação social. Ao escolher trabalhar com a noção de experiência histórica e cultural, o historiador conscientemente provocou uma desvinculação entre a superestrutura cultural e a estrutura econômica material.

Thompson propõe a diferenciação entre a experiência vivida e a experiência percebida. A segunda categoria aproxima-se daquilo que Marx denominou de consciência social, uma vez que elas resultam das causas materiais. No entanto, a pressão das experiências sobre as ações históricas não poderiam adiadas ou falsificadas pela falsa consciência.

Segundo Thompson:

Em uma análise comparativa, o modelo tem apenas valor heurístico, passível de geralmente redundar em perigo dada sua tendência em direção a uma estase conceitual. Na história, nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente. (THOMPSON, 2001, p. 111)

Thompson enfatiza que o conceito de experiência histórica serviria para que os historiadores percebessem que não é possível pensar determinada classe social separada da outra, ou propor graus de importância e autenticidade entre elas. O processo de autoformação acontece efetivamente a partir das experiências históricas conquistas e apreendidas por homens e mulheres concretas.

Em sua tese de doutoramento Ricardo Müller, ao analisar Thompson explica que:

Thompson observa que as regularidades no interior do ser social, com freqüência resultam de causas materiais que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. Tais causas inevitavelmente dão ou devem dar origem a experiência vivida, a experiência I, mas não penetram como reflexos na experiência II. No entanto, a pressão dessas causas sobre a totalidades do campo da consciência não pode ser adiada, falsificada ou suprimida indefinidamente pela ideologia. (MÜLLER, 2003, p. 341).

As experiências históricas e suas articulações seriam inevitáveis e contínuas. Teriam a função de exercer pressão sobre a consciência social, determinando a construção de laços entre aqueles que partilham as experiências e os sentimentos humanos que vem das experiências compartilhadas, fazendo emergir a consciência de seus papéis na sociedade de classes. Por esse prisma, Thompson acrescenta, que do ponto de vista empírico é através das experiências que é possível elaborar teoricamente uma explicação racional das mudanças históricas.

As ideias destes teóricos foram determinantes para a compreensão da existência de uma diversidade de ideias que explicam como as experiências humanas são fundamentais no processo de edificação de sentidos e percepções. Enfatizamos isto, por que entendemos também ser necessário como complemento desta discussão a inserção de um aspecto importante, trata-se da questão de que as experiências configuram-se em espaços de construção de subjetividades.

O sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações e, como ser significante, vivenciar esta sua condição de ser lhe permite singularizar os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo. Suas significações aliadas às suas ações, em movimento de totalizações abertas, compõem o sujeito que vai sendo revelado por perspectivas. Em cada ato considerado, em cada gesto ou significação, o sujeito está se revelando como um todo, pois em “cada perspectiva considerada, encontramos aí o homem total objetivando-se num determinado sujeito” (MAHEIRIE, 1994, p. 122).

As práticas e as experiências da vida cotidiana fazem parte de uma história de vida subjetiva, que impacta no processo de socialização. As linguagens, enquanto intermediárias do saber coletivo e da experiência coletiva, são adquiridas pelas histórias de interação e de relações pessoais. O saber e a cultura vão reproduzindo relação de tensão entre a experiência pessoal e a definição discursiva social.

Nesse sentido, observa-se que quando falamos de subjetividade, indicamos a existência de um espaço relacional entre sujeitos no qual ocorre processos de trocas mútuas, favorecendo assim ao desenvolvimento dos envolvidos. A subjetividade como um elemento da condição humana, e mais respectivamente da condição juvenil depende da ocorrência das experiências que são vivenciadas ao longo das trajetórias.

Para os jovens são ofertadas diversas formas de experiências, as que marcam e aquelas que proporcionam um acúmulo de informações e percepções que são utilizadas no decorrer das ações do cotidiano. É sobre esta gama de possibilidades

de experimentar e participar de novos contextos e enfrentar contexto de exclusão e marginalização que emerge e aflora o poder da subjetividade.

Tavares, dialogando com Thompson, Willis e Dubet, explica que:

O jogo social como é feito por esses jovens “periféricos” que vivenciam experiências de exclusão e “marginalidade” é elaborado de modo a se desviar do estigma, ainda que, para isto, seja necessário também se desviar da lei (Willis, 1977). E desta forma se constrói uma subjetividade própria. De acordo com François Dubet (1996: 99), “Essa subjetividade não é pura questão individual”, antes, é sustentada pela indignação, pela reação necessária para o sujeito não sucumbir totalmente à dominação, nem reduzir a experiência vivida aos papéis socialmente impostos. Foi neste sentido que Thompson propôs a construção da categoria «experiência humana», referindo-se ao conjunto de situações e emoções que uma classe social constrói e opõe às condições que lhe são criadas (Thompson, 1987). (TAVARES, 2013, p.05)

A vivência das experiências e a construção das subjetividades coletivas, são aspectos vivenciados profundamente pelas juventudes e precede a existência de outro elemento fundamental para o desenvolvimento de nossa pesquisa, trata-se da diversidade religiosa no espaço escolar. A concretização das diversas experiências do cotidiano possibilita aos jovens contemporâneos serem protagonistas em um tempo de intensas mudanças e transformações.

Neste bojo também insere-se a religião, elemento que está presente na história das sociedades humanas, desde os tempos mais antigos até os dias atuais. Presente na construção do processo histórico das sociedades, a religião se configurou como um instrumento de poder e, ao mesmo tempo, como um mecanismo que congrega em torno de uma divindade ou de uma personalidade, diversos contingentes humanos. Estudar a diversidade existente no universo religioso é um desafio complexo, que exige esforço, dedicação e zelo, pois o universo da religião é abrangente. É na diversidade das crenças, dos ritos e mitos, que podemos perceber a beleza das múltiplas manifestações do sagrado.

### 1.3– A DIVERSIDADE RELIGIOSA NO ESPAÇO ESCOLAR

A expressão da religiosidade, tão diversa em nosso país, adentra o cotidiano escolar, inevitavelmente, pois faz parte das marcas identitárias dos sujeitos que nela atuam: alunos, professores e demais profissionais. (BARCELOS, 2016, p. 02)

Nosso estudo busca entender como as relações entre as formas de vivenciar a juventude e as experiências religiosas manifestadas no espaço escolar, tornam-se um elemento fundante para a vida dos jovens. A questão da religiosidade é um tema que permeia a vida de muitos jovens brasileiros e influencia seus valores, práticas, ações e relações sociais, sobre tudo também no espaço escolar.

Para tanto, torna-se necessário entendermos que a diversidade religiosa é um elemento plausível na dinâmica do espaço escolar, visto que, a escola é por si um espaço de diversidades. Essa empreitada recai também sobre outros aspectos que geram debates fervorosos e dividem opiniões de especialistas do campo das ciências humanas, pedagogos, e cientistas da religião no tocante a presença do ensino religioso como um componente curricular a ser ofertado em instituições públicas.

O que percebemos é que o domínio do espaço público, o pertencimento religioso; ou não pertencimento a denominação nenhuma, ou até mesmo a invisibilidade de experiências religiosas que na maioria das vezes são tratadas com intolerância e preconceitos, transitam neste espaço agregando – se a dinâmica de atividades do processo de aprendizagem que é estabelecido por meio da vivencia da proposta pedagógica. Quando um sujeito entra na escola entra por inteiro, com sua cor, gênero, orientação sexual, suas convicções políticas e pedagógicas e, obviamente com suas crenças ou descrenças religiosas (BARCELLOS; ANDRADE, 2014, p. 61).

Para que se inicie uma discussão sobre diversidade religiosa é importante compreender a origem e o conceito de cultura, sendo que a natureza da cultura possui uma ligação direta com a evolução do ser humano e se desenvolve a partir da compreensão dos significados e objetos, sendo assim, a cultura atribui identidade ao indivíduo. (CRUZ, 2004, p. 55). Segundo Laraia (2006, p. 59), o conceito de cultura se difunde como:

Cultura são sistemas de padrões e comportamento socialmente transmitidos, que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de

estabelecimento, de grupamento social e assim por diante. (LARAIA, 2006, p. 59)

Dentre os diversos significados do termo, o conceito apontado condiz com a intenção das discussões propostas neste estudo, pois para compreender as concepções que impulsionam cada pessoa a desenvolver um estilo de vida, ideologia, religião, entre outros padrões de comportamento é importante observar que esses padrões possuem sua razão de ser devido à cultura. Assim, entende-se por cultura um sistema de elementos que vão se incorporando na dinâmica social e aos indivíduos e assim os fazem absorver em sua vivência formas de comportamentos, gestos e práticas de acordo com a cultura a que estão atrelados.

O conceito de diversidade cultural, amplamente discutido nos dias de hoje por vários autores (MOREIRA e CANDAU, 2010; MONTEIRO, 2013; GHANEM e NEIRA, 2014, entre outros), quando atrelado à educação escolar, traz em seu bojo a importância de se observar a cultura que identifica cada educando presente na escola e que se relaciona com os demais indivíduos, que por sua vez possuem suas próprias características culturais, como enfatiza Ribeiro Júnior: “a diversidade capta a fecundidade da experiência concreta revelando a infinita criatividade do coração e das mentes humanas”. (2012, p. 233.)

Nossa dissertação, foca na diversidade religiosa, considerando que a religião é um dos elementos culturais presentes na prática cotidiana dos jovens que estão no espaço escolar. Segundo Cruz (2004, p. 56), a religião é compreendida como algo fundamental dos sentimentos no indivíduo, “portanto, qualquer que seja nossa concepção final da religião, ela reflete algo de básico e de íntimo no homem: seus desejos, angústias, criatividade, inteligência e propósito. Os deuses, de certa forma, são um projeto do homem”. (2004, p. 56)

A diversidade religiosa é um tema tão importante que exige reflexões e debates no âmbito da escola, a partir dos contextos históricos. Não tratar desta temática em sala de aula ou a ausência da escola em relação a este debate pode ser interpretado como o resultado de uma falta de relação entre os eventos históricos e a realidade social, bem como, pela adoção de metodologias tradicionais ou ultrapassadas.

A religiosidade consiste na formação do indivíduo mediante a concepção de elementos do sagrado, que muitas vezes são incorporados na identidade do homem e que permite construir uma consciência do significado de religião. Portanto, a religião

na maioria das vezes serve de refúgio ao homem que busca encontrar respostas para entender o que acontece agora e futuramente ou até mesmo fugir da própria realidade.

Desta maneira podemos compreender a religião não como um fator determinante na sociedade, mas como um elemento identitário para o entendimento da diversidade religiosa, estando no viés de formador de valores étnicos, raciais e morais.

No esteio dos desafios de uma educação no séc. XXI, percebemos a diversidade religiosa no espaço escolar como um objeto de estudo propício, sobretudo sua relação com os jovens que vivenciam experiências diferenciadas das tradições religiosas que estão presentes no espaço escolar. Conforme Willemborg:

O conhecimento religioso é um patrimônio da humanidade. Refletir sobre esse fenômeno é pensar criticamente sobre a nossa condição existencial, o que não passa, necessariamente, pela prática de uma crença em particular. Antes, esse pensar está marcado pela busca incansável do entendimento das questões ligadas à própria vida, à transcendência e à orientação ética que dá sentido às realizações pessoais e sociais. A dimensão religiosa, por constituir uma propriedade humana, deve ser abordada com seriedade no espaço escolar, de modo que crianças e jovens estudantes possam estabelecer posições autênticas e referenciadas eticamente diante das expressões e manifestações religiosas. Há muito essa discussão deixou de ser privilégio de poucos esclarecidos e transposição para a escola de dogmas e sacramentos utilizados pela Igreja. Hoje, a liberdade de crença e de exercício religioso, garantida constitucionalmente, permite a leitura e o debate crítico dos lugares sagrados, dos textos sagrados orais e escritos, das organizações religiosas, do universo simbólico que reúne ritos e festas, danças e músicas, forças sociais que sustentam as tradições religiosas. (WILLEMBORG, 2013, p. 19)

Estudar os fenômenos e sistemas religiosos como parte da cultura é adentrar em um universo identificável da experiência humana, que se apresenta como imagens que passaram através de milhares de pessoas, ao longo de diferentes tradições, algumas modeladas nos santuários, outras nas universidades, o reconhecimento de que, em termos de religiões, a variedade é, acima de tudo, humana, significa compreender o nosso lugar no panorama religioso, reconhecendo os outros menos como competidores, mas sim, verdadeiramente, como companheiros de aventura existencial.

Religiões, religiosidades, experiências religiosas se expressam em linguagem e formas simbólicas. Saber o que foi experimentado, vivido e como isso pode ser compreendido exige a capacidade de identificar coisas, pessoas, acontecimentos, através da nomeação, descrição e interpretação, envolvendo conceitos apropriados e linguagens. Atualmente, os estudos sobre religião e religiosidade valorizam os fenômenos religiosos de forma diversificada.

Há o reconhecimento de que as questões religiosas permeiam a vida cotidiana como religiosidade popular, sob formas de espiritualidade que fornecem elementos para construção de identidades, de memórias coletivas, de experiências místicas e correntes culturais e intelectuais que não se restringem ao domínio das igrejas organizadas e institucionais, mas se procedem no espaço público.

Pesquisas sobre a religião indicam que o processo de secularização deve ser entendido não como perda da religião. Em vez disso, deve ser encarado como um processo de ressignificação das práticas religiosas que são produzidas em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las. Concordamos com a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger que em sua obra “O peregrino e o convertido: A religião em movimento”, aponta para a individualização e subjetivação da experiência religiosa nos dias atuais, enfraquecendo o papel das instituições religiosas tradicionais. Nesse sentido, as experiências religiosas de jovens na atualidade deixam de ser exclusivamente prescritas pelas instituições ligadas à religião.

O panorama religioso contemporâneo é marcado pela individualização da experiência e a subjetividade das crenças. Essas tendências assinalavam, no final do século XX, o processo de desinstitucionalização ou desregulação institucional destacado por Hervieu-Léger. Assim, observava-se o enfraquecimento das instituições face à autonomia do sujeito crente. Para ela, os sistemas religiosos são dissolvidos pela modernidade e cada vez menos regulam a participação e a crença dos indivíduos. Porém, essa desregulação das instituições religiosas pode não significar necessariamente o declínio da religiosidade, mas está vinculada à escolha individual. Nessa perspectiva, podemos entender o jovem crente na atualidade como um agente de construção da sua identidade religiosa a partir dos recursos simbólicos disponíveis, o que ocorre não mais pela força da tradição, mas por suas necessidades individuais, destacado nas análises de Hervieu-Léger como individualismo religioso. (MESQUITA, 2015, p. 04-05)

Individualização da experiência religiosa é um elo fundamental entre o conceito de experiência e o de juventudes discutido nos dois tópicos anteriores, especialmente na forma como entende Dubet sobre a experiência. A experiência sinaliza para o estabelecimento de subjetividades coletivas que partilham sentidos e significados semelhantes sobre a experiência vivida e, simultaneamente, para a diferenciação desses sentidos e significados, portanto, para a diversidade das formas de partilha, de subjetivar as experiências em individualidades.

O panorama apresentado sobre o conceito de diversidade religiosa, nos remete a outra questão que consideramos pertinente no contexto desta pesquisa. Nos referimos a como a diversidade religiosa, enquanto elemento proveniente da cultura e das mutações que ocorrem na dinâmica da sociedade, é um fator preponderante que faz a religião estar cada mais presente nos espaços públicos, seja a escola seja outros espaços. É nas ideias de Paula Montero que visualizamos as explicações para a questão posta. A instauração de um Estado secular produziu ao mesmo tempo um espaço civil e novas religiões. A demarcação das fronteiras religiosas foi resultado de um processo histórico de diferenciação entre magia e religião, e seus limites se deslocam continuamente em função dos consensos produzidos a cada momento (MONTERO, 2005, p. 47).

O debate sobre a religião no espaço público também é endossado por um outro importante pesquisador, Emerson Giumbelli que enfatiza: “problematizar o espaço público sem atentar para as condições dos atores que se localizam na sociedade; a noção, no entanto, coloca permanentemente em jogo a constituição e o papel do Estado. Estamos, assim, ainda às voltas com o argumento da secularização e suas expectativas para a relação entre religião e espaço público”. (GIUMBELLI, 2008, p. 97).

A discussão que envolve as religiões e o espaço público atualmente, é um debate que movimenta diversos pesquisadores das ciências humanas e sociais. Com o desenvolvimento do processo de secularização o espaço público tornou-se um elemento fundamental para a atuação das religiões como organismos presentes nas diversas sociedades. Entendemos que, ao nos debruçarmos sobre tal aspecto percebemos o quanto é significativo o estudo das relações que envolvem as religiões o domínio do espaço público.

Reconhecer o “religioso” em sua diversidade e como o mesmo está vinculado aos jovens, ao invés de excluí-lo da vida destes e da escola, ou aprisioná-lo sob os

imperativos de uma cultura do confessionalismo, implica mudar não apenas as intenções do que se quer transmitir, mas os processos internos que são desenvolvidos. Não reconhecer a diversidade, não incorporá-la como elemento de aprendizagem, são limitações teórico-metodológicas preocupantes.

A escola é um espaço de encontro, de relações com múltiplas diversidades, de socializar o conhecimento historicamente produzido pela humanidade, entre os jovens. A diversidade religiosa com sua riqueza de identidades, linguagens, símbolos e valores, garante os jovens do ensino médio a liberdade de sujeitos de direitos, cidadãos, disponibilizando saberes e práticas de todas as culturas, tradições, para os que são e religiosos e não-religiosos.

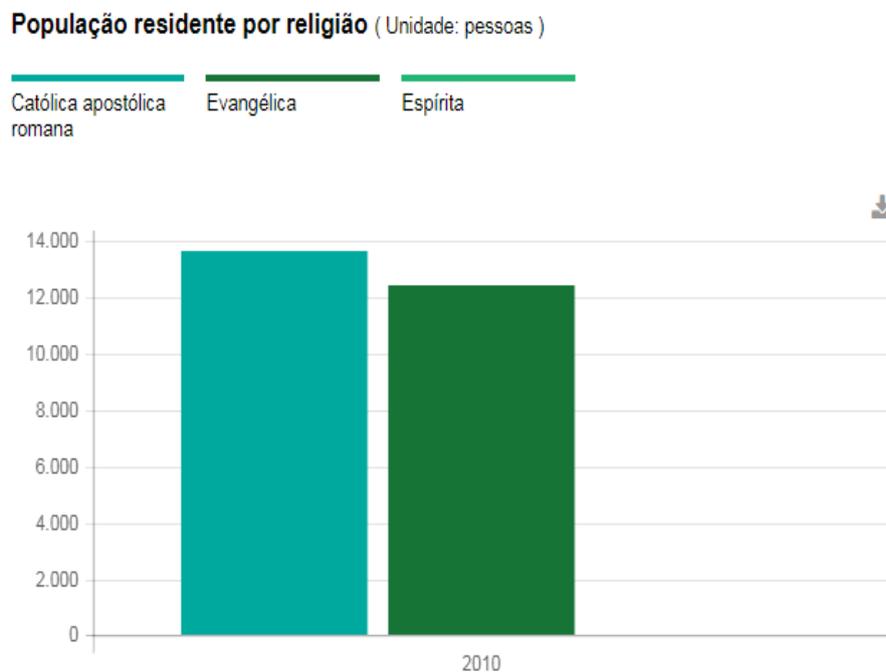
Esta discussão inicial onde os conceitos de cultura, diversidade religiosa e as imbricações com espaço público no tocante a escola e a outros espaços, expõem a necessidade de enfatizarmos a experiência das juventudes locais, fato que entendemos ser preponderante para o processo de estabelecimento de seus devidos lugares no âmbito do espaço público e mais respectivamente no universo da escola.

A antropóloga Regina Novaes (2000, p. 134), ao discutir elementos constitutivos das mudanças que são processadas na vida dos jovens brasileiros debruça-se sobre dois pontos que consideramos pertinentes ressaltar. O primeiro refere-se ao fato de que em tempos de globalização e de mudanças rápidas e intensas advindas da proliferação do sistema capitalista, e do surgimento de novas tecnologias da informação, a religião deixou de ser a única “fonte distribuidora de imagens do mundo” (2000, p. 134). Novaes inspira-se em Enzo Pace, sociólogo italiano que defende a seguinte argumentação: “foi-se o tempo em que as religiões eram as principais distribuidoras de sentido e de imagens estáveis entregues de geração a geração”. (2000, p. 134). Estas impressões podem ser compreendidas como um pretenso anúncio de que a religião estaria com os dias contados. Porém observamos que há uma segunda questão que deve ser muito bem observada e que se contrapõe as posições postas, enfatizada por Novaes: “a religião está muito presente tanto na esfera pública quanto na biografia concreta de milhões de pessoas que buscam um sentido religioso fora, à margem ou dentro de sua própria religião de origem. (2000, p. 134).

São estes aportes que nos levaram a investigar e entender como a experiência dos jovens que estudam na escola campo da pesquisa são condicionantes para o desenvolvimento da diversidade religiosa presente no espaço da escola. Essa

dicotomia entre duas percepções acerca de como este panorama da religião nos faz pensar e direcionar as energias no intuito de entender como as experiências locais refletem na estrutura das práticas vivenciadas no espaço escolar, como os comportamentos são direcionados e, sobretudo, como dentro deste espaço ocorrem os devidos diálogos, aproximações e distensões sobre a diversidade religiosa.

Buscando compreender ainda mais a dinâmica da experiência das juventudes locais, e como seu lugar é marcado nos espaços públicos e mais respectivamente na escola, filtramos a pesquisa por dados oficiais oriundos do IBGE sobre o segmento religião. Foi neste aspecto que encontramos um dado relevante que entendemos não pode ser negligenciados, pois referem-se à composição religiosa da população local:



**Imagem nº. 1: População residente por Religião. (Fonte: IBGE, 2017)**

Os dados do censo apontam para uma polaridade entre duas religiões de cunho cristãs que dominam o cenário local e ao mesmo tempo promovem silenciamento e invisibilidade de outras expressões que existem, mais que não são retratadas pelos dados oficiais. As religiões que não estão em evidência nas estatísticas oficiais, refletem o que no espaço da escola ocorre quando um jovem prefere não externar sua pertença com receio de hostilizações ou preconceito, preferindo o silêncio ou assumir uma feição convencional. Por que consideramos este dado primordial? Nas experiências que ocorrem no espaço escolar onde a pesquisa foi realizada não foi

difícil detectarmos que os jovens protagonistas, em sua maioria externavam ter uma pertença religiosa ou católica ou evangélica, fato que se liga ao resultado do censo.

A presença da religião tem uma força evidente na influência e condução das escolhas que muitos jovens podem realizar, mesmo não sendo a única e potencial distribuidora de sentidos e imagens como já nos explicou Novaes, as diversas denominações religiosas voltam o seu olhar e definam estratégias pontuais para atrair os jovens, por que percebem que estes podem dar continuidade aos propósitos estabelecidos pela instituição no qual estão em vínculo.

A realidade local em que nossa pesquisa ocorreu não está tão dissonante de outras realidades existentes, principalmente quando olhamos para as cidades do interior, relativamente afastadas de alguns grandes centros urbanos onde estas realidade são construídas em contextos diferenciados.

Ao decidir se engajar ou seja, ter uma pertença religiosa, ou não pertencer a instituição nenhuma, mas cultivando práticas de religiosidade, os jovens locais que frequentam a escola campo de pesquisa torna-se sujeitos inseridos em um processo educacional onde a vivência de uma proposta educacional laica é o norte para o desenvolvimento de ações e desempenhos que contrastam com a formação da visão de mundo impregnada pelas aspirações trazidas de suas experiências fora do espaço escolar: família, igreja ou redes sociais.

Mas a escola não tem vínculo com nenhuma religião, como ela abarca, e consegue agregar sentido as práticas desenvolvidas por estes jovens? Que tipo de escola é esta no qual a pesquisa foi desenvolvida? O que ela oferta? Que tipo de público atende? Qual a origem a famílias que enviam seus jovens para cursarem o ensino médio nesta escola?

## 2. ESCOLA, RELIGIÃO E A COMUNIDADE: ENTRE OS DIALOGOS E AS TENSÕES

Quem são estes jovens? O que vão buscar na escola? O que significa para eles a instituição escolar? Qual o significado das experiências vivenciadas neste espaço? (DAYRELL, 2006, p. 139)

Neste segundo capítulo de nossa dissertação, nos debruçamos na contextualização sobre o espaço e os sujeitos de nossa pesquisa. Entendemos e concordamos com Dayrell (2006, p. 136) que analisa a escola como espaço sociocultural, enfatizando que o ato de compreendê-la sob a ótica da cultura, torna-se uma ação mais densa, que leva em conta a dimensão do cotidiano, levado a efeito de homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadores, negros, brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, serem humanos concretos sujeitos sociais e históricos, presente na história, protagonistas na história.

A escola, nas sociedades contemporâneas, é a principal instituição responsável pela preparação das futuras gerações, ao lado da família, e é também promotora da cultura e do saber de cada sociedade específica. É um local privilegiado para a construção das aprendizagens, bem como um espaço de construção de subjetividades e de interação com a diversidade que nela habita. É no âmbito da escola que procede-se o processo da segunda socialização dos infantes, conforme nos mostra Bourdieu, permitindo aos diversos sujeitos que dela usufruem interagir com diferenças mais amplas do que, geralmente, é vivenciado no seio familiar.

As teorias clássicas que explicam as diversas tendências pedagógicas, tendem a indicar o papel da escola conforme cada modelo de sociedade que é estabelecido coletivamente. A escola tem uma vinculação direta com a ordem social estabelecida, receptando ou sendo influenciada pelos modelos vigentes que determinam os rumos da organização da sociedade. Mais essencialmente, a escola é um espaço de formação de pessoas, onde é possível, mediante uma proposta pedagógica construir bases sólidas que contribuem na preparação de crianças, adolescentes e jovens, para a integração à sociedade que vivem.

A escola no qual desenvolvemos a pesquisa, é uma instituição vinculada a rede estadual de Pernambuco. No momento é a única escola que oferta a modalidade do Ensino Médio no município, tornando-se assim o único espaço no município legitimado para acolher e conduzir o processo de formação dos jovens que a ela

procuram. Desta forma, os jovens que nela transitam, trazem consigo expectativas, anseios, pertencas e suas respectivas visões de mundo.

## 2.1 – A COMUNIDADE ESCOLAR (QUEM SÃO ESSES ALUNOS?)

Ao ingressarem na instituição escolar, os jovens, embora estejam excluídos de muitas possibilidades que a cultura hegemônica oferece, trazem expectativas quanto a construção do conhecimento. (ABRAMOVAY, 2015, p. 17)

A socialização juvenil, entendida como um processo de aprendizagem e transmissão de conhecimentos, valores e costumes, visa entre os seus objetivos, assegurar a reprodução social por meio dos principais agentes socializadores, entre os quais destacam-se a família, a escola, e os grupos onde os jovens legitimam sua condição. É na juventude que diversos contatos são estabelecidos, visando em determinadas proporções assegurar aos jovens possibilidades de construção de laços e a realização de experiências que podem marcar a formação de sua personalidade. Por isso a socialização juvenil ocorre com muita intensidade no espaço escolar. É neste ambiente que ocorre um intenso trânsito e fluxo de histórias, comportamentos, atitudes, desejos e sonhos constituindo – se assim em elemento da cultura escolar que está intrínseco no desenvolvimento das experiências juvenis no espaço da escola. Segundo Mariano Enguita (1989):

A educação é fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e ao funcionamento de todas as sociedades. Por intermédio da ação educativa o meio social exerce influencias sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem esses influencias, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora. (ENGUITA, *Apud*, ABRAMOVAY, 2015, p. 33)

Tais influências se manifestam por meio de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados pelas novas gerações. Além disso, a escola é crucial para o desenvolvimento da autonomia, da capacidade crítica, da busca pela emancipação, bem como para a formação da identidade, conforme enfatiza Delors: “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo, e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bussola que permita navegar através dele” (DELORS, 2001, p. 89).

A partir disto entendemos que a escola é um ambiente privilegiado para o desenvolvimento da socialização juvenil. Sua dinâmica, estrutura e função social, são

aportes para que o direito ao acesso dos conhecimentos sejam garantidos a todos os sujeitos que dela possam usufruir, possibilitando assim o discernimento sobre a realização de seu projeto de vida.

A escolha desta unidade de ensino médio em que se desenvolveu a pesquisa se dá pelo fato de que esta instituição é a única deste tipo presente na sede do município, que oferta a oportunidade dos jovens cursarem a modalidade do ensino médio e que desde 2002 atuamos como professor efetivo da área de ciências humanas, lecionando as disciplinas de História e Sociologia, trabalhando diretamente com os jovens nas modalidades do Normal Médio; Ensino Médio Regular (2002) e no Ensino Médio Semi-Integral (2008).

Durante os exercício de observação que realizamos ao longo da nossa atuação enquanto docente, foi possível detectarmos alguns aspectos que consideramos determinantes e que constituem um conjunto de características presentes nesta comunidade escolar. Os jovens que frequentam esta unidade de ensino vivem sob a égide de uma fronteira estabelecida entre a realidade urbana e rural. Ao levantarmos esta questão, explicamos que esta fronteira arquitetava-se pelo fato de que a população do município divide-se em metade na zona urbana e metade na zona rural, conforme dados do censo demográfico do IBGE realizado em 2010. Corroboram com este dado é a localização geográfica do município, situado na Zona da Mata Sul, tradicionalmente conhecida pela produção de cana-de-açúcar. Para tanto faz-se necessário compreender de forma objetiva a dinâmica de vida estabelecida no espaço local da pesquisa.

Conforme o Censo de 2010, a população local era de 33 mil habitantes, sendo que em 2017, sua população já estava tabulada em 36 mil habitantes. Município localizado na Zona da Mata Sul de Pernambuco, tem como principal atividade econômica o comércio e a vinculação com o poder público municipal. Sua extensão territorial abarca mais de 100 comunidades rurais, estruturadas nas condições de antigos engenhos fornecedores de cana-de-açúcar, parcelas particulares para a produção de pastos e assentamentos familiares (IBGE, 2017).

Como acontece em toda essa região, o município sofre com o descaso das ações dos poderes públicos que não investem em melhorias e oportunidades de desenvolvimento na Mata Sul, concretizando uma dependência econômica dos repasses governamentais para as devidas ações em prol da população.

Outro fator preponderante é a falência da economia açucareira que por longos anos foi o motor do desenvolvimento da região, e dos municípios que em seu território possuíam usinas produtoras de açúcar e álcool. Sobre esta falência o geógrafo Gislan Silva explica:

A cana-de-açúcar sempre foi o principal carro-chefe no tocante a questão econômica e que fez regular a vida social dos municípios canavieiros da região Nordeste, particularmente falando na região da Zona da Mata Pernambucana. Como cultura “individualista”, egoísta, dominante e que não permitia a introdução de qualquer outro tipo de cultivo em seus territórios, a cana-de-açúcar modificou como pôde a paisagem natural da região, tendo a mesma que se adequar as suas necessidades, esgotando todo o nutriente dos solos, propiciando a poluição das águas dos rios que cortam seus domínios, bem como devastando praticamente toda a mata nativa existente na região e, ainda não satisfeita, sujeitou uma enorme gama de trabalhadores rurais a sua vontade, escravizando, humilhando, esfomeando e matando-os em contrapartida do enriquecimento, ganância e poder de alguns senhores ávidos por riqueza, em nome de um desenvolvimento econômico altamente injusto e desproporcional, que perdura ainda nesta região e em várias outras regiões do país, que visa sempre o acúmulo de capitais. (SILVA, 2008, p. 03)

Outros pesquisadores renomados, como o professor Manuel Correia de Andrade (2001), dedicou um parte de seus escritos para explicar as consequências e impactos ocorridos com a implantação da econômica do açúcar na região, bem como, este modelo influenciou na dinâmica constitutiva das relações de trabalho, cultura e geração de renda das cidades locadas neste espaço.

Essa realidade reverbera na falta de políticas públicas concretas voltadas para gerar oportunidades para os jovens, existindo apenas como direito garantido, o acesso à educação nos níveis do ensino fundamental pela rede municipal e ao ensino médio mediante a existência de apenas uma unidade escolar que oferta a modalidade que finaliza o percurso da educação básica.

O período da entressafra, momento em que as atividades da lavoura estão em recesso devido a paralisação da produção de açúcar, álcool e seus derivados pelas usinas da região, localizadas em municípios circunvizinhos, pois neste momento nenhuma unidade produtiva funciona na cidade, faz com que uma significativa parcela dos jovens da comunidade escolar frequentem a escola assiduamente. É preciso considerar que a frequência à escola gera efeito sobre a manutenção de benefícios sociais ofertados por projetos governamentais, tais como o Programa Chapéu de Palha e o ingresso na modalidade do EJA Médio, onde o jovem estudante por meio

de um programa de estudos diversificado realiza o ensino médio em dezoito meses de aulas. Esses programas, e também o programa Bolsa Família, exigem a presença do estudante para a continuidade do benefício.

Salientamos que esta realidade procede-se principalmente com os jovens que frequentam a unidade de ensino no expediente noturno, momento em que a escola recebe estudantes de mais de 20 comunidades rurais do município, perfazendo total de 739 estudantes que cursam EJA-Médio; Normal-Médio e o Ensino Médio regular (2017), que em sua maioria são trabalhadores rurais e urbanos do segmento do comércio local (SIEPE, 2017, p. 02).

Conforme o relatório anual do Sistema de Informações da Educação de Pernambuco, foram matriculados no Ensino Médio Semi-Integral, 681 estudantes, sendo matriculados no 1º Ano 258 alunos; 2º Ano 225 aluno nas turmas concluintes do 3º Ano 198 alunos (SIEPE, 2017, p. 03). O Ensino Médio Semi-Integral, tornou-se uma política pública, devida criação do Programa de Educação Integral no ano de 2008, por meio da Lei n.º 125 de 10 de julho de 2008, conforme documento da ALEPE:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO - Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei Complementar: Art. 1º Fica criado, no âmbito do Poder Executivo, o Programa de Educação Integral, vinculado à Secretaria de Educação, que tem por objetivo o desenvolvimento de políticas direcionadas à melhoria da qualidade do ensino médio e à qualificação profissional dos estudantes da Rede Pública de Educação do Estado de Pernambuco. Parágrafo único. O Programa de Educação Integral será implantado e desenvolvido, em regime integral ou semi-integral, nas Escolas de Referência em Ensino Médio, unidades escolares da Rede pública Estadual de Ensino, conforme estabelecido em Regulamento.

Tornando-se uma política pública de estado e não apenas uma ação de governo, integra o Programa de Educação Integral uma rede de unidades de ensino, no intuito de promover a expansão do ensino médio integral para diversas partes do Estado.

Os jovens que frequentam o ensino médio semi-integral estão locados na faixa etária de 14 a 18 anos. Esta modalidade está estruturada com aulas presenciais em cinco turnos matutinos (manhãs) e dois vespertinos (tardes). Assim, a estes jovens estudantes é ofertada um proposta pedagógica que prioriza a formação para o desenvolvimento de habilidades e competências nas áreas de conhecimento, bem como, o desenvolvimento do protagonismo juvenil, como enfatiza a matriz de referência das Escolas Integrais e as ETE's, já reformulada em 30 de janeiro de 2018.

Dentro deste contexto, nosso recorte de trabalho focou na observação dos jovens que cursavam o 3º Ano, e que exerciam uma liderança sobre os demais participantes das atividades religiosas que procediam-se no cotidiano da unidade de ensino. Para tanto, foi preciso investigar alguns aspectos referentes a estes jovens que participariam da pesquisa, mas que também eram comuns a outros jovens da comunidade escolar, assim realizamos esta diagnose.

Para discorrermos sobre o perfil dos jovens que matricularam-se no ano de 2017 no ensino médio semi-integral, foi necessário fazermos uma análise do questionário socioeconômico que os responsáveis juntamente com os jovens respondem no ato da matrícula, bem como, no momento das entrevistas individuais coletamos algumas informações que nos proporcionam discorrer sobre aspectos que fazem parte do perfil dos jovens estudantes. Conforme já mencionamos no início da escrita desta seção da dissertação, a escola recebe um grande contingente de jovens provenientes das comunidades rurais do município. O ensino médio semi-integral também é um espaço preenchido por esta demanda, visto que, as outras unidades de ensino que ofertam esta modalidade localiza-se no município vizinho que conta com a presença de três unidades que ofertam a modalidade integral, das 07:30h as 17:00h.

A escola também atende os jovens da área urbana, que é formada por oito bairros. A unidade escolar está instalada no centro, a localização permite que o transporte escolar, urbano e rural tenha fácil acesso ao prédio, embarcando e desembarcando os jovens estudantes em sua jornada diária e noturna. Um dado importante sobre o aspecto da localização da unidade é que a escola recebe um número maior de alunos de três bairros, sendo um deles o Centro, e outro desses bairros é um que foi formado pelas famílias que foram acometidas pelos impactos das grandes inundações dos anos de 2010 e 2011, tendo algumas famílias das que hoje residem neste bairro permanecido no espaço da escola por mais de 90 dias, quando as instalações serviram como abrigo para as famílias impactadas.

Ao consultamos o questionário socioeconômico do ato da matrícula, identificamos que a renda familiar destes jovens em grande maioria não ultrapassam mais que dois salários mínimos, e que ao optarem ingressar em uma escola de referência buscavam se preparar para buscar melhores condições de vida. Outro detalhe que consta no questionário é a consulta previa que é realidade com o aluno a respeito de seu interesse em participar do Programa Ganhe o Mundo (PGM), iniciativa que prepara os jovens estudantes para a experiência de intercâmbio cultural em um

país de língua inglesa ou espanhola. Os jovens ingressos nesta na escola são jovens pobres, que nutrem o desejo de uma mudança em suas vidas, depositando assim confiança na estrutura e mediação que a escola oferece.

## **2.2– O QUE É UMA ESCOLA PÚBLICA VOLTADA PARA JOVENS PROVINIENTES DE FAMILIAS TRABALHADORAS QUE AINDA VIVEM DO CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR?**

A educação pode ser um fator de coesão social, se tiver em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social. (DELORS, 2001, p. 54)

A escola é considerada um local privilegiado para aprendizagem e socialização, que deve ensinar a compreensão, que inclua a empatia, a identificação, a projeção, a simpatia e a generosidade. Enfatiza Morin (2000, p. 39), “é um projeto necessário para a vida, funciona também como um passaporte de entrada e de integração na sociedade, bem como pode chegar a criar condições que possibilitem as pessoas uma vida melhor” (MORIN, 2000, p. 39). O acesso à educação pode significar a possibilidade do desenvolvimento de um ser humano mais harmonioso, de fazer recuar determinados níveis de pobreza, de combater as várias formas de exclusão, de entender os processos e mecanismos de incompreensão, tais como: o racismo; a homofobia; a intolerância religiosa e a opressão. A essência da escola é promover o pleno desenvolvimento humano, formando sujeitos capazes de compreender e atuar nela.

Diante disto levantamos esta questão, o que é uma escola pública que atende jovens pobres oriundos de famílias ainda vivendo sob a influência do ciclo da cana-de-açúcar? A discussão desta questão nos remete a contextualizarmos sobre algumas importantes características da escola campo de pesquisa. Em termos de estrutura, a escola campo de pesquisa é uma unidade de grande porte, possui 19 salas de aulas, 04 laboratórios (Biologia, Química, Matemática e Informática), auditório, refeitório e o espaço administrativo onde funcionam a secretaria, a coordenação pedagógica e gestão. Suas acomodações recebem por turno mais de mil alunos, sendo proporcionado nos devidos horários a alimentação para a comunidade escolar. O espaço foi amplamente reformado por várias vezes, na medida em que as demandas eram necessárias, pois é um prédio que já completou 61 anos de fundação. O ano de sua inauguração foi 1957.

Sobre o capital humano, possui um quadro de professores, composto por efetivos e contratados, todos com licenciatura nas devidas áreas de atuação. Atualmente a equipe gestora é formada por quatro integrantes, responsáveis pela condução das atividades administrativas e o cumprimento das prerrogativas do projeto político pedagógico. A estrutura vigente garante o funcionamento dos turnos letivos, bem como o atendimento as famílias que realizam o ingresso de suas filhos nesta unidade de ensino.

Porém, mesmo com a estrutura mínima, algumas necessidades estão na ordem da urgência, tanto no tocante a melhores condições de trabalho para o corpo docente, como a possibilidade de melhorias na estrutura física para o melhor acolhimento e permanência dos jovens que usufruem do espaço. Estas possíveis melhorias se ocorrerem poderão contribuir para uma percepção diferenciada do sentido do espaço escolar por parte do jovens que vivenciam o ensino médio semi-integral. Por que levantamos esta questão? Mediante a nossa atuação como docente, dialogamos e escutamos dos jovens o seu desejo, de que o espaço escolar, torne-se um local mais atrativo, que ele tenha mais dos jovens, e não seja apenas um espaço tipicamente adulto. Que este espaço alimente os sonhos, os desejos e as utopias que estão presentes nos sujeitos que nele transitam (CHARLOT, 2001, p. 21).

Entendemos que a escola ideal é aquela que ensina a pensar. Pensar nas diversas possibilidades que existem para que o jovem tenha a oportunidade de discernir, de surpreender-se com a sua capacidade de ir mais além do que a sua realidade lhe impõe, como explica Bernad Charlot:

Trata-se de procurar o que faz sentido para os indivíduos, ou seja, a relação do aluno com sua escola, com aquilo que se aprende e que varia de acordo com os fatores como seus interesses, projetos e futuro, sua condição econômica ou mesmo seu capital social e cultural. (CHARLOT, 2001, p. 22-23).

A resposta do professor Charlot para a nossa questão esbarra justamente no que foi possível observar como docente e pesquisador sobre o que entendemos ser a escola real que abriga estes jovens no ensino médio semi-integral. Apesar de possuir a estrutura mínima para o trabalho, a unidade de ensino onde realizamos a pesquisa está distante de ser considerada um espaço atrativo para os jovens.

Defendemos esta impressão, por entendemos que ainda falta empenho e zelo por parte do governo que é o mantenedor prioritário da unidade, no tocante, de promover não só uma adequação favorável ao público que ela atende, mas de

oferecer qualidade nos serviços públicos para esta população juvenil carente de oportunidades. É certo que o problema da falta de oportunidades para o desenvolvimento integral dos jovens da região extrapola a questão do acesso e permanência na escola, visto que, o poder público, especialmente das esferas estadual e federal, não empreendem ações para a região onde o município está localizado, fazendo com que as famílias da região ainda dependam das poucas oportunidades ofertadas no clico da cana-de-açúcar. A história das famílias dos jovens que frequentam esta unidade de ensino em sua grande maioria é repleta de dificuldades.

Uma chave de compreensão é entendermos que esses jovens vêm de uma história familiar de escolarização incompleta ou bastante precária por conta do vínculo de trabalho na produção canavieira, extremamente desvalorizada e exploratória, que empurrou as famílias para trajetórias de baixa escolarização. A resistência à escola e o baixo valor atribuído à educação por muitos jovens é uma questão de não familiaridade com a cultura escolar em decorrência da história familiar de escolarização ser ainda recente e incompleta.

Os jovens e suas famílias não desvalorizam a escola, pois sabem que o mercado de trabalho tem exigido maiores credenciais e uma preparação mais qualificada para a inserção no mesmo. De maneira geral, os pais querem que os filhos estudem. Alguns jovens conseguem concluir o ensino médio e até sonham com a possibilidade de fazer um curso superior, outros almejam fazer cursos profissionalizantes, mas esbarram em outra séria dificuldade que afeta a região onde, atualmente, só existe um campus de um universidade pública estadual que oferta cursos na modalidade EAD. A oferta dessa modalidade e a variedade de cursos oferecidos não atrai os jovens, cuja percepção é de não existir mercado para as formações ofertadas. Assim, de certa forma entendemos o porquê do distanciamento e o sentimento de que investir na escola não valia a pena, detectado em estudo da UFMG: “isso não parece ser apenas falta de familiaridade com o universo da cultura escolar, mas uma postura realista diante das interdições à mobilidade social produzidas por uma sociedade que vê crescer os níveis de desemprego e de pobreza.” (LEÃO, 2006, p. 35)

A relação entre a experiência escolar juvenil e a escolha de uma profissão é vivida de forma a não estar predeterminada pelo “destino de classe” definido pela situação social de cada família. Segundo Leão: “Ela é também largamente

determinada pela identificação ao grupo e às culturas juvenis, o que confere ao jovem papel ativo na construção de sua trajetória escolar e profissional”. (LEÃO, 2006, p. 36). Desta forma, a relação família e escola é imprescindível no discernimento do sentido que a escola tem para com a preparação do jovens estudantes, e com as respectivas escolhas e direcionamentos que serão tomados visando o futuro. A relação entre escola e família enfrenta diversos desafios relacionados com o papel e responsabilidade que cada instituição possui na formação dos jovens.

A educação ocupa um espaço importante na sociedade, na qual a escola e a família desempenham papéis fundamentais na transmissão dos conhecimentos, entretanto, há muitos desafios em relação às responsabilidades que cada instituição possui no trabalho pedagógico. A forma de participação dos pais é algo que particularmente nos deixa intrigados enquanto profissionais da educação, pois entendo que um dos fatores para que haja um bom desenvolvimento do jovem estudante na escola é à participação dos pais na vida escolar do indivíduo.

A família desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento do indivíduo, já que será a principal transmissora das condutas e valores que permearão o comportamento do ser que com ela convive. Quando a escola se propõe a estabelecer determinadas estratégias com a família, deve ter o cuidado de manter o respeito e a valorização da mesma, pois é a partir do respeito e valorização mútuo que é possível desempenhar a difícil tarefa de tomar decisões sobre a educação dos jovens. Segundo Izabel Parolim:

Convém lembrar que todas as famílias são diferentes e vivem em diferentes contextos. Deve-se, assim, evitar desprezar ideias e sugestões apresentadas por eles e ou de considerar a visão da escola como a mais adequada e, juntos, construir um modelo de formação capaz de congrega todos os interesses, quer da família, quer da escola ou mesmo da sociedade em geral. (PAROLIM, 2007, p. 14)

O que presenciamos em nossa atuação, nos remete mais uma vez ao que chamamos de escola real. Uma significativa parte dos pais dos jovens alunos da escola campo de pesquisa participam da vida escolar de seus filhos, porém não conseguem articular nem mediar possíveis soluções para o melhoramento do desempenho e a superação de muitas fissuras na relação que tem com seus filhos, fazendo com que esta tarefa fique sob a tutela da escola. O encontro de pais e mestres que ocorre bimestralmente, tem por finalidade fazer uma análise do desempenho

escolar do jovem estudante, momento de diálogos e reflexões sobre o rendimento escolar. Outro significativo momento é o dia da família na escola. Um encontro onde é proporcionado aos pais vivenciarem atividades pedagógicas e culturais ao lado de seus filhos no intuito de se fortalecer os laços entre estes dois segmentos importantes para a formação do jovem. A falta de trajetórias escolares de sucesso nas gerações dos pais desses estudantes é um dos principais obstáculos para ampliar e qualificar a participação dos pais na vida dos estudantes e da escola.

### **2.3– AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS QUE ESTÃO PRESENTES NO ESPAÇO DA ESCOLA**

O jovem aluno carrega para a instituição referências de sociabilidade e interações que se distanciam de referências institucionais que estão em crise de legitimação. (SPOSITO, 2002, p. 221)

A escola como um espaço propício para o desenvolvimento da diversidade, abarca em seus âmbitos diversas expressões e formas de manifestações individuais; e coletivas. Tal condição torna o âmbito da escola um local de realizações, práticas de legitimação das crenças, as visões de mundo e das identidades dos grupos presentes.

Quando Marília Sposito enfatiza que o jovem leva para o interior da instituição suas referências de sociabilidade, os mesmos transportam para o âmbito da escola suas crenças e pertencas religiosas, utilizando-as para um efetivo processo de legitimação, de atuação e ao mesmo tempo de construção de relações que façam este grupo estar em evidência.

É preciso entender bem esta questão, os jovens pedem passagem e utilizam suas referências de sociabilidade para também conquistarem o espaço que historicamente são geridos por sujeitos adultos, ocorrendo assim possíveis choques geracionais. Seria isto uma batalha de gerações? Ao nosso ver não, sendo mais uma evidência que no espaço escolar é aberto a um trânsito intenso de relações que se inter cruzam, proporcionando encontros e desencontros em torno de objetos comuns de convivência.

É a partir desta premissa que enfatizamos a presença das religiões no espaço escolar da unidade de ensino que foi campo para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Quando inicialmente observávamos informalmente o encontro dos jovens estudantes no corredor central da escola, tínhamos a vaga impressão que tratava-se

de um único grupo, formado por jovens de uma mesma denominação religiosa e que por terem autorização da gestão escolar realizavam sua breve liturgia no início das atividades diárias. A primeira impressão foi de uma homogeneização daqueles que estavam participando devido ao fato de que inicialmente percebíamos que era um momento ligado a alguma religião (igreja) de cunho evangélico pentecostal.

Quando visualizamos a presença de jovens que eram católicos fazendo parte daquele momento, decidimos então nos aproximarmos para saber de fato quais eram as pretensões e o que motivava este grupo a realizar tal momento com outros jovens.

Como já explicamos anteriormente, os dados oficiais produzidos pelo censo de 2010 acerca das religiões no município em que fica a unidade educacional em questão, revela-nos que há uma expressiva presença de instituições e denominações religiosas de origem cristãs que congregam o maior número da população em suas respectivas assembleias. Estes números são mais expressivos quando filtramos a pesquisa e encontramos este quadro mais detalhado com números absolutos acerca da quantidade de participantes de cada uma das expressões religiosas que são mencionadas na pesquisa. Observemos esta segunda imagem:

> SEM RELIGIÃO	6.733			peessoas
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	13.607			peessoas
ESPÍRITA	13			peessoas
✓ EVANGÉLICA	12.394			peessoas
Não determinada	933			peessoas
> Missionária	564			peessoas
> Pentecostal	10.897			peessoas
✓ NÃO DETERMINADA E MULTIPLO PERTENCIMENTO	7			peessoas
Religiosidade não determinada ou mal definida	7			peessoas
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	32			peessoas
OUTRAS RELIGIOSIDADES CRISTÃS	80			peessoas
NÃO SABE	230			peessoas

**Imagem nº. 2: População residente por Religião (Fonte: IBGE, 2017)**

O Catolicismo Romano, representado pela Igreja Católica aparece nas estatísticas como a religião que tem um maior número de adeptos. Quando observamos o panorama religioso da localidade percebemos que a um trabalho consistente por parte da Paróquia local no tocante a manutenção de algumas expressões religiosas que já fazem parte da constituição cultural do município, como é o caso da festa do padroeiro São José da Agonia. Conforme, Faustino Teixeira e

Renata Menezes: “o catolicismo romano é ainda preponderante, mas perde a cada década sua centralidade, passando a se firmar como religião da maioria dos brasileiros, mas não mais a religião dos brasileiros” (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 23). Concordamos com Ronaldo de Almeida e Rogério Barbosa (2013), quando explicam que essa situação do catolicismo foi um dos efeitos da pluralização que está em curso.

Isto reverbera-se no ambiente escolar quando se trata da condução organização e liderança das atividades religiosas que ocorrem no espaço da escola. Os jovens estudantes que declaram ser católicos ocupam na organização do grupo e na condução do momento uma posição secundária, que pode ser explicada por alguns fatores, tais como: timidez de falar em público; ausência de um discurso centrado para o público jovem que está ao seu lado, mas sobretudo pela quantidade reduzida de jovens desta religião.

As denominações de cunho evangélicas aparecem de imediato como o segundo segmento que congrega o maior número de adeptos. Cecilia Mariz e Paulo Gracino (2013) enfatizam que:

Ocorreu um significativo incremento na presença evangélica nas últimas décadas, com um salto de 6,6% em 1980 para 22,2% da população em 2010. Nada menos que 42.275.440 milhões de evangélicos para uma população de 190.755.799. Esse crescimento não se deve aos evangélicos de missão, que permanecem estacionados na última década, na faixa dos 4% de declaração de crença. Deve-se, sobretudo, aos pentecostais, que respondem por 13,3% da população brasileira, ou seja, 25.370.484 milhões de adeptos. (MARIZ; GRACINO JR, *Apud* TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 24-25)

No âmbito da escola destaca-se a presença de jovens alunos de algumas instituições tradicionais como a Primeira Igreja Batista. E a Assembleia de Deus que no censo é identificada como pertencente ao grupo das pentecostais. Mas são os jovens alunos da Igreja Apostólica Batista Viva (IABV), que iniciaram estas atividades, convidando, organizando e definindo os passos deveriam ser executados para a realização deste momento com os jovens alunos que desejassem participar.

No intuito de conhecermos de forma mais aproximada esta nova denominação, passamos a investigar as suas origens. A atuação desta igreja tem início no ano de 2012, fruto de uma cisão com a então 1ª Igreja Batista. Com a abertura de seu primeiro templo nas mediações do centro da cidade, próximo a outro templo católico conhecido como capela de Santa Terezinha, rapidamente esta nova igreja conseguiu arrebanhar

vários jovens, pois utilizava de algumas linguagens artísticas: teatro, música e atos em público direcionados para o público jovem, fato que atraiu um significativo número de jovens a participarem deste segmento religioso.

Os jovens alunos do terceiro ano do ensino médio semi-integral, concluintes do ano de 2017, que identificamos como os líderes pertenciam a esta denominação, que atualmente tem sede própria localizada no centro da cidade. Estes jovens alunos fazem parte de uma iniciativa desta denominação chamada Rede Jovem. A participação nesta iniciativa foi o impulso direto para que os jovens concluintes dessem continuidade a realização dos encontros na área central da escola. Identificamos os jovens líderes protagonistas dessa experiência religiosa no ambiente escolar, porque também eram protagonistas de uma ação coordenada pela gestão da escola, fator que foi levado em consideração para a efetivação da permissão para as ações de cunho religioso no espaço escolar.

Quando analisamos o espaço escolar, católicos e evangélicos constituem-se em uma maioria entre os jovens estudantes que participam das manifestações religiosas no âmbito da escola. Porém, conseguimos detectar que existe uma relativa quantidade de jovens cursando o ensino médio semi-integral que não possuem uma pertença religiosa definida, ou seja, não tem vínculo institucional com nenhuma das expressões que são citadas no rol das opções do censo. Segundo o IBGE, declararam não ter religião 6.733 habitantes município, que representa 18,5% da população do município. Estas estatísticas contribuem na compreensão do que ocorre na escola, visto que, muito jovens estudantes assumem esta condição de não pertencer a nenhuma denominação, distanciando-os de atividades que tenham ligação ou sentido religioso no espaço escolar.

Mesmo assim, alguns destes jovens sem religião observam e interagem com seus pares que tem uma pertença e participam destas manifestações, mais com suas devidas proporções, estabelecendo por si os requisitos e propósitos para estarem entre eles. A crescente afirmação dos sem-religião é um dos objetos estudados Pierucci que explica: “os declarantes que se encaixam nessa categoria estão desencaixados de laços institucionais, situando-se, melhor, como peregrinos do sentido” (PIERUCCI, *Apud* TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 24)

Um aspecto muito preciso é o fato de que alguns dos jovens estudantes vivenciam a situação de ter uma dupla filiação religiosa, fazendo com que ocorra um processo de invisibilidade e silenciamento de expressões que estão ocultas neste

cenário diverso. Refiro-me aos jovens que externam uma posição de sua pertença mais praticam outra, e neste caso mais específico estamos falando das religiões de Matriz Africana e Espíritas, sendo que a primeira não é citada nos dados oficiais, enquanto a segunda aparece com um dado muito pequeno, como indica Prandi:

O Censo sempre ofereceu números subestimados dos seguidores das religiões afro-brasileiras, o que deve às circunstâncias históricas nas quais essas religiões se constituíram no Brasil e a seu caráter sincrético daí decorrente. Continua vigente a tendência de adeptos das religiões afro-brasileiras camuflarem sua identidade registrando uma declaração de crença distinta, seja na rubrica católica ou espírita. (PRANDI, *Apud* TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 25)

Essa realidade está presente na escola, desencadeando um processo de silenciamento com jovens vinculados às religiões de matriz africana, mas que preferem se silenciar para não sofrerem nem *bullying*, ou qualquer outro tipo de preconceito de seus pares.

Os jovens convidados a participarem de nossa pesquisa tem entre 16 e 18 anos. Realizamos um encontro de caráter informal para que todos conhecessem os propósitos de que tratavam o estudo, bem como, a leitura e explicação do que era o termo de consentimento livre e esclarecido para que pudéssemos proceder com a realização dos grupos de discussão e as entrevistas individuais. Participaram destes encontros, 15 jovens convidados, 05 jovens do sexo masculino e 10 jovens do sexo feminino, como mostra o quadro a seguir:

<b>Participante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Urbano/Rural</b>
A 1	Masculino	18	Urbano
A 2	Masculino	17	Urbano
A 3	Feminino	18	Urbano
A 4	Feminino	18	Urbano
A 5	Feminino	18	Urbano
A 6	Feminino	18	Urbano
A 7	Feminino	18	Urbano
A 8	Masculino	18	Rural
A 9	Feminino	18	Rural
A 10	Feminino	18	Urbano
A 11	Feminino	16	Rural

A 12	Masculino	18	Rural
A 13	Masculino	18	Urbano
A 14	Feminino	17	Urbano
A 15	Feminino	17	Rural

**Quadro 1: Caracterização dos participantes da pesquisa por sexo, idade e lugar de moradia (urbano/rural). Dados organizados pelo autor, 2017.**

Procedemos desta forma, uma vez que o grupo identificado como os jovens que estavam a frente destas expressões religiosas, era composto em sua maioria por jovens (meninas). Entretanto, mesmo a condução ocorrendo de forma coletiva, os jovens meninos estavam a frente da organização do coletivo.

Os jovens que participaram iniciaram sua jornada escolar nesta unidade de ensino no ano de 2015, ao ingressarem no 1º ano do ensino médio, sendo recepcionados pelos jovens protagonistas das séries finais 2º e 3º Ano. Consigo traziam suas expectativas de estarem naquele momento iniciando uma jornada que duraria no mínimo três anos e que culminaria com a inserção no mercado de trabalho ou a ida para o ensino superior, mediante a participação no ENEM e Sisu, ou ainda havia aqueles que desde o primeiro anos seriam incentivados a realizarem o SSA da UPE<sup>1</sup>. Estas trajetórias estavam alinhadas com o desejo de mudanças de vida e a conquista de melhores condições socioeconômicas, no intuito de evitar o que costumeiramente ocorre com muitos jovens locais, a cooptação pela política partidária local que os tornam dependentes de figuras políticas descomprometidas com a causa da juventude.

Por viverem em uma localidade que não oferta condições favoráveis para quem neste momento vive sua juventude, os jovens participantes são postos sempre a refletir sobre a possibilidade de migração. Centros como Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama no agreste do estado, atraem um bom número destes jovens por conta da oferta de vagas de trabalho, visto que outros em um passado muito próximo trilharam esta rota e conseguiram alcançar uma razoável prosperidade.

<sup>1</sup> O SSA – Sistema Seriado de Avaliação – foi instituído pela Universidade de Pernambuco (Estadual), como uma segunda opção de acesso aos cursos por ela oferecidos, ao lado do ENEM, e se caracteriza pela realização de provas aplicadas anualmente e diferenciadas para cada série do Ensino Médio. Assim, o resultado do SSA é calculado ao final do percurso de três anos em que os alunos de Ensino Médio fazem provas respectivamente à série que estão cursando.

### 3. O SENTIDO DE SER JOVEM E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO

Os jovens instituem lutas simbólicas através dos compromissos cotidianos que assumem com determinado processo de identificação coletiva. (CARRANO, 2013, p. 191)

Neste capítulo discorreremos sobre metodologia da pesquisa e a análise dos dados construídos ao longo do percurso metodológico é detalhada. É importante lembrar nosso objetivo em compreender como as experiências religiosas no âmbito da escola pública influenciam no sentido de ser jovem e impactam na dinâmica da comunidade escolar.

A metodologia adotada envolveu a realização de grupos focais com os jovens alunos, com vistas a produção de dados para uma abordagem compreensiva do problema, que busca o sentido, as intenções, motivações, crenças e valores dos atores sociais sobre o próprio mundo e o mundo exterior.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa adequada para buscar respostas aos questionamentos pontuais que elencamos como aspectos relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Segundo Abramovay: “é uma fonte de informação para entender atitudes, as crenças e os valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos que se quer estudar” (ABRAMOVAY, 2015, p. 49). Como um dos principais instrumentos de nossa pesquisa, seu desenvolvimento possibilitou buscar respostas em curto prazo para questões sugeridas no lidar do campo. O tempo médio de duração de cada grupo focal foi de uma hora e meia, os grupos focais foram feitos a partir do seguinte cronograma: o primeiro encontro foi realizado no dia *08 de julho* na biblioteca. O segundo encontro foi realizado no dia *29 de julho* no auditório da unidade de ensino. E o terceiro encontro foi realizado no laboratório de matemática no dia *22 de agosto*. Participaram destes grupos focais quinze jovens estudantes do terceiro ano que participavam da experiência religiosa e que identificamos como líderes. São os 15 jovens caracterizados no Quadro 1 apresentado no capítulo anterior.

A realização das entrevistas individuais, após a participação desses nos focais tornou-se um momento impar para o desenvolvimento do nosso estudo. Com esta técnica foi possível coletar depoimentos individuais, ímpares, que contribuiriam para o entendimento do nosso objeto de estudo. A análise destas entrevistas está vinculada às correntes compreensivas ou interpretativas da tradição sociológica, e que se

revelou como mais indicado para essa pesquisa qualitativa, Segundo Weller: “a escolha dos procedimentos de coleta de dados, é importante que o pesquisador reflita também sobre o método que pretende utilizar na análise do material empírico (WELLER, 2006, p. 252)”.

### **3.1 – A BUSCA PELA COMPREENSÃO DO SENTIDO DE SER JOVEM**

“Os jovens podem agir motivados por uma necessidade de buscar um sentido na vida”. (TAVARES, 2017, p. 22)

A busca por um sentido na vida, é algo que motiva de forma direta nossos jovens, foi possível perceber este sentimento de busca, em cada um dos jovens que convidamos para participar de nossa pesquisa. O sentido da vida, ao qual nos referimos aqui, atrela-se ao fato de que muitos de nossos jovens ao terminarem as atividades da educação básica, mais respectivamente o ensino médio, tem uma série de dúvidas para escolherem um direcionamento em suas trajetórias de vida.

Foi no estabelecimento dos contatos para a pesquisa, que nos aproximamos e conversamos com cada um sobre as suas trajetórias, sonhos, desejos e o projeto de vida. Para nossa surpresa, todos os nossos jovens eram cientes da necessidade de definir aquilo que desejavam para o que costumam chamar de futuro, porém inseridos numa dura realidade que não oferta perspectivas atrativas, todos apresentam-se confiantes, mais ao mesmo tempo temem as possibilidades de insucesso.

As conquistas e o estabelecimento no mundo, é uma via de grandes descobertas e desafios que os jovens participantes da pesquisa estão trilhando no intuito de construir os seus respectivos projetos de vida. É impressionante perceber em seus olhares o desejo e a satisfação de neste momento viverem intensamente esta condição de suas vidas, que nas palavras dos mesmos, eles definem como “minha juventude”.

É neste ponto de convergência que emerge com muita intensidade, o fator religioso presente nas trajetórias de vida de cada jovem participante da pesquisa. A religiosidade de cada um é lavada consigo para o ambiente escolar, transformando a escola em um espaço de difusão de diversas formas de comportamentos e crenças, porém ainda percebemos uma primazia destas manifestações alinhadas as tipologias do Cristianismo Católico e Evangélico de cunho pentecostal. Assim, a escola torna-se um local onde é possível demonstrar aquilo que o jovem pensa; aquilo em que o jovem acredita, sendo um esteio para as experiências que dão sentido à vida.

Os grupos de discussão foram realizados com o objetivo de proporcionar ao jovem a oportunidade de sua voz ecoar, a compartilhar suas experiências e junto com seus pares interagir sobre as questões vividas e sentidas. No início houve um clima de tensão, o silêncio e a timidez davam o tom das primeiras palavras no recinto. Aos poucos fomos tranquilizando a todos e orientando a serem o mais natural possível, pois estávamos entre iguais que poderiam ter opiniões e pensamentos diferentes, mais que todos teriam naquele momento a oportunidade de expressar-se.

No desenrolar das discussões observamos os comportamentos e gestos que deram o tom de tranquilidade aos jovens que participaram. Estes gestos e comportamentos iam de rostos surpresos; feições apreensivos por conta do medo de falar algo errado, e até mesmo de desconfiança devido as regras de sua pertença em algum momento não permitir reflexões acerca de temas que não estejam em consonância com as orientações da instituição.

Um fator que consideramos fundamental pôr em discussão é a questão que trabalhamos como pesquisador buscando evidencias e produzindo informações acerca destas experiências vivenciadas por estes jovens, mesmo sendo ao mesmo tempo, professor das disciplinas de história e sociologia. Uma dúvida que inicialmente pairou entre os jovens participantes foi o que seria feito com este material das entrevistas? Como já mencionamos, no momento em que convidamos os jovens para participarem desta empreitada explicamos os detalhes e os objetivos que circundavam a realização deste estudo, bem como, se por ventura houvesse alguma desistência o desejo de não participar seria atendido de imediato.

Percebemos de início que havia um sentimento de inibição de falar diante do professor, mesmo explicando que estávamos na condição de pesquisador, o lidar do dia-a-dia na sala de aula, faria com que não houvesse de imediato uma dissociação das funções que naquele momento estávamos desenvolvendo.

Ao percebermos esta situação, de imediato procuramos acalmar e orientar todos os jovens participantes, enfatizando e explicando o sentido de uma pesquisa científica, sobretudo quando ela é realizada com a participação de seres humanos. Assim, procuramos estabelecer um clima mais amistoso, onde os jovens ficassem descontraídos e pudessem interagir e participar de forma mais tranquila possível.

A escolha dos jovens que participaram dos grupos de discussão está associada ao exercício de observação que realizamos antes e durante o desenvolvimento da pesquisa. Como critério para o trabalho selecionamos os jovens que exerciam uma

evidente liderança na condução da manifestação religiosa na escola, já enfatizamos que este protagonismo de liderar e conduzir ficou sob a tutela dos alunos do terceiro ano que eram provenientes da IABV – Igreja Apostólica Batista Viva.

Previamente observamos de forma mais ampla os jovens no momento da reunião, ou como os mesmos definam “a oração”. Participavam jovens de todas as séries do ensino médio semi-integral. Em média participavam 45 jovens, havendo dias em que esse número era maior, e outros em que víamos apenas um pequeno grupo, de uns 20 jovens. Para esta que o ofício ocorresse os jovens líderes faziam uma chamada pública para quem desejasse participar, utilizando cartazes feitos de forma artesanal, convites orais em sala de aula, afixando um informativo no quadro de avisos de cada sala e organizando um grupo pelo aplicativo do Whatsapp.

Foi necessário fazermos uma triagem, pois não seria possível trabalhar com um número tão elevado, por conta da estratégia traçada na organização de nossa metodologia. Então definimos o número de 15 participantes, os quais serão mencionados no decorrer do texto identificados pela vogal A em maiúsculo, seguido de um número de ordem conforme realizamos a etapa da entrevista, ou seja, desta forma, A1; A2 e etc. Esta estratégia está em consonância com os parâmetros éticos da realização da pesquisa com seres humanos, não sendo identificado o nome dos participantes, conforme consta no termo de consentimento livre e esclarecido, apresentado a cada jovem participante da pesquisa.

Na medida em que definimos os jovens que seriam convidados para a participação mais efetiva da coleta informações, passamos a acompanhá-los um pouco mais de perto, investigando algumas características importantes sobre suas trajetórias na escola e a relação com a definição de suas visões de mundo. Trabalhamos na condição informal, realizando previamente conversas pontuais de caráter informal sem o recurso da gravação, e ao mesmo tempo preparando estes jovens para a realização do momento das entrevistas onde haveria o instrumento de coleta de suas vozes. Esses momentos foram significativos, percebemos que os jovens estudantes gostam de conversar sobre temas inerentes a sua condição, temas que fazem parte de seu cotidiano, dos selecionados todos tinham percepções bem postas acerca temas como política local, Enem, sexo, drogas e os desafios do mercado de trabalho.

Uma conclusão prévia que tiramos deste momento é que os jovens estudantes, independentes de suas filiações religiosas, desejam ardentemente serem escutados.

Um dos temas que abordamos em nossas conversas informais, foi sobre a relação deles com as famílias, é aqui que percebemos uma fissura que marca a vida de quase todos selecionados, trata-se do fato deles viverem situações problemáticas em suas famílias, convivendo com problemas como o álcool, tabagismo, desemprego. Mas o que mais nos impactou foi perceber que existe fome, 50 anos depois da denúncia de Josué de Castro, ainda há a falta de alguns insumos básicos para a alimentação dessas famílias, que ainda hoje vivem sob as sombras da economia canavieira, mesmo que muitos não sejam mais cortadores de cana.

A partir dessas primeiras aproximações de reconhecimento mútuo, passamos a preparar o primeiro momento de coletas de informações, agora utilizando os recursos de gravação, na aplicação da técnica dos grupos focais. Segundo Kind (2004, p. 125), “os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo”. Portanto os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, suas expressões, intensidade, motivações, a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo.

Operacionalizando a realização dos grupos focais, realizamos o primeiro encontro no dia foi realizado no dia 08 de julho; 29 de julho; 22 de agosto. Nestes momentos participaram os quinze alunos. Os grupos foram formados por alunos dos terceiros anos A, B, C, D, E.

Realizamos estes encontros em espaços distintos: a biblioteca; o auditório e o laboratório de matemática, onde previamente agendamos a utilização dos recintos, devido existir uma programação diária atendimento aos estudantes nestes espaços. Os espaços foram devidamente preparados para a realização dos grupos, trabalhamos com as cadeiras em disposição de um pequeno círculo, deixando os jovens bem próximos e em um posicionamento adequado para a utilização do aparelho de captação de áudio. Contamos neste instante com a colaboração de um aluno protagonista do 2º Ano B, que nos auxiliou com processo de gravação enquanto fazíamos as devidas anotações sobre os comportamentos empreendidos no desenvolvimento dos grupos.

O exercício da escuta seria imprescindível para a produção dos dados que posteriormente analisaríamos. Desta forma, o grupo focal como um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal, segundo Kind (2004, p. 126), “tem como objetivo obter uma variedade de informações,

sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado”.

### 3.2– O SENTIDO DE SER JOVEM

O tema discutido nestes grupos foi Juventude A partir disto trabalhamos os seguintes questionamentos nas discussões em grupo: o que é ser jovem hoje? O que representa este momento para você? Quais os desafios de ser jovem?

Os debates nos três grupos foram realizados a partir da questão, o que é ser jovem hoje? Para uma dinâmica mais participativa orientamos os jovens a estabelecerem uma ordem para as falas, deixando-os livres em seu próprio tempo para o início da formulação das opiniões. Foi necessário, estabelecer um tempo de adaptação com todos os grupos, pois o fator gravação em dado momento assustou-os, pois não haviam ainda passado por tal experiência. Após o breves momentos de silêncio e dúvidas como transcorreria os debates, as sessões foram realizadas nas respectivas datas programadas.

Passamos a observa-los, a ordem organizada seguiu em sentido horário para a primeira pergunta, sendo o inverso para a segunda, e voltando a primeira ordem com a pergunta final. Neste grupo estava o jovem que consideramos o principal líder entre os outros, o qual vamos identificá-lo no decorrer de nossa narrativa como A1. Ele iniciou respondendo conforme suas ideias o que seria ser jovem, com um olhar bem compenetrado externou aos colegas as suas impressões.

Ser jovem é um processo de amadurecimento para a vida adulta; onde aprendemos e erramos. É uma fase onde o se "arriscar" não vira rotina; e as responsabilidades começam a surgir. (A 1, Grupo Focal 1 – Ensino Médio, 08.07.2017)

Mesmo tendo também ficado em silêncio nos primeiros momento, após ter iniciado sua fala, fez valer seu protagonismo incentivando os colegas a também se posicionarem. Vale salientar um dado muito importante sobre este jovem, ele teve a oportunidade de participar do PGM, e fez um intercâmbio na Espanha, fala fluentemente espanhol e razoavelmente inglês, é centrado em seu estudos e deseja retornar ao país do intercâmbio, pois estabeleceu pontes para esta realização. É oriundo da IABV, e como investigamos, em sua comunidade religiosa também ocupa lugar de destaque nas atividades com os jovens desta instituição.

A percepção do jovem A1, concentra-se em definir a juventude como uma fase, um momento onde todos estão pretensos aos erros e acertos em um processo de amadurecimento, mediante a vivência deste momento e que terá como consequência imediata o encontro com a dimensão das responsabilidades. O relato do jovem estudante associa-se a teorias clássicas que codificam a juventude a uma fase ou apenas uma palavra como já enfatizou Bourdieu (1983, p. 112).

Seguindo a dinâmica das discussões, os outros participantes externaram também suas respectivas opiniões. O jovem aluno A 2, pertencente ao 3º ano A externou uma opinião diferente do seu colega de sala. Quando investigamos detalhes sobre as trajetórias de cada jovem, encontramos a seguinte evidência sobre o jovem A2, ele é um dos poucos do grupo selecionado que teve a oportunidade de conviver com seus pais, ou seja, de ter uma família estruturada ao moldes de uma família nuclear, e é daí que vem suas motivações religiosas, pois todos participam da Igreja Assembleia de Deus. O jovem A2 responde a questão indicando que:

Ser jovem hoje, é assumir um posto na sociedade, onde você começa a questionar as coisas, buscar seus direitos e cumprir seus deveres, é estar em constante aprendizado, para que quando se torne um adulto, se torne um cidadão respeitado e de bem. (A 2, Grupo Focal 1 – Ensino Médio, 08.07.2017).

Percebemos na fala deste jovem um desejo, no tocante a legitimação de seu lugar enquanto sujeito participante da sociedade, ele evoca as prerrogativas de ações concretas “buscar seus direitos e cumprir seus deveres”, como se estas ações possibilitassem sua inserção no universo do mundo adulto, tendo como sua representação primordial ser um cidadão respeitado com valores inculcados. É uma interpretação baseada na oposição entre o bem e o mal, sendo o bem representado pelo respeito aos ordenamentos “direitos” e “deveres”. Cumprir esses ordenamentos é o caminho para ser um cidadão respeitado e de bem”.

Após estas respostas no decorrer das discussões do primeiro grupo focal ocorreu um intenso momento de inquietações, seguido de perguntas entre eles mesmos, fato que nos chamou a atenção, pois não trabalhávamos com esta expectativa. As perguntas eram direcionadas entre eles, cada querendo que o outro se colocasse sobre o que eles mesmo acreditavam ser jovem. Ressalto que em nenhum momento realizamos alguma intervenção, deixamos que os jovens estudantes administrassem a intensidade do momento vivido. Neste momento de

efervescência provocada pelas trocas ocorridas no grupo, outra significativa visão nos foi ofertada provinda da aluna A3, para ela ser jovem é:

Cada dia dar o seu melhor para que possamos mostra pra sociedade, que ser jovem não é só viver de festas, ou sair por aí ficando com um e com outro, o nosso dever hoje como jovem é mostrar pro mundo que somos responsáveis e podemos sim chegar onde queremos. (A 3, Grupo Focal 1 – Ensino Médio, 08.07.2017).

Este depoimento, nos coloca de frente de uma questão que parece ser central entre estes jovens, quando ela enfatiza que, “possamos mostrar pra sociedade”, externa de forma direta e plausível a necessidade de legitimar sua condição juvenil, por meio um desejo intenso de mostrar para o mundo que são capazes e responsáveis de conquistarem o que desejam. Acerca disso, Dayrell explica que: “a noção de sujeito é tomada com um sentido de si mesma (2006, p. 42), e Charlot vai corroborar dizendo que: “o sujeito é um ser humano, aberto a um mundo que possui historicidade, não se reduzindo ao aqui e agora. É portador de desejos e é movido por eles” (2000, p. 101). Neste relato, percebemos também a preocupação com as questões afetivas, visto que, com a fluidez destas novas relações na contemporaneidade, os relacionamentos passam a ser pressupostos para a construção de uma definição de ser jovens, por pessoas da sociedade, a jovem deixa claro em sua fala que é preciso mostrar que ser jovem não é ser ou viver apenas isto. Ao mesmo tempo, a narrativa usa de negação de uma forma que é um modo de ser jovem, pois ela diz “não é só...”, o que sugere que ser jovem *também pode ser*, no caso, “viver de festas... ficando com um e com outro”. A forma discursiva permite não se comprometer com um tipo de comportamento juvenil que pode ser criticado no seu grupo familiar e de convívio, mas negando, admite o que pode ser associado, no contexto religioso, a uma “juventude sem religião”.

A necessidade de afirma-se diante das gerações do presente, estabelecidas em princípios e valores que contrastam com os nossos jovens, provocam opiniões fortes e contundentes como foi o depoimento da aluna A4 ao externar sua posição acerca do que é ser jovem:

Ser jovem nos dias de hoje é saber ser maleável diante de uma sociedade hipócrita que tanto nos cobra e pouco nos oferece. Aprender a se erguer diante de muitos não e aceitá-los como aprendizado, é saber lidar com a falta de experiência que nunca nos foi dada, ser jovem já é algo complexo pela fase da vida e torna-se ainda mais quando temos que nos posicionar na sociedade. (A 4, Grupo Focal 1 – Ensino Médio, 08.07.2017).

O relato desta jovem nos deixou muito impressionados, não só pelo teor de suas palavras, mas pela definição que a mesma externa acerca do que seja a sociedade, em suas palavras ela define a sociedade como “hipócrita que tanto nos cobra e pouco nos oferece”. Analiso esta questão a partir do que já trabalhamos na contextualização deste nosso estudo, estes jovens são cobrados, e exige-se deles em muitos momentos um amadurecimento muito precoce devido às experiências que vivem no cotidiano seja na família, escola ou em sua instituição religiosa. Estes jovens são cobrados por seus comportamentos, suas escolhas, suas formas de pensar e agir, no entanto não recebem um retorno por tamanhas cobranças ou exigências, vivem inseridos em uma realidade que não os oferece a possibilidade de políticas efetivas para a juventude, fazendo com que não seja possível o estabelecimento de um processo de mudança das bases que constituem as suas trajetórias de vida. Outro fator em sua voz que nos chama muito atenção, é quando ela menciona que as negações podem estabelecer um processo de aprendizado para a superação das faltas e negações que ocorrem na vida destes jovens. Aprender com os “nãos”, o que significa isto? É aprender com as “faltas”, as impossibilidades estruturais e as limitações dos contextos em que vivem. Estes jovens a cada momento buscam construir por meio de suas experiências o sentido de ser e atuar como jovens, mas, como ela sugere, como podem ser jovens sem ter experiências e como tê-las nessa conjuntura de negações, ausências e faltas? A dimensão da experiência, como já vimos, é uma dimensão relacional, vivenciada e significada na relação entre a experiência individual e a experiência do outro, e nessa relação ganha significados compartilhados que fomentam o pertencimento coletivo. A negação, a ausência de experiência remete à própria negação da possibilidade de ser. Como ser jovem num contexto em que não há nada que seja especificamente vivenciado pelos jovens? Que experiências diferenciadas podem os jovens experimentar em contextos de pobreza vivencial?

No grupo focal foi possível coletarmos impressões mais robustas como foi esta que mencionamos e analisamos, bem como, outras impressões que resumiam-se a definir o que ser jovem de forma objetiva e sintética como nos relatou a jovem participante A5, coincidentemente a mais tímida entre os jovens que participaram do grupo de discussão. Seu comportamento mais comedido, refletiu no momento em que suas palavras foram entoadas ao relatar que ser jovem em sua visão é: “Ser jovem nos dias de hoje é ter a consciência que mesmo sendo tão novos, nós devemos ter

compromissos e responsabilidade em tudo que fazemos, sejam elas no âmbito escolar ou em qualquer outro” (A 5, Grupo Focal 1 – Ensino Médio, 08.07.2017).

Os pressupostos da responsabilidade e da necessidade de ter uma consciência da condição juvenil é a questão que revela-se na fala da jovem estudante, que mesmo enfrentando a timidez como algo que dificultava-lhe expressar o que acredita, esta jovem destacava-se pelo comprometimento que sempre para com as suas atribuições no grupo dos jovens protagonistas escolhidos pela gestão escolar, algo que refletiu diretamente em sua atuação como entre os jovens que estavam à frente da experiência religiosa ocorrida no espaço da escola, esta jovem tem uma pertença religiosa definida e é filiada à Igreja Assembleia de Deus.

O debate seguiu-se, após a intensidade empregada com as respostas das questões que se seguiram. Percebi uma sequência de repetições no tocante, quando a questão era falar sobre o que entendiam do mundo que eles viviam. O singular neste momento ficou mais evidente, falar de temas mais íntimos com os outros era algo complicado. Estas respostas nos remetiam a fase das investigações com as conversas informais, tratar destes em grupo em dado momento estabeleceu um bloqueio entre estes jovens.

Conforme a metodologia que elegemos para a feitura da pesquisa, estabelecemos um intervalo entre a realização dos encontros. Esta ação nos permitiu, analisar com atenção as informações coletadas, bem como, organizar as ações para a realização da etapa seguinte que foi a entrevistas individuais.

O segundo grupo focal, foi realizado no dia 29 de julho no auditório da unidade escolar. Este grupo foi composto por mais cinco jovens estudantes selecionados para o nosso estudo. Procedemos da mesma maneira, seguindo o que tínhamos definido enquanto metodologia para a realização deste segundo momento, ambiente e material preparados, realizamos neste espaço mais uma etapa da pesquisa com nossos jovens. Muito semelhante ao que ocorreu com o primeiro grupo, os jovens deste segundo momento sentira-se um pouco desconfortáveis com o fato que de suas vozes seria naquele momento registradas, de imediato lembramos que a participação na pesquisa estava condicionada a sua vontade e que ela seria respeitada de forma soberana. Feita esta reflexão, encaminhamos um momento de conversa mais formal, pois estes jovens demonstraram estar mais nervosos do os que iniciaram a jornada dos grupos focais, após breves comentários sobre o que um processo de coleta de

informações, os indaguei se poderíamos dar prosseguimento ao momento, a resposta foi imediata que sim, seguida de risos e de um jargão popular “seja o que Deus quiser”.

Estes jovens do segundo grupo, mesmo orientados de como o processo seria realizado, não desprenderam-se do fato que de o professor estava ali, ou seja, que nós enfatizamos com isso? Estes jovens estavam apreensivos quanto ao seu desempenho diante do professor, não enxergaram naquele momento que o professor era um “estudante”, um pesquisador, lidar de uma pesquisa acadêmica, que levou a necessidade de recomeçarmos todo o processo, ou seja, reiniciarmos as discussões para o desenvolvimento do momento.

Neste grupo estava presente uma jovem estudante, que no momento das manifestações era uma das meninas que tomava uso do momento da palavra, sua liderança se exercia não pela organização mais pelo poder do discurso que proferia, nas oportunidades em que observamos o coletivo ocorrendo ele utilizou sua voz para conduzir e refletir com os jovens o tema defini para o momento. Sua resposta sobre o que é ser jovem foi incisiva quando na sua vez colocou:

Ser um jovem nos dias de hoje é um pouco complicado porque estamos carregando o título de a nova geração e por esse motivo queremos fazer a diferença. É na juventude que passamos a descobrir o mundo com outros olhos, com mais responsabilidade e maturidade, é o momento de aprender com as experiências da vida e saber que ao cair irá se levantar sozinho. (A 10, Grupo Focal 2 – Ensino Médio, 29.07.2017)

As palavras da jovem da estudante que pertence a IAD, estão carregadas de um simbolismo muito evidente, suas ideias externam um discurso muito reproduzido sobre a juventude, que de eles são uma “nova geração”, creditando a estes sujeitos as evidências de uma nova configuração social a partir do desenvolvimento destes que neste momento vivencia a fase da juventude. Ao se colocar “queremos fazer a diferença”, percebemos aqui o que Tavares e outros pensadores contemporâneos (TAVARES, 2017; GROppo, 2015; FEIXA & LECCARDI, 2010; ELIAS, 1997), defendem acerca de que os jovens buscam e constroem por meio de suas subjetividades os devidos sentidos para as relações que vão faze-lo conquistar o que almeja.

A referência a “descobrir o mundo com outros olhos” corrobora com as interpretações que ressaltam a especificidade da experiência na juventude, pois que vivenciam pela primeira vez situações como sujeitos relativamente autônomos, que se deslocam pela cidade sem necessariamente estar acompanhados de adultos, que

se encontram em ambientes em que predominam os pares, que começam a ter que assumir riscos e tomar certos cuidados eles mesmos, pois que começam a “descobrir o mundo...” pela experiência direta. É por isso que ela predica que é necessário aprender a cair e levantar sozinho. Estas são projeções sobre a responsabilidade e a maturidade que a depoente associa à condição juvenil, rompendo com o senso comum de que tais aptidões são próprias do adulto. O jovem, neste sentido, é equiparado ao adulto, e o adulto equiparado ao jovem pode ser, como assinala Tavares (2017), na sociedade contemporânea, o sujeito social que também vive a instabilidade, a transição de um estado para outro, algumas vezes “regredindo”, da condição de autonomia financeira para dependência, da condição de chefe ou membro de uma nova unidade familiar para co-habitante da unidade familiar paterna/materna, e assim por diante.

Outra contundente opinião que foi proferida no desenvolvimento deste grupo, refere – se uma jovem estudante que se reconhece como cristã, porém não tem vinculação nenhuma com as instituições religiosas mencionadas durante a pesquisa. Ela apresenta-se, “não tenho igreja”. Durante a realização do grupo, suas expressões faciais chamavam a atenção, pois por diversas vezes quando o debate ficou mais aberto pedia o uso da palavra e expressava-se com intensidade. Ao declarar que não tinha igreja, chamou a atenção de seus pares, devido ao fato de sua valorosa participação no momento em que o coletivo protagonizava a “oração” no corredor da escola. O grupo focal tornou-se uma via para que os jovens participantes entendessem que no espaço da escola existe uma diversidade humana, cultural e religiosa. Sua percepção do que é ser jovem externa-se quando ela diz:

Ser jovem nos dias de hoje é muito mais sobre ser esperançoso do que qualquer outra coisa, é não se sentir limitado por sistemas nem nada que prive a liberdade de um jovem de progredir da maneira que lhe é desejada, é caminhar em direção ao que quer sempre determinado. Ser jovem é ter mente e espírito rejuvenescido a cada segundo pela desejo veemente de um futuro que ocorra de imediato. (A 6, Grupo Focal 2 – Ensino Médio, 29.07.2017)

O relato da jovem estudante é expressivo, por meio de suas palavras, percebemos, que a uma necessidade da vivência das experiências imediatas, sem possíveis amarras que impeçam ou privem de momentos e aspirações que contemplem o que os jovens desejam. Isso faz parte da construção de sua condição juvenil, dialogar com as possibilidades que lhe são ofertadas a partir do contexto em que ele está inserido. Ou, ainda, aponta para a necessidade de ter esperança, de

desejar e ter determinação para buscar os seus desejos. Neste sentido, o ser jovem se assemelha às projeções da juventude enquanto “estado de espírito” e de “vigor”, sentidos esses que são estendidos às outras gerações, especialmente quando se pretende estimular consumos e comportamentos sociais valorizados pelo pensamento hegemônico capitalista, com vistas a impulsionar o consumo e as atitudes de aceitar os desafios impostos pela desregulamentação dos direitos sociais.

A condição juvenil é uma questão que ocupa um lugar de destaque nas análises e na produção acadêmica. Esta condição revela diferentes tipos de juventudes, condições, espaços e perspectivas, que tentam explicar as mudanças que ocorrem nas diversas realidades em que o jovem é o foco das discussões. Abramo, explica que “a possibilidade de viveram experiências formativas num arco de menor exposição a riscos, ao lado de relativa conquista da autonomia dos pais, assumem relevância primordial.” (ABRAMO, 2005, p. 37).

Os jovens creditam na construção de suas experiências singulares e coletivas a possibilidade de arquitetarem condições favoráveis para o desenvolvimento de seus projetos pessoais, “ser esperançoso”, nas palavras da jovem estudante, significa não apenas acreditar, mais fazer valer aquilo que se acredita, que se deseja. Pelo relato, entendemos que os jovens vivem intensamente a urgência de um presentismo, que os impele a substanciar de forma concreta suas aspirações na condição de ser jovem.

A necessidade de viver intensamente o presente, e nele construir as motivações e sentidos que conduziram suas trajetórias de vida, aliam-se a este sentimento e desejo pertinente de ser livre, de viver conforme aquilo que acredita e impulsiona, como podemos observar nos relatos desta três jovens participantes, A 7; A 8; e A 9:

Para mim ser Jovem é ser livre, é ter conhecimento, é não ter medo, aproveitar o tempo de jovem. (A 7, Grupo Focal 2 – Ensino Médio, 29.07.2017).

Ser jovem é ser feliz, é saber curtir a sua vida dentro dos limites com um bom senso de maturidade. (A 8, Grupo Focal 2 – Ensino Médio, 29.07.2017).

Ser jovem não quer dizer que somos diferente das pessoas mais velhas, mais somos seres humanos que queremos marcar a nossa geração, viver e influenciar os jovens de hoje. (A 7, Grupo Focal 2 – Ensino Médio, 29.07.2017).

Os relatos nos fazem entender uma necessidade muito evidente que tínhamos como uma das expectativas ao projetarmos e realizamos este nosso estudo, refiro-me

a necessidade de que estes jovens merecem ser escutados, suas vozes não podem ser silenciadas pela ausência de políticas e ações afirmativas que os ofereçam condições melhores de viverem esta liberdade que desejam, de obterem estes conhecimentos que almejam, de se constituírem como sujeitos capazes de influenciar uma geração.

O terceiro grupo focal, ocorreu no dia 22 de agosto no laboratório de Matemática, espaço que possui um mini – auditório. Este último grupo foi formado pelos jovens estudantes das turmas D e E. No mesmo dia em que realizamos esta sessão de debates, ocorria simultaneamente em outros espaços da escola a realização de um projeto pedagógico que tinham como tema: “as múltiplas faces do folclore nacional”, organizado e orientado pelos professores da área de língua portuguesa. A vivência do projeto neste mesmo dia, não atrapalhou o desenvolvimento do grupo focal, porém foi necessário nos adaptarmos as atividades que os jovens tinham que realizar, antes de participarem da ação de nossa pesquisa.

Demos início as atividades, reforçando as explicações acerca do valor e da importância que tinha para o pesquisador, que naquele momento também era um dos professores de cada um daqueles jovens. De imediato começamos perceber algo que já tinha ocorrido, os jovens estudantes apresentavam sinais de nervosismo. Semblantes apreensivos deram o tom deste primeiro contato, sobre tudo por que neste grupo estavam os aparentemente mais tímidos que o habitual entre eles. Quando a questão chave foi lançada de imediato o silêncio deu a tônica, foi preciso fazer uma rápida intervenção e encorajá-los para o início do debate. Valendo, valendo-se de sua timidez evidente o jovem estudante A13, proferiu sua opinião, indicando que:

Em um mundo onde tantas pessoas extremistas e outras liberais, a tecnologia em constante avanço. Vemos os jovens no meio disso tudo, sem saber o que seguir ou não seguir nada. Acaba gerando jovens bipolares, e está nesse meio que tanto muda também mudamos, de pensamento de estilo, e aprendendo com cada mudança e cada erro, fora isso tem a pressão dos pais e da própria sociedade para crescermos cada vez. Mais rápido porque quem demora a crescer fica pra trás. Por fim ser jovem é isso estar em constante mudança e aprendizagem. (A 13, Grupo Focal 3 – Ensino Médio, 22.08.2017)

Sua voz em alguns momentos ficou tremula, e ele justificou que fazia um tratamento com uma fonoaudióloga, pois em sua igreja ela sempre tinha oportunidade, visto que seu pai era o pastor de sua comunidade religiosa. O relato deste jovem

estudante, nos faz refletir sobre alguns pontos inerentes a condição juvenil que não podem ser negligenciados quando fazemos uma análise, de imediato ele enfatiza que existe uma realidade dupla, “pessoas extremistas e outras liberais”, dando a entender que o mesmo percebe que existe uma diversidade plausível entre aqueles que estão ao seu redor, logo em seguida faz menção ao desenvolvimento de tecnologias e pontando para uma possível consequência, a existência de “jovens bipolares”. Sua opinião motivou a fluência do debate, alguns jovens não entenderam o significado do termo *bipolar*, neste momento fizemos uma intervenção, e em seguida os jovens continuaram a discutir entre eles.

O debate foi intenso, literalmente esqueceram que estavam sendo gravados, e puseram-se a falar e questionar uns aos outros sobre as questões que estavam sendo colocada em grupo. A primeira contundente do primeiro jovem aguçou os sentidos do demais, fazendo com que outros desejassem se colocar, então foi o que ocorreu. Foi neste momento que coletamos as seguintes impressões proferidas pelos alunos: A 11; A 12 e A 15:

Ser jovem é aproveitar a vida e saber que você tem muitas responsabilidades porque essa é uma fase de muitos aprendizados (A 11, Grupo Focal 3 – Ensino Médio, 22.08.2017).

Ser um jovem nos dias de hoje é um pouco complicado porque estamos carregando o título de ser jovem é ter responsabilidades, e aproveitar cada oportunidade que o mundo oferece, é mostrar que apesar da pouca idade podemos tomar atitudes com maturidade (A 12, Grupo Focal 3 – Ensino Médio, 22.08.2017).

Ser jovem é uma tarefa difícil, pois enfrentamos muitas coisas no dia de hoje, mais ser jovem também é ensinar as outras gerações que vem crescendo a ser melhor e se dá bem na vida, pois passamos por grandes desafios, por grandes coisas, mais é muito bom ser Jovem. Sim! (A 15, Grupo Focal 3 – Ensino Médio, 22.08.2017).

Os relatos reproduzem um sentimento muito similar do que podemos observar nas experiências com os dois primeiros grupos. Mais, aspectos nos chamam novamente a atenção no relato dos jovens participantes de nossa pesquisa. O primeiro jovem condiciona a juventude a uma “fase de muitos aprendizados”, é evidente que os jovens entendem que este é um momento propício para acumularem experiências que possibilitem a preparação para a vida adulta e as adversidades que serão enfrentadas com a sua vivência. Reforça-se aqui o que entendemos e estudamos com o Walter Benjamin enfatiza que a experiência se constitui como um traço cultural, e é uma questão que está presente na vida coletiva e individual de cada

um, fazendo com que aquilo que se acumula seja fixado na memória. (BENJAMIN, 1987, p. 114 - 115). A experiência necessita de tempo para ser vivida, refletida repensada realmente interiorizada, existe a necessidade de realmente se entrar em contato com objeto desvenda-lo, compreende-lo, estuda-lo para talvez assim poderemos vencer este de que informação é conhecimento, e realmente atingir uma experiência formadora.

Em todos os grupos tivemos uma participação muito efetiva das jovens estudantes, fazendo de certa forma valer a preponderância de que no grupo dos jovens selecionados havia uma população feminina maior. Isto, refletiu nos grupos, e buscamos também dar publicidade a opinião destas jovens. Foi assim que atentamente escutamos a jovem A14. Dos estudantes selecionados ela era a que tinha a menor estatura, porém conseguimos detectar em nossa investigação que sua presença no grupo e na coordenação nas atividades do coletivo era muito importantes, visto que, no anos de sua conclusão 2017, ela ocupou o cargo de presidente do grêmio estudantil da escola campo de nossa pesquisa.

A frente do grêmio e participando do grupo de alunos protagonistas da escola, esta jovem exercia por meio de suas práticas uma liderança natural que a qualificava no momento da “oração” a conduzir e ao mesmo tempo delegar funções para outros jovens participantes, sua concepção de ser jovem nos chamou a atenção, pois no discorrer do grupo ele gentilmente pediu aos seus colegas para falar por último, expressando desta forma:

Ser jovem pra mim nos dias de hoje é ter liberdade nos seus atos, é saber lidar com a vida e as oportunidades que estão sendo direcionada à você, é ter responsabilidade nas coisas que se faz, é sempre está aberto as crítica construtivas, ser jovem é ter firmeza no que quer para sua vida, é saber crescer sem ter que derrubar ou criticar alguém. Mas enfim na minha opinião, ser jovem é viver sem ter medo dos obstáculos que viram pela frente da sua grande jornada ao futuro e o mais importante é continuar sendo jovem mesmo com toda mudança nesse mundo. (A 14, Grupo Focal 3 – Ensino Médio, 22.08.2017).

O relato da jovem estudante, nos faz entender que nossos jovens alunos buscam um sentido dileto para os seus projetos de vida. Que mesmo os jovens sendo objetos de discussão de teoria clássicas e contemporâneas que explicam como procede-se suas experiências, desejos e vivencias, a propriedade mais lógica destas definições pertencem ao próprio jovem que transpira; observa e cria suas próprias formas de legitimar-se neste no mundo e sobretudo na realidade que ele vive.

### 3.3– OS JOVENS, A RELIGIÃO E A ESCOLA

A religião não se confina dentro das igrejas católicas, dos centros espíritas, dos terreiros de religião afro-brasileira. Ela tem sido vivida na prática, interferindo na vida das pessoas, muitas vezes utilizando as brechas deixadas pela inoperância do Estado em algumas áreas importantes da vida social. (SILVA, 2011, p. 37)

A definição da metodologia da pesquisa se constitui uma ação imprescindível para o pesquisador, pois é por meio da metodologia que o mesmo traça de forma coerente, todas as etapas que realiza no decorrer de todo o seu estudo. São os pressupostos metodológicos que organizam o percurso a ser seguido pelo pesquisador. Apesar de ser um momento crucial é também um dos maiores obstáculos enfrentados.

A metodologia de uma pesquisa acadêmica perpassa, por várias etapas e por muitos momentos de construção, nos quais o pesquisador estará sendo obrigado a pensar, escolher e elaborar métodos, técnicas diversas e instrumentos para coletar os dados e informações necessárias ao tipo de pesquisa que pretende realizar. Cada pesquisa tem sua metodologia e exige técnicas específicas para a obtenção dos dados. “Escolhido os métodos, as técnicas a serem utilizadas serão selecionadas, de acordo com o objetivo da pesquisa” (ANDRADE, 2009, p. 132).

Desta forma, a partir deste ponto de nossa dissertação, passamos a dar ênfase a coleta de informações que realizamos, no momento em que nos valem da técnica das entrevistas individuais com os jovens estudantes participantes de nossa pesquisa. Atestamos que foi mais um momento impar da realização deste trabalho, pois ao realizarmos as entrevistas individuais, coletamos impressões mais singulares cada um dos jovens, sendo possível assim, compreendermos como determinados fatores, em nosso caso mais respectivamente o de entender como a religião tem uma influência preponderante na formação, atuação e nas experiências religiosas no contexto do espaço escolar.

Para que pudéssemos operacionalizar este empreitada, elaboramos uma sequência de perguntas que serviram para nortear as questões que foram coletadas no momento da realização da entrevista. As questões que elaboramos foram: (P1) 1º Você tem Religião? Qual é a importância da Religião na tua vida hoje? (P2) 2º Você participa do grupo de oração que ocorre na escola? O que você acha daquele tipo de experiência vivida pelos estudantes? (P3) 3º Qual é o desafio de um jovem que tem uma religião vivencia-la no espaço da escola? (P4) 4º Na sua opinião, a escola é um

espaço onde devemos praticar nossas experiências religiosas? As perguntas foram claras e objetivas, a linguagem foi acessível, com vocabulário adequado ao nível de escolaridade dos jovens estudantes. Em nenhum momento as perguntas tiveram a pretensão de induzir a resposta, sendo elaboradas a partir de uma sequência lógica.

Consideramos fundamental a aplicação do questionário, pois por meio das perguntas elaboradas tivemos a possibilidade de explorar outros importantes aspectos investigados em nosso estudo, desta vez pela ocorrência de uma experiência mais próxima que proporcionou aos jovens participantes externarem suas impressões e visões sobre as questões levantadas.

Duarte, enfatiza que:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. (DUARTE, 2004, p. 215)

As entrevistas discorreram-se de forma tranquila, como já mencionamos, foi um momento muito significativo e produtivo para o desenvolvimento de nosso estudo, cada jovem entrevistado ao oferta suas impressões tornava-se um universo a ser investigado, instigando-nos a conhece-los ainda mais e aprofundarmos seus relatos e ideias. Desta forma, passamos a analisar os relatos ofertados, expondo e problematizando o que estes jovens entendem e percebem da importância da religião em suas vidas, bem como, de sua presença e influência no espaço escolar.

As entrevistas ocorreram logo depois que realizamos os encontros dos grupos de discussão. Os grupos de focais foram realizados pela manhã e as entrevistas foram realizadas no turno da tarde, nos respectivos espaço onde ocorrera o momento anterior. Como estratégia de organização explicamos aos jovens participantes como seriam os procedimentos para este momento, preparando-os para cada entrevista ocorresse da forma mais natural e tranquila possível.

Assim, demos início a esta sequência entrevistando os alunos que participaram do grupo focal 1, o qual foi realizado na manhã do dia 08 de julho de 2017, na tarde deste mesmo dia procedemos com a coleta e gravação dos relatos deste primeiro grupo dos jovens participantes. Mesmo, ocorrendo um momento de orientação antes do começo da sequência de perguntas percebíamos aquele mesmo sentimento de ansiedade por parte dos jovens, que aos poucos foi dissipado quando iniciamos a sessão.

O primeiro jovem que entrevistamos foi ao aluno A1, sobre as questões que colocamos este jovem relatou que:

Eu tenho religião, sou cristão! Eu vejo a religião como um mecanismo de me aproximar daquilo que eu acredito. Além de me ajudar na minha vida pessoal e aprender a lidar com os problemas (P1). Sim, eu participo, eu acho válido a experiência que temos naquele momento (P2). Eu não estou ali para mostrar para as pessoas que sou cristão, eu estou ali, pra ajudar e contribuir de alguma forma na vida daquelas pessoas e principalmente glorificar o nome do Senhor, lido com opiniões desrespeitosas ou preconceituosas, e continuo fazendo aquilo porque amo e vivo (P3). Sim, independentemente da religião que cada um pratica, a escola tem que ser um ambiente onde a diversidade deve predominar, além da liberdade de expressão (P4). (A1, Entrevista – Ensino Médio, 08.07.2017)

A1 é o jovem que organiza e lidera os demais jovens na realização da experiência religiosa que ocorre na escola. Seu relato é carregado de um sentimento muito pertinente ligado a sua pertença e a influência que esta prática religiosa exerce sobre a sua trajetória. O mesmo enfatiza que, sua presença em meio a esta experiência está associada a este sentimento que o impulsiona, mesmo tendo convivendo com opiniões contrárias que discordam da sua, chegando a atestar que estas são por vezes preconceituosas.

O relato deste jovem expressa a inspiração que o motiva e o impulsiona a construir sua percepção de mundo e entendimento, do que seja a religião. Para o jovem, ela o aproxima daquilo que ele acredita, torna-se um elemento determinante para de sua constituição. Seu relato nos aproxima daquilo que o antropólogo Michel Meslin explica ao utilizar as ideias de William James: “a religião são as impressões, os sentimentos e os atos do indivíduo, na medida em que ele considera em relação a ser divino”. (MESLIN, 2014, p. 49).

Declara de forma veemente que a escola é o espaço privilegiado para que ocorra estas manifestações, externando que deve predominar a diversidade, e o direito à liberdade de expressão deve ser respeitado. Suas palavras soavam firmes, diferentemente do que ocorreu no grupo de discussão, quando em alguns momentos era necessário escutar seus pares, percebendo que existia outras visões sobre o que estava sendo discutido. Na entrevista A1, utilizou de um tom mais incisivo, uma entonação mais direta, aportada em argumentos seguros e construídos a partir de sua experiência religiosa filiada a IABV. Naquele momento foi possível perceber e

entender por que o considerávamos com o jovem líder do grupo que protagonizava esta experiência na escola campo da pesquisa.

A segunda sessão de entrevista foi realizada com o jovem estudante A2, oriundo da Igreja Assembleia de Deus, seguindo os mesmo protocolo, inicialmente propomos um momento de descontração para que a entrevista transcorresse de forma tranquila, visto que, esse jovem mostrou-se bem nervoso. Sua preocupação não era apenas errar ou dizer algo fora do contexto, imperava neste momento diante dele a figura do professor. Foi necessário novamente orienta-lo e explicar que diante dele estava um professor que naquele momento estava desenvolvendo uma pesquisa. Ao lançarmos as primeiras questões foi necessário recomeçarmos, pois o mesmo ainda não estava tão a vontade, expressou que se sentiu mais seguro quando realizamos o primeiro momento dos grupos. Mas continuamos com o momento, e quando consegui responder as perguntas relatou desta forma:

Sou cristão, a minha religião tem uma grande importância na minha vida, pois ela tem influência sobre a maioria das minhas ações, é algo bom porque são influências do bem, onde minha vida pode crescer tanto como pessoa individual, como em sociedade, me ajuda a ser melhor, ter um caráter mais tratado e melhorado (P1). Participo muitas vezes da oração acho uma atitude muito linda dos integrantes, pois demonstra o amor que eles tem por seu Deus e por sua religião, é algo simples e complexo ao mesmo tempo, simples pois se intitular de algo ou dizer que pertence a uma determinada religião é muito fácil, o difícil é viver o que é ensinado e até mesmo viver o que se fala (P2). Mas é algo bom pois por possuir nos guia em todas as decisões na nossa vida incluindo no espaço escolar (P3). A escola é um espaço onde se deve demonstrar sim, pois é um ambiente laico, e não atrapalha no movimento e nem no cotidiano escolar (P4). (A2, Entrevista – Ensino Médio, 08.07.2017)

Para analisar as palavras deste jovem estudante, recorreremos de imediato as ideias de uma das mais importantes pesquisadoras deste tema. Regina Novaes, que em seu artigo, intitulado *“juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença?”* Novaes, explica que a religião pode ser compreendida como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira. Segundo Novaes, a juventude brasileira está estabelecida em um cenário que nos desafia a compreender o quanto; como e quando, o pertencimento religioso, as crenças e as identidades religiosas influenciam nas percepções e práticas sócias dos jovens destas novas gerações sobre tudo a partir dos anos de 1970. (2005, p. 264). É preciso construir caminhos de reflexão que permitam a compreensão, de forma ampla e objetiva dos efeitos destas escolhas, vivencias, e como os sentidos atribuídos, são

determinantes para a elaboração da condição de sujeito que interage e está inserido em diversas realidades que configuram atualmente o perfil da juventude brasileira (NOVAES, 2005, p. 264).

O relato do jovem estudante é contundente, no tocante ao explicitar que a religião tem um papel determinante em suas ações e que pode contribuir na definição de sua participação na sociedade. O aluno A2 reflete com suas palavras, o desafio que existe entre estes jovens que ao protagonizarem esta experiência religiosa no âmbito da escola, são cobrados a incluírem em suas trajetórias, principalmente na escola as expressões que são ditas e proferidas no momento da realização desta manifestação, ou seja, ele interpela sobre a necessidade de se viver aquilo que se faz e se diz. Seu relato nos indica que estes jovens que conduzem o momento de oração, e que conseguem atrair outros a participarem, estão alinhados quanto a importância e a relevância de que este momento tenha que acontecer na escola. Porém, como cada um tem um ponto de vista diferente sobre a condição de ser jovem, sobre suas práticas e escolhas, podendo assim ocorrer uma disparidade entre o que se diz, e o que faz, ocorre fissuras entre os jovens, sobre as formas adequadas e inadequadas de deste discurso.

Outro detalhe que nos chama atenção é o fato do jovem reconhecer que o espaço da escola, por ser de natureza pública, é laico, mas mesmo assim admite que nele deve acontecer estas manifestações, enfatizando que a ocorrência deste encontro não atrapalha a dinâmica do espaço escolar, ou seja, admite a laicidade do espaço escolar, e entende que as manifestações religiosas dos alunos não interferem nesse caráter laico da escola.

Buscando aprofundar sobre esta presença religiosa no contexto da escola pública que por natureza deve ser laica, realizamos exercícios de leituras acerca de trabalhos acadêmicos que estudaram este objeto. Nossas buscas nos levaram a dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE (2011), defendida por Maria Edi da Silva, intitulada: *“Diversidade religiosa na escola pública: um olhar a partir das manifestações manifestações populares dos ciclos festivos”*.

Silva explica que:

Mesmo sendo a escola pública, em sua definição um espaço laico, não tem conseguido deixar de fora a religião, ela está sempre presente no indivíduo, na oração da entrada, na cantiga, nas festas, nas mediações e nas tensões, nas reivindicações por espaço, e

visibilidade que se fazem presentes no espaço escolar. (SILVA, 2011, p. 34)

A presença da religião na vida destes jovens, quando refletida no espaço público, apresenta – se com uma perspectiva como sendo uma força que os liga as suas subjetividades e aos sentidos construídos por eles, fazendo com que sua participação na comunidade que vivem seja legítima por sua pertença/crença.

As entrevistas seguiram-se, e desta vez coletamos as impressões da jovem aluna A4. Desde da realização dos grupos de discussão que observávamos com atenção as colocações desta jovem, que no momento das entrevistas nos surpreendeu com a intensidade de seu relato. A entrevista desta jovem nos fez mergulhar em outro aspecto importante deste nosso estudo, refiro-me aos jovens que declaram não ter religião, mas que participam do momento de oração que é protagonizado pelos jovens no ambiente da escola. Com suas palavras ela externou:

Sim eu participo do grupo de oração da escola, pra mim é uma forma que usamos para expressar a nossa fé, na minha opinião é onde qualquer pessoa pode participar (P2). Atualmente não tenho religião não frequento nenhuma igreja, porém eu creio em Deus e tenho minha fé (P1). A escola é onde nós passamos boa parte do nosso tempo, então eu acho que é um espaço sim para expressar a nossa fé, mais tem hora pra tudo não é uma coisa que temos que mostrar toda hora, e acho que o respeito tem que estar acima de tudo para cada um poder expressar sua religião na hora certa (P4). No meu caso eu sou uma jovem sem religião, mais tudo tem seu lado bom e ruim, tem pessoas que respeitam e tem outras que não, então sempre tem aqueles que querem provar que a única religião certa é a deles, então você demonstrar sua religião hoje na escola é você mostra primeiro o seu respeito diante de outras religiões (P3). (A3, Entrevista – Ensino Médio, 08.07.2017).

No relato desta jovem percebemos dois elementos distintos, são eles: a confissão de não possuir uma religião e ter ao mesmo tempo uma prática de fé, e sua percepção acerca de como a escola lida com a religião. Analisando a primeira questão nos valemos mais uma vez dos estudos de Regina Novaes, quando enfatiza em artigo recentemente publicado, intitulado: “Jovens sem religião: sinais de outros tempos”, no tocante aos jovens sem religião o resultado do censo de 2010 indica um crescimento significativo do número de declarantes que afirmam não possuir uma filiação religiosa. “Segundo o censo de 2000 este número estava na casa dos 7,4%, passando a figurar em 2010 na casa dos 8%” (NOVAES, 2013, p. 175).

É importante relembrarmos as palavras de Abramo (2004), quando enfatiza que: “a condição juvenil, refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui

significado a esse momento do ciclo da vida, a condição juvenil remete ao contexto histórico em que cada indivíduo se socializa (ABRAMO, 2004). Cada geração incorpora novos códigos e sentidos, e pertencer a uma outra geração traz diferenças em termo de estratégias de apresentação social e de autodeclaração religiosa. Neste sentido para entender o que significa declarar-se sem religião entre os jovens hoje, é necessário levar em consideração um conjunto de fatores e mudanças sociais e inter-relacionadas (NOAVES, 2013, p. 181).

Mesmo externando não pertencer a uma religião institucional, a jovem A4, enfatiza em seu relato que o momento da oração que ocorre e é protagonizada pelos jovens é um espaço onde a mesma sente-se à vontade para tornar público a sua fé, e que a escola é o espaço propício para essa prática, associando – se aos outros jovens já entrevistados que professam uma pertença definida.

A nosso ver, esses aspectos que configuram a partilha de sentimentos e sentidos entre eles. Esse compartilhar um momento comum, sentimentos e sentidos atribuídos a esse momento juntos, não apaga as suas diferenças no tocante à como entendem e vivem a juventude, mas produz um elo entre eles, uma identificação de quem partilha momentos, dificuldades, medos e desafios comuns. Mesmo ocorrendo em determinados momentos do cotidiano no espaço escolar, tensões que os colocam em lados diferentes, a escolar é o centro das ações, é nela que concretiza-se a possibilidade destas diferenças atuarem e ao mesmo tempo se inter cruzarem.

Paulo Carraro vai expor esta questão, ao trabalhar as identidades juvenis e a escola, situando-as em um contexto onde ergue-se uma arena de possibilidades. Carraro indica que: “compreender os sentidos de ser jovem no tempo presente pode resultar em práticas e políticas que possibilitem que os jovens encontrem sentido nos tempos e espaços escolares”. (CARRARO, 2013, p. 183). Em nosso entendimento, tá claro que há uma necessidade de entender como o espaço escolar é configurado a partir do que o jovem pensa sobre ele. Portanto, os jovens participantes de nossa pesquisa, configuram o espaço escolar a partir daquilo que entendem pertencer a sua condição de ser jovem, por isso que a vivência destas práticas religiosas no âmbito da escola passam a ter um sentido relevante para cada um que participa e protagoniza estas experiências.

A cada entrevista realizada percebemos o quanto foi importante o exercício de escuta destes jovens, como eles desejam expressar o que pensam, o que sentem e o que entendem. Mesmo com dificuldades e alguns desafios que foram sendo

superados ao longo da construção de nossa pesquisa, o que nos impulsiona ainda mais é o sentimento de satisfação em poder contribuir não só com os debates acerca da condição juvenil e como se imbrica com a escola e a religião, mas sobretudo de perceber como estes jovens tem muito a ofertar com suas trajetórias e biografias.

As duas entrevistas que finalizaram o primeiro momento desta segunda fase de construção de dados, foram concedidas pelas alunas A4 e A5, ambas evangélicas, filiadas a mesma instituição, mas que expressam em seus relatos posicionamentos diferentes acerca de alguns aspectos que caracterizam suas vivencias e suas atuações no ambiente da escola.

A aluna A4, relata:

Sou cristã, e é de suma importância em minha vida não a religião, mas sim Cristo (P1). Participo da reunião de oração e acho um ato louvável (P2). O desafio de ser jovem e ter uma religião nos dias de hoje é aprender a conviver com a indiferença, ser visto como estranho, ter que justificar algumas coisas, como por exemplo roupas, acessórios dentre outros. Na minha opinião algumas coisas do tipo são desnecessárias, você reflete o que tem por dentro, sendo assim, não é viável praticá-las, caso a pessoa em questão sinta a necessidade de se expressar ou mostrar algo de sua religião (Resposta à P3 e P4). (A4, Entrevista – Ensino Médio, 08.07.2017).

A aluna A5, se colocou externando que:

Sou da Igreja Assembleia de Deus e ter uma religião pra mim é extremamente importante, pois em meio a tantas adversidades que presenciamos no nosso dia-a-dia, eu sei que há um Deus a zelar por minha vida e eu sou completamente grata, por tudo (P1). Participo sim, para mim é muito edificante já iniciar o dia fazendo a oração, expressando sua gratidão por mais um dia que Deus nos concedeu e orando pelas outras pessoas que precisam (P2). O maior desafio é manter-se íntegro diante de uma sociedade tão corrompida, onde muitos têm sido influenciados pelos que se dizem amigos, para a prática de atos que denigrem a imagem do ser humano (P3). Acredito haver um tempo e um momento para tudo. Se em algum momento oportuno for aberta uma oportunidade para expressar nossas práticas religiosas, para outras pessoas que estejam precisando de uma palavra edificante, que seja feita (P4). (A5, Entrevista – Ensino Médio, 08.07.2017).

O que percebemos nestes relatos é a existência de diferentes formas de vivencia da pertença religiosa institucional. Os relatos expõem um aparente conflito entre possíveis modelos de vivencias. Quando analisamos as impressões da jovem aluna A4, percebemos de forma nítida que a mesma não concorda com algumas disposições postas para a prática efetiva de sua pertença religiosa, ou seja, quando ela indica que “o desafio de ser jovem e ter uma religião nos dias de hoje é aprender

a conviver com a indiferença”, entendemos que a mesma refere-se as exigências estabelecidas pela instituição, no tocante principalmente a aspectos que estão diretamente ligados ao comportamento e a forma de ser de cada um desses jovens, para esta jovem estas exigências seriam desnecessárias. Aqui surge um aspecto que consideramos muito importante, os jovens atualmente estão expostos as diversas mudanças que ocorrem nos vários segmentos da sociedade, inclusive a religião. Estas transformações proporcionam a visualização e a aproximação de novas tendências que podem influenciar no comportamento, na construção dos sentidos e na relação com a religião. Regina Novaes (2000, p. 137) explica que existem os ventos secularizantes impregnados pelo espírito do tempo, ou seja, ocorre um forte processo de redefinição do sentido da religião para muitos jovens, fato que pode ser compreendido pelas transformações oriundas do mundo globalizado que oferta novos sentidos, objetos e contextos para a vivencia da condição juvenil.

O depoimento da aluna A5, alinha-se diretamente com os preceitos que são dispostos para a vivencia e permanência na instituição da qual a mesma participa. Durante a entrevista percebemos que as respostas desta jovem já estavam previamente definidas, ou seja, diferentemente dos outros entrevistados em nenhum momento A5 deixou de transparecer, que sua pertença tem influência de forma direta seus comportamentos, pensamentos, atitudes e visão de mundo. Apesar de não externar em seu relato, informalmente nos confidenciou que a definição de sua pertença religiosa é algo proveniente da escolha realiza por sua família.

Dando prosseguimento após realizarmos o segundo momento dos grupos focais, no dia 29 de julho de 2017, procedemos com as entrevistas dos jovens que participaram deste segundo grupo. Como ocorreu na experiência anterior, orientamos e instruímos cada jovem sobre como seria realizado este momento. A partir disto, utilizamos o questionário e vivenciamos com os jovens mais um momento muito significativo deste estudo.

A primeira entrevista deste segundo grupo foi concedida pela jovem aluna A6. Concluinte do terceiro ano, esta jovem participa do grupo dos protagonistas escolhidos pela gestão da escola para colaborar de forma mais efetiva com as atividades que ocorrem no espaço escolar. Esta jovem sempre destacou-se em sala de aula, por ter posições fortes, antenadas com a realidade, pois cultivava o hábito de ler e de buscar informações. A6 nos relatou que:

Sim, sou cristã e a religião tem sido uma válvula de escape nas minhas ações. Embora não me sinta fundamentalmente ligada a todos os princípios da minha religião, acredito no mesmo Deus que os meus irmãos em Cristo acreditam, sendo assim não preciso de nada além de comunhão com ele, o que faz com que eu entenda que a pessoa a quem eu sigo não é uma religião, e pode me guiar em tudo que eu precisar, já que tenho o mesmo acesso a minha divindade assim como os demais (Resposta à P1, P2 e P3). A escola pode ser um local de manifestação pública e religiosa, desde que não seja algo imposto e não interfira no direito do outro (P4). (A6, Entrevista – Ensino Médio, 29.07.2017).

Quando observamos a realização da oração matinal, momento mais forte da experiência religiosa destes jovens no âmbito da escola, percebemos uma participação direta desta jovem, daí passamos a investigar qual seria o seu papel entre os que estavam a frente. O resultado desta busca foi o conhecimento de que ela é única entre os que organizam mais diretamente que se define como católica. Ao externar sua pertença, nos confidenciou que não tem um engajamento institucional, sua aproximação mais efetiva resume-se em participar de forma pontual de celebrações que ocorrem aos domingos.

Seu relato é incisivo, e reflete o que já discutimos no discorrer deste estudo, nossos jovens são peregrinos do sentido (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 27), contextualizam e definem a partir de suas particularidades como a religião pode e deve ser introduzida em suas trajetórias de vida. Um dado importante que nos chamou atenção no relato foi quando ela expressou “a religião tem sido uma válvula de escape nas minhas ações”, imediatamente, pausamos a entrevista e fizemos uma indagação a respeito desta afirmação, porém nossa expectativa por uma resposta mais direta não foi contemplada, a jovem aluna preferiu ficar em silêncio.

Daí percebemos que as práticas religiosas no ambiente da escola podem servir também como um momento de disfarce ou de camuflagem de determinadas situações que ocorrem na vida dos jovens, este silêncio foi intrigante, gostaríamos que ela se coloca-se sobre o porquê de fazer da religião e suas crenças algo para desopilar as dificuldades existentes. Conforme foi explicado nas orientações e no momento do convite para participação da pesquisa, prevaleceria a vontade e o desejo do jovens quanto a falar ou a silenciar.

A entrevista seguinte foi realizada com a jovem A7, que tinha recentemente chegado de sua experiência do intercâmbio. Carismática, segura e com um projeto de vida ousado para a realidade da qual era oriunda, estabeleceu em sua experiência de

intercambio pontes que lhe oportunizaria um possível regresso e o início de uma nova jornada em sua trajetória. Nas observações, percebíamos em sua fala um certo tom de sutileza, algo que se reproduziu no seu relato quando a entrevistamos. Dentre as protagonistas desta experiência A7, demonstrava sempre firmeza nas palavras que proferia no momento de oração. Em seu relato ela enfatizou:

Ter uma religião nos dias de hoje se torna muito difícil pois você experimenta uma vida distinta dos outros, pois você não vê o mundo da mesma maneira, são visões distintas (P1). Essa experiência é ótima pois oramos pelo dia, pela escola, pedimos paz, benção e agradecemos por cada oportunidade vivida, é um momento de compartilhar coisas com os colegas e qualquer pessoa é bem-vinda independente de sua religião (P2). É bem desafiador pois como falei anteriormente, somos vistos pelas pessoas e qualquer erro elas estarão te apontando e te julgando (P3). Acredito que a escola é um lugar livre onde podemos nos expressar (P4). (A7, Entrevista – Ensino Médio, 29.07.2017).

Nitidamente o sentido da religião está expresso no depoimento desta jovem quando a mesma indica que “você não vê o mundo da mesma maneira, são visões distintas”, ou seja, a partir da relação que é estabelecida com sua crença/pertença ocorre a construção de conjuntos de significados que norteiam a vida, as escolhas e as relações que são estabelecidas. Ver o mundo de outra maneira, é para esta jovem, ver o mundo a partir de sua experiência religiosa. É constituir-se em um mundo, onde as prerrogativas internalizadas pelas práticas de fé estejam em primeiro plano conduzindo e dando sentido ao que é vivenciado.

Segundo Michel Meslim (2014, p.47), “o religioso pertence, portanto, ao mais íntimo do humano”. É o que percebemos no relato desta jovem, sua condição juvenil está agregada a este sentimento de pertencimento religioso, que a faz perceber que existem desafios, que as pessoas em sua volta lhe observam e esperam um comportamento condizente com o que é exposto no momento em que ocorre a manifestação religiosa na escola. Em seu relato encontramos a afirmação de que a escola é o espaço adequado, as suas palavras é um local “livre” para tornar estas práticas públicas e visíveis. É muito interessante perceber que estes jovens creditam na religião uma força tamanha, e que a vivência e o testemunho de seus preceitos dão um sentido diferenciado a suas trajetórias de vida. A religião é todo um complexo de atividades humanas informadas pela fé, exerce então a legitimação que permite unir a realidade última, universal e sagrada ao mundo e sociedade construída pelo homem que formam seu real cotidiano. Peter Berger (2004, p. 15) no Dossel Sagrado,

explica que: “a religião exerce então uma função de cosmização”. Os efeitos desta cosmização também se realizam na escola, pois as práticas, discursos e atitudes tornam-se públicas, visíveis influenciando a dinâmica da comunidade escolar, fazendo florescer ainda mais a diversidade entre estes jovens.

Fechando o segundo bloco das entrevistas nos deparamos com três relatos bem incisivos de jovens evangélicos. Quando realizamos os exercício de observação participantes este jovens destacaram-se pelo teor mais objetivo de como utilizam a oportunidade de se expressar diante dos outros jovens que participavam do momento da oração.

Sobressai aqui, neste momento, outro fator que consideramos relevante, mesmo sendo uma experiência de jovens que buscam por meio desta manifestação publicizar suas práticas de fé em um ambiente público definido como laico, seria até incomum se entre estes jovens, e ressaltamos em sua maioria são oriundos de denominações evangélicas, não existissem aqueles que consideramos ser um pouco mais exaltados no teor de seus discursos, tendo também como objetivo implícito cooptar novos jovens para as suas respectivas denominações. Desta forma observemos os relatos:

O jovem A8 se expressou dizendo que:

Minha religião tem uma enorme importância na minha vida através dela Deus mudou minha vida, uma vida que era desordenada em que eu vivia de qualquer maneira, e quando encontrei o evangelho de Jesus Cristo fui transformado e isso me ajudou também nas minhas responsabilidades no dia-a-dia (P1). A experiência da oração é muito interessante para toda a escola, sabemos bem o mundo de hoje como está, vários jovens afundados nas drogas, no tráfico, perdidos nesse mundo. E por isso é interessante essa experiência, pois, estamos mostrando outro caminho para eles, porque sei que eles podem ser mudados assim como eu fui pelo poder da palavra e o amor de Deus, e também estamos fazendo uma ordenança do nosso Deus (P2). Os desafios pois não é fácil ser um jovem que defende uma religião na escola, principalmente o cristianismo, que muito visado em todo o mundo. Dentro do cristianismo você tem duas vidas para sustentar, uma é a vida social e a outra a vida espiritual, ou seja exige muita responsabilidade, pois, quando vivo o social demais acabo afetando na vida espiritual. Resumindo ser um jovem com uma religião dentro da escola hoje e fora dela também, é andar na contramão do mundo (P3). Pela lei não é permitido, mas a escola não impede. Devemos mostrar nossa força sim, devemos lutar por essas vidas sim e devemos se manifestar publicamente sim! E sei que isso vai causar um mudança na vida de muita gente sim e meses ou anos depois veremos o resultado brilhante disso (P4). (A8, Entrevista – Ensino Médio, 29.07.2017).

A jovem aluna A9:

Sim, antes de tudo a religião é algo indiscutível, cada uma tem a sua e age da maneira que bem entender. Mas independente de qual religião seja, o importante é você ter fé. Porque a fé é o firme fundamento das coisas que não podemos ver. Vivemos neste mundo não pra servir a religião, mas sim a Cristo, o único ser supremo. O ser humano ele precisa de algo para se espelhar, então a partir do momento que você segue uma religião você está se espelhando nela. A partir de um momento que você tem sua religião você vai seguir uma determinada igreja e nela tem suas doutrinas então quando eu começo a participar de uma igreja, eu estou seguindo suas doutrinas e me espelhando nelas (P1). A experiência, a oração é uma forma que podemos usar para cada dia nos manter mais firme, porque quando estamos naquele grupo sentimos algo diferente, que é a presença de Deus, estamos ali não porque somos forçados mas sim porque sentimos um desejo uma vontade, e no meu caso quando eu falto algum dia é como se tivesse faltando algo (P2). Em certas situações não é fácil, porque muitas das vezes as pessoas lhe criticam pela forma que você fala, o que você veste e daí então a começa a lhe julgar, a você não é evangélica, você não é de tal igreja, então muitas vezes você acerta 99 vezes e ninguém lhe elogia mas quando você erra apenas 1 vez ai já começam lhe criticar, coloca até o nome da igreja que as vezes não tem nada a haver. Mas, por outro lado é ótimo porque podemos falar do amor de Jesus para aqueles que ainda não conhece. Somos evangélicos então onde estivermos sempre é bom falar da palavra de Deus, porque nós que somos Cristãos somos um exemplo para a sociedade para eles somos um espelho. Por isso temos que dar bons testemunhos (P3). A escola ela é um ambiente onde existe várias crenças, então quando começamos a fazer o grupo de orações na escola, começamos a evangelizar estamos praticando um ato de fé, porque as pessoas olham e fala a ela é assim, vou tentar fazer o que ela faz e se for legal, bom eu permaneço naquela determinada denominação (P4). (A9, Entrevista – Ensino Médio, 29.07.2017).

A jovem aluna A10:

Sim faço parte da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, é importante sim que todos nós tenhamos algo em que se espelhar e uma delas é a religião, ter algo em que possamos depositar nossa fé. A igreja pra mim é como se fosse um escudo, um porto de paz, é onde eu me aproximo mais de Deus, é na igreja onde o meu eu diminui e eu posso sentir Deus um pouco mais perto. É onde o mundo carnal passa não a existir, e ali é só eu e Deus em uma completa comunhão em uma sintonia indescritível (P1). Sim participo e é muito interessante porque é um momento onde todos se reúnem independente da sua religião mas com o mesmo propósito estão ali reunidos, é um desafio um pouco complicado e de muita responsabilidade ter que lidar com a religião dentro da escola. A Bíblia mesmo diz que somos templo e morada do Espírito Santo, ou seja, somos diferentes em todos os aspectos, somos seguidores de Jesus e por título temos que honrar isso mesmo com todos os desafios, a questão é ter maturidade e entender quando, e como as pessoas querem ouvir falar de Deus (Respostas à P2 e P3). Com certeza a escola é um lugar onde

devemos praticar nossas experiências religiosas, é o lugar onde passamos mais tempo, e é lá onde se encontram muitos jovens onde os valores e as coisas mundanas passam a ser usufruída de maneiras insensatas, é nesse ponto que a gente entra em cena o nosso maior objetivo é falar de Jesus para essas pessoas que não conheço não só na escola mas em todos os lugares públicos que frequentamos as pessoas precisam conhecer Jesus e usamos as nossas experiências que tivemos com ele para que as pessoas se baseiem nessas experiências e que através de nossas vidas elas também sintam o desejo de ter em sua vida transformada não por algo, mas por alguém (P4). (A10, Entrevista – Ensino Médio, 29.07.2017).

Ao analisarmos as entrevistas dos jovens A8; A9 e A10, detectamos este impulso diferenciado em seus relatos. As três vozes colocam-se como jovens religiosas fiéis e adeptas da missão evangélica quando externam que a escola é um lugar para a prática de atividades religiosas, como também quaisquer outros lugares públicos, como disse A10. Um aspecto importante que é apontado é o fator tempo, nela estes jovens alunos passam o maior tempo do seu dia, ou seja, a escola torna-se propícia para estas manifestações por que nela vive-se um tempo específico, não só o tempo pedagógico das aulas, o tempo que se constrói as relações e os sentidos.

A escola ganha uma outra conotação, não é apenas o local dos estudos, mas é o local de viver, experimentar e se expressar. Mas, os relatos são incisivos, estas foram as entrevistas mais longas, e instigantes, estes jovens queriam falar, em nenhum momento ficaram inibidos ou perderam a concentração daquilo que desejavam externar, algo que enquanto pesquisador nos deixou surpresos, pois seria natural se em algum momento da entrevista, o participante diminuísse a intensidade, no entanto não ocorreu isto, a todo momento as palavras foram bem postas, reverberando na construção destes relatos tão significativos. Essa presença mais efetiva destes jovens que não se inibem ao transportar para estes espaços, como é a escola, o sentido mais dileto de sua pertença que é o engajamento religioso, pode ser entendida como uma característica que é a mais marcante das religiões pentecostais, que cobram empenho dos seus fiéis na conversão de novas almas.

Pesquisadores do campo religioso brasileiro já indicam e explicam os diversos fatores para este extraordinário crescimento de religiões pentecostais, indicando que entre 1991 e 2010, ocorreu um vertiginoso crescimento na faixa de 17 milhões de fiéis (TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 25). Mesmo com números consolidados o pesquisador Paulo Ayres atenta para a seguinte questão: “o crescimento evangélico entre 1991 e 2000 foi de 120%, enquanto na última década, de 2000 a 2010, esse

crescimento foi de aproximadamente 62%” (AYRES, *apud* TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 25). Este aparente decréscimo estaria ligado a perda de fiéis por parte de algumas instituições importantes neste cenário evangélico, tais como, Congregação Cristã do Brasil; a IURDE, Igreja do Evangelho Quadrangular. Porém, mesmo com este declínio na curva do crescimento deste segmento religioso se sobressai o fato de que a Assembleia de Deus, maior do campo pentecostal com aproximadamente 12,3 milhões de fiéis, teve um aumento significativo de 4 milhões de fiéis nesta última década (AYRES, *apud* TEIXEIRA; MENEZES, 2013, p. 26).

O terceiro momento de entrevistas ocorreu no dia 08 de agosto de 2017, com os jovens estudantes que participaram do grupo focal 3. Desta sequência participaram os estudantes A11; A12; A13; A14; A15, dos quais passamos a contextualizar suas impressões ofertadas em cada entrevista que foi realizada. Uma estratégia importante que colocamos em prática foi equalizar a formação dos grupos de discussão com jovens estudantes das áreas que a escola atende, o meio rural e urbano. Desta forma, o primeiro grupo foi caracterizado pela presença de jovens do meio urbano, visto que são estes os organizadores do momento de oração, protagonistas diretos para a ocorrência do momento. Os dois grupos seguintes contemplaram a participação dos jovens estudantes dos segmentos citados. Assim procedemos com as análises dos relatos deste terceiro grupo.

Mais uma vez nos remetemos aos exercícios de observação participante, durante os dias em que ocorriam o momento de oração as práticas religiosas destes jovens no ambiente da escola campo da pesquisa. Foi por meio deste exercício, que nos aproximamos do jovem estudante A12. Inicialmente, realizamos uma conversa informal investigando alguns detalhes que tínhamos observado. Este jovem estudante declara não ter religião, nem ter uma prática religiosa, apenas externa que acredita em Deus, conforme podemos perceber em suas palavras:

Não tenho religião, mas eu acredito que Deus existe (P1). Não participo de nenhuma atividade ou manifestação religiosa aqui na escola, não porque sou contra, mas por que penso que não me sentiria a vontade naquele tipo de momento. Mas acho bacana porque eles estão demonstrando a fé deles, e muitos são meus amigos aqui na escola (P2). Não vejo desafio pois não tenho nenhuma religião, mas se é permitido uma tem que permitir todas as religiões (Resposta à P3 e P4). (A12, Entrevista – Ensino Médio, 08.08.2017).

Inicialmente é preciso lembrar que este jovem não participa da organização do momento de oração, nem de sua condução, ele representa com seu testemunho um

grande número de jovens que não se identificam com o que ocorre. Ressaltamos que a comunidade educativa desta unidade escolar em seu ensino médio semi-integral teve 681 alunos matriculados em 2017, enquanto a frequência de participantes dos momentos em que ocorriam as atividades religiosas concentrava em torno de 40 a 45 jovens por encontro.

Entendemos que este jovem representa uma categoria singular, caracterizada pela não identificação com o que ocorre nestes momentos de manifestação religiosa no espaço da escola. Os fatores que determinam esta falta de identificação ou até mesmo a rejeição a estas práticas nos servem de motivação para a continuidade deste estudo. Quanto a sua posição em relação a permissão para que estes possam realizar e conduzir este momento, ressaltamos que entre todos os entrevistados ele é o único que levanta de forma veemente a questão de que todas deveriam também ter espaço já que existe o ocorre uma prática em público.

É a partir deste mote nos dado pela fala do jovem estudante A12, entendemos ser muito importante colocar que em nosso exercício de observação participante investigamos e buscamos, por jovens que participassem de outras expressões religiosas, tais como, as religiões de matriz africana ou espíritas. A pista para esta busca foi a análise que realizamos ao nos debruçarmos sobre os dados do IBGE já citados no corpo do nosso trabalho.

A citação de que “se é permitido uma tem que permitir todas as religiões”, nos remete a este conceito fundamental trabalhado em nossa base teórica, de que a escola pública é um espaço para a diversidade, sobretudo quando concentramos os esforços em explicar que nela existem de forma evidente e concreta uma diversidade religiosa, externada por aqueles que a compõem e dão a tônica de sua existência. Mas, o que foi percebido é um processo de silenciamento, por que insistimos nesta questão, por que encontramos um jovem do sexo masculino, que gentilmente nos atendeu e nos confidenciou que participava de uma comunidade religiosa ligada a uma religião de matriz africana, instalada em um dos bairros do município, e que esta comunidade era de Candomblé. De imediato o convidamos para participar dos grupos de discussão e das entrevistas, mas para nossa surpresa o jovem de imediato não aceitou, e enfatizou que na escola em nenhum momento se apresentou como integrante deste segmento religioso. Apesar das pesquisas no campo religioso brasileiro indicarem um processo de transformação em curso nas religiões de matriz africana no tocante a seus preceitos e as conquistas perante os desafios históricos

que incluem as lutas e as resistências, os números ainda invisibilizam estas expressões, reverberando no espaço da escola. (PRANDI, 2013, p. 207). Sendo a escola um espaço plural, onde a diversidade pode contribuir para o entendimento das diferenças e como é possível convivermos com estas, entendemos que isto é um fissura que precisa ser sanada pelo bem do ato de educar.

Seguimos com a realização das entrevistas com os demais participantes. Cada entrevista realizada era um momento novo, diferenciado de aprendizado e escuta deste jovens estudantes. Para esta sequência final copilamos os relatos condensando-os conforme a sequência e as análises.

A jovem A11 externou que:

Tenho uma religião, sou assembleiana e com essa religião aprendi a viver e lidar com alguns desafios que a vida traz e hoje tenho ela como base para todos os momentos que eu precisar (P1). Participo e acho muito importante aquele momento de oração porque pode impactar outros jovens a viver tal experiência (P2). Na escola podemos através de nossa religião e experiências poderemos alcançar outros jovens que se encontram sem religião ou rumo para que eles também possam sentir o prazer de cultuar ao Senhor (Resposta à P3 e P4). (A11, Entrevista – Ensino Médio, 08.08.2017).

Analisando o que a jovem estudante expressa percebemos um alinhamento na construção de seu pensamento com outros relatos já citados no decorrer de nossa escrita. A relação com a religião e o ato de transporta-la para o ambiente da escola é um fator determinante para a consolidação de sua condição enquanto jovem e sujeito que está em processo de aprendizagem. Externar a crença passa a ser uma necessidade e não apenas um ato figurativo, estes jovens precisam ser notados devido ao teor das palavras que são emitidas e tem como objetivo alcançar seus pares que convivem nestes mesmo ambiente. Neste contexto é que entendemos que a subjetividade se evidencia, a pertença influencia, mas o ser jovem também grita com intensidade e revela-se nas atitudes e definições para o presente imediato.

Em seu relato A13 colocou que:

Tenho uma religião sim, é evangélica é muito importante pois é o que creio e não dá pra separar minha vida da religião e sem ela são uma só (Resposta à P1 e P2). A oração é muito boa pois produz paz, tranquilidade para nós que estamos participando (P3). Como não atrapalha a dinâmica da escola não vejo problema (P4). (A13, Entrevista – Ensino Médio, 08.08.2017)

O que leva um jovem definir que sua vida não tem sentido sem a sua religião? Esta é uma questão que nos colocamos para nos debruçarmos sobre o que o nosso

estudante externou “não dá pra separar minha vida da religião e sem ela são uma só”. Regina Novaes, enfatiza que: “a ideia de que a religião não faz a diferença para a complexa vida social contemporânea, para o aqui e agora, resulta na amputação de uma parte importante do imaginário social dos jovens de hoje” (2005, p. 290), ou seja, tirar do jovem o direito de creditar na religião o sentido de sua vida é retirar do mesmo um direito que pertence a sua condição hoje. Por isso, não foi tão complicado entender por que este jovem estudante assim se expressa, visto que o mesmo vem de uma família que tem suas raízes fincadas em uma pertença definida, a partir de um próprio empreendimento, o que queremos dizer com, isto, este jovem está se preparando para assumir um cargo de liderança mais efetivo, devido ao fato de que seu genitor é o líder de sua igreja. Nos decorrer da entrevista, por alguns momentos direcionamos o diálogo para esta proeminente realidade que irá acontecer com este jovem. Portanto, sua participação equivale em termos de liderança aos que estão à frente da organização.

No seu depoimento A14, expressou:

Ter uma religião, é difícil e ao mesmo tempo fácil, pois como cristãos devemos saber separar as coisas do mundo e as coisas de Deus. Não é só porque eu tenho uma determinada religião que eu sou diferente de quem não tem, mas algumas pessoas acham que só porque eu sou evangélica eu tenho que ser aquela pessoa quieta, ou seja, não posso me expressar, não posso agir de uma forma diferente que eles já acham que estou errada, mas não é bem assim, porque mesmo com toda diferença em relação aos costumes de um e de outro, nós somos jovens que só querem ter um futuro brilhante, mas para isso devemos deixar essas críticas de lado. Só porquê uma pessoa tem uma religião e outra não, não significa que temos o direito de critica-las ou falar que esses dois tipos de pessoas não devem se misturar ou agir juntas, porquê para algumas pessoas isso é errado, o que na realidade não é (Resposta à P1, P2 e P3). Na minha opinião a escola é, e sempre será um lugar onde devemos falar do amor de Deus, porque ali se encontra muitos jovens que quase sempre precisam de uma palavra de conforto e muito mais, devemos sempre fazer esse momento, mas como sabemos a escola não é só para os evangélicos se expressarem e sim todos que queiram participar e se expressar (P4). (A14, Entrevista – Ensino Médio, 08.08.2017).

Anteriormente já tínhamos mencionado que esta jovem demonstrava uma capacidade de leitura muito perspicaz ao participar dos momentos de nossa pesquisa. Neste segundo momento não foi diferente, valendo-se deste talento nato seu relato externa aspectos preponderantes que entendemos estar associado ao que buscamos elucidar com nosso estudo. Embora percebamos algumas repetições no contexto de sua fala, o que nos chama atenção é que esta jovem possui um senso crítico muito

apurado, que a faz fazer uma leitura mais ampla das questões colocadas na entrevista. Quando apontamos que esta jovem possui um senso crítico, nos referimos a sua constante inquietação quando enfatiza que “não é só porque eu tenho uma determinada religião que eu sou diferente de quem não tem, mais algumas pessoas acham que só porque eu sou evangélica eu tenho que ser aquela pessoa quieta, ou seja, não posso me expressar”, urge aqui a necessidade de falar dizer o que pensa, o que sente, daí nos questionamos, onde ela teria esta oportunidade? Será que em sua igreja a mesma poderia externar estas percepções? É aqui que recai novamente a importância da escola como lugar do acolhimento, das diferenças, capaz de proporcionar aos jovens a liberdade que almejam, mas que ao que parece, eles não possuem nas denominações que professam e estão vinculados, onde as hierarquias são fortemente marcadas a partir de uma crença comum, de que os pastores são “homens de Deus”, condição esta que lhes confere um *plus* de poder, quase “sobrenatural”, na relação com os fiéis.

A jovem A15, relatou:

Ser cristã é ter uma vida legal, ter uma vida abençoada, também é estar firmados na presença, é uma coisa inexplicável, mais é muito importante também ser aquele jovem que faz a diferença (P1). Participo da oração é sempre bom agradecer a Deus todos os dias, agradecer por estar ali com saúde, pela família, pelo nosso lar, pela escola, pelos nossos amigos e por todos, é uma experiência bastante íntima com Deus, que também incentiva os outros amigos a orar (Resposta à P2, P3 e P4). (A15, Entrevista – Ensino Médio, 08.08.2017).

A entrevista que encerrou este percurso da coleta de informações procede-se em um clima muito positivo. O relato da jovem A15, corrobora com as demais impressões analisadas neste estudo, tendo obviamente aspectos singulares que evidenciam as ideias desta jovem estudante. Durante a entrevista a jovem mostrou - se muito contente por poder participar deste momento. Suas percepções agrega-se as colocações feitas por seu pares acerca da importância da religião em sua vida “é uma coisa inexplicável”, em seu imaginário a religião tem uma influência marcante. O que entendemos é que a jovem A15, percebe que o momento do encontro, mesmo sendo um ato público e coletivo, torna-se uma experiência íntima com Deus.

A realização do grupo de oração que aparentemente seria apenas uma simples reunião destes jovens em torno de uma prática de fé, vai além do que inicialmente

pode ser percebido. Esta experiência ultrapassou os limites de uma simples reunião para orar/rezar, ela tornou-se uma forte expressão da capacidade de articulação, organização e protagonismos destes jovens, gerando entre eles um sentimento de pertença consolidado pelas ações e trajetórias de cada um no espaço escolar e fora dele.

Por meio deste momento de oração foi possível percebermos as diferentes formas de entender e conceber o que é ser jovem, bem como, estes jovens atribuem um sentido as suas crenças e visões de mundo. Mesmo a escola tendo em sua constituição a laicidade proveniente de sua natureza institucional, a experiência religiosa protagonizada conseguiu ir além deste possível impedimento, sabendo estes jovens que a escola não pode apenas privilegiar uma única religião ou forma de religiosidade.

Desta forma, o momento de oração tornou-se a culminância e um encontro de trajetórias de vida, tendo como uma característica marcante a vida escolar, o fato de pertencer e se desenvolver em uma comunidade educativa. Tornou-se perceptível o compartilhamento de sentimentos, desejos e aspirações que colocadas em comum nesta experiência fortalecia ainda mais a condição de ser jovem de um dos participantes.

A vivência das pertenças religiosas, aliadas as condições de vida que cada um desses jovens enfrenta no seu cotidiano, são os elementos estruturantes que condicionam e tornam mais significativas a experiência coletiva. A escola tornou-se uma via para que estes jovens conseguissem legitimar sua condição, até mesmo os que não professam uma crença ou que associaram-se a esta experiência pelo fato de que ali estavam pessoas que lhe faziam bem, estreitando ainda mais os laços afetivos que os identificam.

Esta experiência contribuiu de forma incisiva, lavando cada um dos que participavam diretamente a entender como a sua juventude estava ligada intimamente aquilo que ele acreditava, como ser jovem é um momento impar da vida que não pode ser apenas reduzido a uma condição inferior por conta da idade ou da falta maturidade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Somente a escola pode terapeutizar a vivência da religião e as relações entre as religiões. Mas a escola como lugar de aprendizagens críticas e transdisciplinares dos conhecimentos espirituais, enquanto patrimônio cultural da humanidade. (ARAGÃO, 2016, p. 03)

Quando iniciamos a jornada do Mestrado em Educação, Culturas e Identidades, vislumbrávamos pesquisa acerca do processo de mobilidade religiosa e trânsito religioso que entendíamos ocorrer na escola que atuávamos como professor e que seria o campo da pesquisa. Na medida em que fomos vivenciando as disciplinas propostas pelo curso fomos formatando nosso objeto de estudo, e delimitando as vias para a sua concretude. Após período dedicado aos créditos, leituras e trabalhos voltados para o cumprimento desta etapa, passamos construir o projeto de pesquisa, instrumento imprescindível para o desenvolvimento deste estudo.

A construção do projeto nos direcionou para o exercício das fontes que seriam fundamentais para a instrumentalização de nossa proposta. As leituras, apontamentos e fichamentos realizados ao longo desta construção serviram de suporte para a construção de nossa base teórica conforme havíamos planejado para as etapas do projeto. Um momento impar nesta trajetória foi a realização do exame de qualificação, onde nos deparamos com as análises e as ponderações feitas pelos professores participantes da banca examinadora no intuito de que o projeto estivesse alinhado com as diretrizes de um trabalho acadêmico e que desse resposta ao problema de pesquisa suscitado. Foi um momento de aprendizado intenso, doloroso por alguns momentos, mas necessário para que o trabalho pudesse se transformar em um produto qualificado em seu conteúdo, formato e metodologia.

Portanto como fazer isso? Qual o caminho percorrer para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida e ofertar seus devidos resultados? Assim, nosso objetivo foi compreender como as experiências religiosas no espaço escolar influenciam o sentido da experiência juvenil dos jovens que estão concluindo o Ensino Médio em uma escola da rede pública estadual, localizada em um município da região canavieira de Pernambuco.

A definição do nosso objetivo proporcionou avançarmos e partir dos aspectos mais pontuais postos como objetivos específicos. Nosso objetivos específicos foram: Primeiro estudar os conceitos de juventudes, experiência e diversidade religiosas no espaço escolar. Segundo entender a dinâmica de vida dos sujeitos da pesquisa, a

comunidade escolar/a escola campo de pesquisa, e o que é uma escola pública que atende os filhos provenientes de famílias que ainda vivem o ciclo da cana-de-açúcar. Terceiro, analisar os dados coletados, construídos por meio da realização dos grupos de discussão e as entrevistas individuais. Ao elencarmos os objetivos específicos da pesquisa definimos a ordem para o posicionamento dos capítulos que fazem parte da dissertação.

Estrutura definida, passamos a operacionalizar a pesquisa nos debruçando sobre a parte teórica, o estudo dos conceitos operativos que foram discutidos no primeiro momento da produção de escrita. Mas, como nossa proposta de estudo foi de caráter qualitativo, nos preparamos para a etapa da pesquisa de campo, onde faria a coleta e a construção dos dados que analisaríamos nos capítulos seguintes de nossa dissertação.

A experiência de campo foi um momento singular, conseguimos por meio das ações e estratégias definidas, realizamos o exercício de observação participante e nos aproximamos dos sujeitos e do momento que era protagonizado pelos jovens do ensino médio na escola campo da pesquisa. Os caminhos da observação participante nos levou a outro importante momento que, consideramos crucial para o levantamos de informações e dados, refiro-me as conversas informais, onde investigamos detalhes preciosos acerca da trajetória de vida e escolar de cada um dos jovens participantes.

Quando realizamos a coleta dados optamos em aplicar a técnica de grupos focais, promovendo entre os jovens selecionados para participarem, grupos de discussão. Foi por meio da realização destes grupos que efetivamente nossos jovens começaram a externar suas ideias e pensamentos. Para que a técnica fossem bem sucedida e o resultados destes grupos pudessem contribuir para o desenvolvimento de nossa pesquisa, tivemos o cuidado de preparar bem os ambientes onde os encontros foram realizados, de explicar aos jovens participantes os objetivos da pesquisa, nossa condição enquanto pesquisador e professor da unidade de ensino, enfatizando que a qualquer momento quem não desejasse mais participar não teria problema algum.

Assim na operacionalização dos grupos de discussão utilizamos o questionário semi-estruturado, instrumento previamente preparado, contendo para a realização destes grupos as seguintes perguntas: 1ª O que é ser jovem hoje? 2ª O que representa este momento para você? Quais os desafios de ser jovem?

Os grupos de discussão foram realizados em três momentos distintos como já explicamos na contextualização da escrita. Os jovens foram divididos nestes momentos, a sessão durou em média uma hora e meia. Antes de acionarmos o dispositivo de gravação sempre fazíamos um preâmbulo, orientando e em alguns momentos acalmando os jovens, para a participação nas discussões. Como pesquisador ressalto que foi um momento muito singular de aprendizado, como é importante escutar estes jovens, observar como são diferentes, mas ao mesmo tempo assemelham-se nos sentidos, desejos, percepções e visão de mundo. O que entendemos deste momento é que estes jovens possuem imensa capacidade de criar códigos, símbolos e desenvolver relações a partir da forma como desenvolvem suas subjetividades, atribuindo os devido significados nas relações que constroem. É neste hiato que indicamos que a religião tem uma influência muito significativa na percepção que estes jovens possuem acerca do que é ser jovem hoje, e como viver a condição juvenil a partir da definição de uma pertença religiosa institucional.

Sem dúvida que o exercício de escutar os jovens estudantes foi prazeroso e ao mesmo tempo instigante, como já mencionamos, cada um deles é um universo diferente, mais quando estão juntos representam uma categoria social que tornou-se objeto de análise de diversos estudiosos em campos do conhecimento diferentes. Estudar as juventudes não é uma tarefa simples, torna-se necessário mergulhar em seu universo, entender seus trejeitos e códigos, bem como partilhar de suas aspirações, desejos, sonhos e projetos.

Algo muito expressivo que guardo como aprendizado, foi a necessidade de escutar os jovens. Valendo-se de prerrogativas da sociologia da juventude que indica que ser jovem é uma condição que coloca o pesquisador deste campo em constante exercício de reflexão, o ato de ouvir as vozes destes jovens que vivem e experimentam este momento é algo prazeroso e ao mesmo tempo fascinante, pois, na medida em que as vozes ecoaram por meio dos grupos de discussão ou pelo momento pontual das entrevistas, os jovens estudantes sentiram-se valorizados, simplesmente pelo fato que de seus pensamentos estava sendo motivo de investigação.

Momento impar da realização deste trabalho, as entrevistas individuais, foi onde conseguimos coletar as impressões mais singulares cada um dos jovens, sendo possível assim, compreendermos como determinados fatores, em nosso caso mais respectivamente o de entender como a religião tem uma influência preponderante na formação, atuação e nas experiências religiosas no contexto do espaço escolar. Desta

forma, foi possível analisar os relatos ofertados, expondo e problematizando o que estes jovens entendem e percebem da importância da religião em suas vidas, bem como, de sua presença e influência no âmbito a escola.

A prática religiosas destes jovens, associadas as condições de vida que cada um deles enfrentam no seu cotidiano, são fatores estruturantes que condicionam e tornam mais significativas a experiência coletiva. A escola tornou-se caminho para que estes jovens tivessem a condição de legitimar, até mesmo os que não professam uma crença ou que associaram-se a esta experiência pelo fato de que ali estavam pessoas que lhe faziam bem, estreitando ainda mais os laços afetivos que os identificam. Entendemos que a experiência contribui de forma direta, lavando cada um dos que participavam a perceber como a sua juventude está ligada intimamente aquilo que ele acreditava, como ser jovem é um momento diferenciado vida que não se reduz a conceitos diminutivos, quando apontam para os jovens a falta de experiência e maturidade.

Nossa dissertação nos propiciou um aprendizado concreto acerca de elementos que não são na maioria das vezes observado no cotidiano escolar. Práticas religiosas no ambiente de uma escola, configuram-se como praticas públicas, por ocorrer em um âmbito de domínio público. Sendo assim, fazem parte também da constituição da comunidade educatica, formada não só pelos docentes mais sobre tudo pelos estudantes protagonistas destas práticas. A religião como cultura universal se apresenta como ponto de relevância para o entendimento da realidade e construção de significados e símbolos.

Vivemos um contexto histórico propício para isto, pois, a cada momento, percebemos que os elementos do sagrado estão em plena interação com as diversas situações vigentes, tais como guerras, crise, ideologias e mudanças políticas. A religião é, um universo que deve ser explorado, dela sendo retiradas indagações e respostas para os variados anseios do homem. Como pressuposto necessário para que isso aconteça, destacamos a figura fundamental do pesquisador. Ele exerce uma função ímpar, de captar, investigar e produzir um conhecimento concreto para que as tradições religiosas, a diversidade existente e suas manifestações sejam igualmente valorizadas e respeitadas por aqueles que, nelas depositam sua crença, e constituem-as como um fundamento para as trajetórias de vida.

A linguagem religiosa é, em seu sentido primário, participativa e invocativa, e não empírica e imparcial. É uma linguagem que baseia a ação humana em imagens

sobre a natureza do mundo, e que é exemplificada em escrituras ou seus equivalentes orais. A linguagem religiosa não é só uma explicação do mundo, mas um modo para os adeptos, de habitar o mundo.

As diversas práticas da religiosidade se relidas levando em consideração a sua historicidade e as relações reconstruídas a cada reencontro com as manifestações religiosas propiciam-nos desatar alguns nós que nos permitem entender o mosaico cultural e religioso brasileiro. Além do que abrem, ainda, possibilidades de reflexão sobre o vivido e sobre os costumes herdados, balizando as teias que robustecem a reelaboração das expressões religiosas nas suas mais diversificadas formas de experimentação e materialização cotidiana. A experiência destes jovens em manifestar suas práticas religiosas no espaço escolar, é algo que despertou não somente nosso interesse acadêmico, em analisar de diversos ângulos o fenômeno, mais sobre tudo pela vontade e desejo destes jovens viverem intensamente aquilo que desejam e que dão sentido as suas vidas, tendo como espaço privilegiado para a vivencia disto a escola. Neste intervalo de tempo que dediquei a pesquisa, ao exercício de observação, procuramos interagir, entender adentrar neste universo tão especial que o mundo da juventude. Os jovens que participaram desta pesquisa todos atualmente escolheram rumos diferenciados, boa parte decidiu enfrentar longas viagens noturnas para cursarem uma faculdade em cidades circuvzinhas como Caruaru e Vitória de Santo Antão, priorizando assim a busca pelo realização de seus projetos de vida. Outros por conta das condições econômicas, labutam em seus afazeres domésticos ajudando seus pais e tentando reunir codições para galgar seus sonhos.

São histórias de vidas que não terminam com a conclusão do ensino médio, na verdade iniciam a grande jornada rumo a vida adulta, vislumbrando a estabilidade e a possibilidade de vencer na vida. As religiosidades continuam sendo instrumentos de localização e afirmação no mundo, os jovens continuam depositando em suas práticas religiosas um sentido direto, agora não mais sendo vivenciado no espaço escolar, mais sendo vivenciado em outros espaços mais amplos que a escola. A escola é um espaço que pode proporcionar o encontro das diferenças, da diversidade, sua constituição inclusiva pode contribuir de forma incisiva para o entendimento das realidades humanas. A escola é o local dileto para conhecer, entender e respeitar os conhecimentos culturais e religiosos produzidos pelo homem e seus diversos grupos humanos.

## 5. REFERÊNCIAS:

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Abramo, 2005.
- ALMEIDA, R. & BARBOSA, R. Transmissão religiosa nos domicílios brasileiros. *IN*: TEIXEIRA, Fustino; MENEZES, Renata (ors.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ANDRADE, Manoel Correia de Oliveira; ANDRADE, Sandra Maria Correia de. **A cana – de - açúcar na região da mata pernambucana - restauração produtiva na área canavieira nas décadas de 80 e 90: impacto ambiental, sócio - econômico e político**. Recife: Editora UFPE, 2001.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2009.
- ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Buscando rigor e qualidade**. Cadernos de Pesquisa, n.113, p.51-64, julho/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf>
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary; WAISELFISZ, Júlio Jacob. (Orgs). **Juventudes na escola, sentido e buscas: por que frequentam?** Brasília: Flasco, MEC, 2015.
- ARAGÃO, Gilbraz. **Entrevista ao Diário de Pernambuco**. Recife: 15.10.2016. Disponível em: [http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/vida-urbana/2016/10/15/interna\\_vidaurbana,156029/entrevista-gilbraz-aragao.shtml](http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/vida-urbana/2016/10/15/interna_vidaurbana,156029/entrevista-gilbraz-aragao.shtml)
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE PERNAMBUCO. **Lei n.º 125 de 10 de julho de 2008**. Disponível em: <http://legis.alepe.pe.gov.br/arquivoTexto.aspx?tiponorma=2&numero=125&complemento=0&ano=2008&tipo=TEXTOATUALIZADO>>. Acesso em Nov.2017
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BARCELLOS, Joycimar. ANDRADE, Marcelo. **A religião entra na escola pública: uma análise da intolerância religiosa na escola**. *IN*: XVII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2014.

- BARCELLOS, Joycimar. **Diversidade religiosa e cotidiano escolar: nuances desta relação na percepção dos professores**. A religião entra na escola pública: uma análise da intolerância religiosa na escola. *IN*: IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *IN*: **Mágia e Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN – OSBORNE, Andrew – Peter. **A Filosofia de Walter Benjamin: Destruição e Experiência**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *IN*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- BONDÍA LORROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e saber da experiência**. *IN*: Revista Brasileira de Educação, n.º 19. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.
- CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. *IN*: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CHARLOT, Bernard. A de relação com o saber: bases de apoio teórico e fundamentos epistemológicos. *IN*: **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Poro Alegre: Artemed, 2001.
- CECCHETTI, Elcio. **Diversidade religiosa e currículo escolar: presenças, ausências e desafios**. *IN*: Seminário de Pesquisa da Região Sul. Chapecó: UNICHAPECÓ, 2014, p. 04.
- CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A Persistência dos Deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo: UNESP, 2004.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. n.24, p. 40-52, set - dez. 2003.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. *IN*: DAYRELL, Juarez (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

- DELORS, Jacques (orgs.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 2001.
- DEWEY, John. **Experiência y Educación**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1958.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. *IN*: DEWEY, John. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Curitiba: Editora UFPR, Educar, nº. 24, 2004.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. *IN*: ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary; WASELFISZ, Júlio Jacob. (Orgs). **Juventudes na escola, sentido e buscas: por que frequentam?** Brasília: Flasco, MEC, 2015.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude**. *IN*: Dossiê: A atualidade do conceito de geração na pesquisa sociológica. Soc. estado. vol.25 no.2 Brasília May/Aug. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003)
- FERREIRA, Nicholas Gabriel Minotti Lopes. **O papel da experiência na filosofia de John Dewey**. Vol. 4, nº 2, 2011.
- GHANEM, Elie; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação e Diversidade Cultural no Brasil: ensaios e práticas**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2014.
- GORGES, Maria Cláudia. **O conceito de experiência e as experiências da certeza sensível e percepção**. Campinas: Dissertação de Mestrado, 2014.
- GROPPO, Luís Antonio. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas Juvenis**. Florianópolis: Em Tese, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015.
- GIUMBELLI, Emerson. **A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 28(2): 80-101, 2008.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HAGUETE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: A religião em movimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/agua-preta/panorama>>. Acesso em Out. 2017.

JÚNIOR, Jorge Cláudio Noel Ribeiro. Juventude e religião: diversidade e autonomia. IN: OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro; MORI, Geraldo de. (orgs). **Mobilidade religiosa: linguagens, juventude, política**. São Paulo: Paulinas, 2012.

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Belo Horizonte: Psicologia em Revista, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres**. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, v.32, n.1, p. 31-48, jan./abr. 2006.

MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo: um estudo psicossocial da identidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

MARGULIS, M & URRESTI, M. La juventude es más que una palabra. IN: MARGULIS, M. (org). **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARIZ, C. & GRACINO JR., P. **As igrejas pentecostais e o censo de 2010**. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, publicado em 30.06.2012.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa: a experiência humana do divino**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior; BERTOLI, Naiana de Freitas. Jovens evangélicos moradores de favelas: algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. **Synthesis**, v.7, n. 1, 2014, p. 63-74.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

MONTERO, Paula. **Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil**. São Paulo: CEBRAP, Novos Estudos, n.º 74, p. 46-74, 2004.

MONTEIRO, Ana Clédina R. **A Formação de Professores e a Diversidade Cultural nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Licenciatura em Matemática**. 2013. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MÜLLER, Ricardo G. Razão e utopia: **Thompson e a história**. Tese de Doutorado em História Social. Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MURICY, Katia. **A magia da linguagem: filosofia, linguagem e escrita em Benjamin**. Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor - Benjamin pensa a educação, São Paulo, março, 2008.

MURANAKA, Fabiana. **Referências sobre o conceito de experiência em Walter Benjamin**. Disponível em: [www.sieduca.com.br/2006/admin/upload/73.doc](http://www.sieduca.com.br/2006/admin/upload/73.doc)

NEVEZ, Josélia Gomes. Cultura escrita e narrativa autobiográfica: implicações na formação docente. *IN*: AMARGO, MRRM. (org). SANTOS, VCC. collab. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-126-3. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/14418329-Cultura-escrita-e-narrativa-autobiografica-implicacoes-na-formacao-docente.html>>.

NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. *IN*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religião no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, Anísio S. A Pedagogia de Dewey. *IN*: DEWEY, John. **Vida e educação**. Tradução e estudo preliminar por Anísio Teixeira. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? *IN*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Abramo, 2005.

NOVAES, Regina; FONSECA, Alexandre Brasil. Juventudes brasileiras, religiões e religiosidade: uma primeira observação. *IN*: ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Unesco, 2009.

- NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. IN: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PAIS, José Machado. **Traços e riscos de vida**. Porto: AMBAR, 2000.
- PAROLIN, Izabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2007.
- PEREGRINO, Mônica. **Juventude, trabalho e escola: elementos para a análise de uma posição social fecunda**. Campinas: Cadernos Cedes, vol. 31, n.º 84, maio-ago, 2011.
- PEIRUCCI, Antonio Flavio. Cadê a nossa diversidade religiosa? IN: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.) **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. IN: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SAVIANI, Dermeval *et al.* (Org.). **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SIEPE - SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO. Relatório Anual (2017). Disponível em: <http://www.siepe.educacao.pe.gov.br/>
- SILVA, Girlan Cândido da. **A Agroindústria Canvieira na Zona da Mata Sul de Pernambuco: o caso de Catende**. Recife: UFPE, 2008. Monografia (Graduação em Geografia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.
- SILVA, Maria Edi. **Diversidade religiosa na escola pública: um olhar a partir das manifestações populares dos ciclos festivos**. Recife: UFPE. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. 2011.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventudes e contemporaneidade**. IN: Revista Vida Pastoral. São Paulo: Paulus, ano 54, n.º 288, janeiro – fevereiro, 2013.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e escolarização**. Brasília: INEP/COMPRED, Estado do Conhecimento, 2002.
- TAVARES, Maurício Antunes. Um olhar para a sociologia da juventude a partir dos conceitos de geração e moratória social. IN: SILVA, Tarcisio Augusto Alves da. (org). **As Juventudes e seus diferentes sujeitos**. Recife: EDUFRPE, 2017.

TAVARES, Mauricio Antunes. **O papel da experiência na formação de novas subjetividades coletivas de jovens das sociedades periféricas.** *IN*: XXIV Congresso ALAS CHILE, 2013.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010.** Petrópolis: Vozes, 2013.

THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

WELLER, Wivian. Grupos de Discussão na Pesquisa com Adolescentes e Jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa.** São Paulo: v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

WILLEMBORG, Tiago. **Diversidade religiosa nas escolas.** *IN*: Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – UFJF. Sacrilogens, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 15-34, jul-dez/2013.